

*Os
Cem Melhores
Poetas Brasileiros
do Século.*



Seleção de JOSÉ NÊUMANNE PINTO

Ilustrações de TIDE - HELLMEISTER



GERAÇÃO

EDITORIAL

OS CEM MELHORES
POETAS BRASILEIROS DO SÉCULO

Amigo Soares Ferreira,
este esboço para deixar
vivo o que se promulgou
na poesia brasileira do
século 20.

Mexmann

17/04/2023

*Os Melhores
Poetas Brasileiros
do Século.*

Seleção de JOSÉ NÉUMANNE PINTO

Ilustrações de TIDE • HELMEISTER

Textos introdutórios
e notas biobibliográficas de
RINALDO DE FERNANDES

Pesquisa, revisão dos poemas
e coordenação de direitos autorais
SANDRA MOURA

2ª edição

GERAÇÃO

EDITORIAL

OS CEM MELHORES POETAS BRASILEIROS DO SÉCULO

Copyright © by

Afonso Ávila, "Discurso da difamação do poeta (11/ Pobre velha música)", mediante autorização da Summus Editorial.
Ascenso Ferreira, "Filosofia", mediante autorização da Nordestal Editora e Produções Culturais Ltda.
Augusto Frederico Schmidt, "A partida", mediante autorização da Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
Francisco Alvim, "Espelho", mediante autorização da Cia. das Letras.
José Camelo de Melo Resende, "O pavão misterioso", mediante autorização da Editora Luzeiro Ltda.
José Pacheco da Rocha, "A chegada de Lampião no inferno", mediante autorização da Editora Luzeiro Ltda.
Manuel Bandeira, "Porquinho-da-india", © Antonio Manuel Bandeira R. Cardoso, José Cláudio Bandeira R. Cardoso, Carlos Alberto Bandeira R. Cardoso,
Maria Helena C. de Souza Bandeira e Marcos Cordeiro de Souza Bandeira, mediante autorização da Editora Nova Fronteira.
Marly de Oliveira, "Epigrama", © by Marly de Oliveira, mediante autorização da Editora Nova Fronteira.
Raul Bopp, "Cobra Norato (XVIII)", mediante autorização da Editora José Olympio e os herdeiros do poeta.
Roberto Piva, [abandonar tudo. conhecer praias. amores novos.], mediante autorização da L&PM Editores Ltda.
Sosigenes Costa, "Case comigo, Mariá", mediante autorização da Editora Cultrix Ltda.
Vinícius de Moraes, "Poema de Natal", mediante autorização da V.M. Produções, Publicidade & Participações Ltda. e da Cia. das Letras.
Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond, © Condomínio dos Titulares dos Direitos de Autor de Cecília Meireles.
Os demais autores autorizaram pessoalmente a publicação de seus poemas. Direitos reservados.

1ª edição – Janeiro de 2001
1ª reimpressão – Março de 2001
2ª edição – fevereiro de 2004

Editor
Luiz Fernando Emediato

Seleção de
José Nêumanne Pinto

Textos introdutórios e notas biobibliográficas de
Rinaldo de Fernandes

Pesquisa, revisão dos poemas e coordenação de direitos autorais
Sandra Moura

Diagramação e editoração eletrônica
Alan Maia

Capa e ilustrações
Tide Hellmeister

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

Os cem melhores poetas brasileiros do século / seleção de José Nêumanne Pinto ; textos introdutórios e notas biobibliográficas de Rinaldo de Fernandes ; pesquisa, revisão dos poemas e coordenação de direitos autorais Sandra Moura ; [ilustrador Tide Hellmeister]. 2. ed. -- São Paulo : Geração Editorial, 2004.

Vários autores.
Bibliografia
ISBN- 85-7509-003-8

I. Poesia brasileira – Século 20 – Coletâneas 2. Poetas brasileiros – Biografia I. Pinto, José Nêumanne. II. Fernandes, Rinaldo de. III. Moura, Sandra. IV. Hellmeister, Tide.

00-5306

CDD-869.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira 869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira 869.915

Todos os direitos reservados
GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTDA.
Rua Prof. João Arruda, 285 – 05012-000 – São Paulo – SP – Brasil
Tel. (11) 3872-0984 – Fax: (11) 3871-5777

GERAÇÃO NA INTERNET
www.geracaoobooks.com.br
geracao@geracaoobooks.com.br

2004
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

<i>“Uma demão de prosa” – José Nêumanne Pinto</i>	11
<i>Nota dos pesquisadores</i>	19

1. PRÉ-MODERNISMO

Alberto de Oliveira	25
Alphonsus de Guimaraens	26
Augusto dos Anjos	28
Da Costa e Silva	44
Felipe D’Oliveira	46
Machado de Assis	49
Olavo Bilac	50
Pedro Kilkerry	61
Raul de Leoni	62
Vicente de Carvalho	63

2. MODERNISMO

Antônio Girão Barroso	71
Ascânio Lopes	72
Ascenso Ferreira	73
Augusto Frederico Schmidt	74
Augusto Meyer	77
Carlos Drummond de Andrade	80
Cassiano Ricardo	81
Cecília Meireles	83
Dantas Mota	84
Dante Milano	86
Guilherme de Almeida	87
Henriqueta Lisboa	88
Joaquim Cardozo	90
Joel Silveira	92
Jorge de Lima	94
Manuel Bandeira	96

Mário de Andrade	97
Mário Quintana	109
Menotti del Picchia	110
Murilo Mendes	111
Odylo Costa, filho	112
Oswald de Andrade	113
Pedro Dantas	114
Raul Bopp	117
Ribeiro Couto	118
Ronald de Carvalho	120
Sosígenes Costa	124
Vinícius de Moraes	129

3. GERAÇÃO DE 45

Carlos Pena Filho	135
Domingos Carvalho da Silva	136
Fernando Ferreira de Loanda	139
Geir Campos	141
Geraldo Pinto Rodrigues	142
José Paulo Moreira da Fonseca	143
Lêdo Ivo	144
Mauro Mota	146
Paulo Bomfim	148
Paulo Mendes Campos	150
Péricles Eugênio da Silva Ramos	154

4. CONCRETISMO, NEOCONCRETISMO, PRÁXIS E POEMA-PROCESSO

Álvaro de Sá	159
Augusto de Campos	160
Dailor Varela	161
Décio Pignatari	162
Ferreira Gullar	163
Haroldo de Campos	165
Mário Chamie	166
Wladimir Dias-Pino	168

5. CONTEMPORÂNEOS

Adélia Prado	175
Affonso Ávila	177
Affonso Romano de Sant'Anna	179
Alberto da Costa e Silva	194

Alberto da Cunha Melo	195
Alexei Bueno	197
Ariano Suassuna	198
Armando Freitas Filho	201
Bandeira Tribuzi	207
Braulio Tavares	209
Bruno Tolentino	212
Carlos Nejar	214
Chacal	215
Dora Ferreira da Silva	216
Eduardo Alves da Costa	218
Francisco Alvim	222
Francisco Carvalho	223
Gerardo Mello Mourão	225
Gilberto Mendonça Teles	228
Hilda Hilst	230
Ildásio Tavares	231
Ivan Junqueira	235
João Cabral de Melo Neto	238
José Chagas	240
Lélia Coelho Frota	241
Leonardo Fróes	243
Mário Faustino	244
Marly de Oliveira	246
Moacyr Félix	247
Neide Archanjo	261
Orides Fontela	262
Paulo Leminski	264
Roberto Piva	265
Ruy Espinheira Filho	266
Sebastião Uchoa Leite	268
Sérgio de Castro Pinto	269
Thiago de Mello	273

6. POETAS POPULARES

José Camelo de Melo Resende	281
José Pacheco	286
Manoel Camilo dos Santos	294
Otacílio Batista	302
Patativa do Assaré	304
Zé da Luz	311
<i>Bibliografia</i>	315
<i>Sobre o organizador e os pesquisadores</i>	323



Uma demão de prosa

José Nêumanne Pinto

Quando o amigo, editor e ex-companheiro de *Estadão* Luiz Fernando Emediato me convocou para organizar uma antologia dos 100 melhores poetas brasileiros do século, minha primeira reação foi topar. E topei, de bate pronto. Mas meu amarfanhado travesseiro recebeu a decisão com desapatamento, por achá-la frívola e precipitada. Frívola, por não ser este escriba um professor de literatura, um especialista em poesia ou mesmo um crítico, ou seja, um organizador com méritos e legitimidade acadêmicos e culturais, mas apenas um poeta bissexto e um leitor de poesia. E precipitada, porque na certa muitas mágoas secretas serão destiladas por amigos ou conhecidos deixados de fora – alguns na certa injustamente. Só que não havia mais como voltar atrás.

O próprio Emediato, escritor de sucesso, cronista premiado, primeiro editor do *Caderno 2*, encarregou-se de me tranquilizar, afirmando que o eventual comprador deste livro seria informado, de saída, que não se tratava de uma decisão colegiada, mas da escolha individual de um profissional do jornalismo e literato amador. Por isso, faço questão, antes mesmo de apresentar os poetas selecionados e comentar o prazer e a canseira provocados pela exaustiva leitura e, principalmente, pela dúvida no instante da escolha, de registrar o truísmo de que uma antologia, qualquer antologia, resulta, quase sempre, de solitárias decisões individuais, nascidas muito mais do gosto pessoal de quem a organiza do que de critérios objetivos e cânones acadêmicos – muito embora esses também pesem.

Pois fique claro que essas opções pessoais estarão sempre contaminadas por idiosincrasias, mas também por leituras e pela auto-imposição de obras

que, de tão importantes, terminam entrando em campo com desenvoltura e sem pedir licença como, sem pedir licença entrou no céu a “Irene preta, Irene boa, Irene sempre de bom humor”, de Manuel Bandeira, um dos maiores dentre os 100 maiores poetas brasileiros deste século agonizante. Da mesma forma, o respeito do organizador por alguns especialistas fê-lo algumas vezes preferir escolhas alheias às que ele próprio faria.

Essa influência começou na leitura de uma antologia muito conhecida e respeitada, a de Manuel Bandeira e Walmir Ayala, e seguiu por outras, também de alta relevância, preparadas por professores e escritores de renome, como Moacyr Félix, Heloísa Buarque de Hollanda, Augusto Massi, Assis Brasil, Magaly Trindade Gonçalves, Zélia Thomaz de Aquino e Zina Bellodi Silva, entre outros.

Esta é, em resumo, uma verdade minha. Não terá de ser forçosamente de ninguém mais, incluindo você, preclaro leitor.

IMAGENS DE INFÂNCIA

Imagens da infância, a preparação para a morte, o amor e a loucura são alguns dos assuntos abordados pelos poetas selecionados. A permanência da criança no homem, tema do belíssimo “Infância”, de Paulo Mendes Campos, vai e volta nos versos aqui publicados.

Quando comecei a consultar os livros disponíveis em minhas próprias estantes para dar o pontapé inicial à tarefa, a primeira imagem que me ocorreu foi a do adolescente 35 anos mais jovem e 20 quilos mais leve na calçada da exígua livraria das Edições de Ouro, à rua Irineu Joffily, em Campina Grande, Paraíba, folheando, avidamente, o pequeno e tosco volume da antologia de poesia brasileira, organizada por Manuel Bandeira e Walmir Ayala.

Minhas fatigadas retinas de míope quase cinquentão jamais se esquecerão do impacto nelas causado pela leitura dos primeiros versos de “O Poema”, de Mário Quintana, e de “Poema Terciário”, de Domingos Carvalho da Silva. São dois textos que nunca poderiam faltar aqui. “Cavalos já foram pombos de asas de nuvem” e “um poema como um gole d’água bebido no escuro” são versos inesquecíveis e conexões com a nostalgia da adolescência.

No Cine Capitólio, diante da pequena loja de livros, o mesmo adolescente míope se encantou com a seqüência final de *Terra em Transe*, a obra-

prima de Glauber Rocha e do Cinema Novo. Nela, o poeta e repórter Paulo, interpretado por Jardel Filho, lia um belíssimo poema. Escrito por Mário Faustino, “Balada (em memória de um poeta suicida)”, que já tinha merecido uma citação antropofágica num poema antigo (de **Tábuas do Sol**, meu primeiro livro de poesia), figura nesta coletânea, apesar de nunca ter sido selecionado para nenhuma outra antologia de poetas brasileiros – pelo menos entre as que conheço. “Tanta violência, mas tanta ternura” – que pancada!

Na Praça Clementino Procópio, na frente do cinema e da livraria, costumava recitar para os amigos (Zé Romão, William, Ariberto, Agnaldo, Iremar, Arnaldo, Aderaldo, Chico Maria...) o soneto “Vandalismo”, de Augusto dos Anjos. Apesar de ser até hoje o único poema em português que sei de cor, incluindo os meus, ele cedeu lugar nesta coletânea a “As cismas do destino”, por insistência de Braulio Tavares, que fazia parte daquela antiga ágora campinense, também selecionado. Cedi sem muita resistência. Também está presente na mente caótica e no combalido coração deste antologista a primeira visita à ponte Buarque de Macedo sobre o Capibaribe, em Recife.

O professor de matemática e proprietário da maior biblioteca de folhetos de cordel do Brasil Átila Almeida não participava dessa ágora nem está mais no mundo dos vivos para dar palpites nesta antologia. Mas devo-lhe o conhecimento da obra de José Chagas, poeta paraibano-maranhense, que ele considerava “o maior do Brasil”. Assim como devo à insistência do romanista baiano Roniwalter Jatobá a inclusão de “Case comigo, Mariá”, de seu conterrâneo Sosígenes Costa, tema de meu primeiro encontro com o saudoso amigo José Paulo Paes. Ao escritor cearense Mario Pontes, antigo companheiro do **Jornal do Brasil**, devo a lembrança das qualidades evidentes de “Último poema”, de seu patricio Girão Barroso.

NO PAÍS DOS BISSEXTOS

Seria absurdo transformar esta antologia num rosário de ligações sentimentais. Pode crer que não faria isso com o leitor mais desavisado.

Há, como já escrevi, os inevitáveis. Um desses é “O caçador de esmeraldas”, de Olavo Bilac, incluído, apesar de Rinaldo de Fernandes, professor de literatura na Universidade Federal da Paraíba, atualmente fazendo pós-

graduação na Unicamp, ter outra preferência. Ele, com Sandra Moura, doutoranda da PUC de São Paulo e também professora da Universidade Federal da Paraíba, foi de grande auxílio, aparceirando-se até, na elaboração deste trabalho, que não teria esta forma, se não fosse sua pesquisa de estudos clássicos da poesia brasileira, feitos por autores do quilate de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Regina Zilberman, Antonio Candido e José Aderaldo Castello. Afinal, Rinaldo não é propriamente um apreciador dos poemas nacionalistas do mestre parnasiano. Mas teimei em mantê-lo, mercê do entusiasmo que desperta sua leitura num dos poetas vivos que mais admiro, evidentemente incluído, o pernambucano Alberto da Cunha Melo.

Haverá quem proteste pela inclusão de Machado de Assis entre os poetas. De fato, o bruxo do Cosme Velho não era propriamente poeta, como o foram Olavo Bilac e Alberto de Oliveira. Mas Machado tinha tal gênio e o poema que fez para a mulher morta (“A Carolina”) é tão pungente e belo que me farei surdo a qualquer queixa que vier.

Além disso, há outros não-poetas nesta antologia. O editor José Mario Pereira sentirá a falta de “O defunto”, de Pedro Nava, bissexto recolhido em várias coletâneas, inclusive na citada no início deste texto. E é mesmo uma ausência sentida. Mas preferi outros, digamos, “amadores”. Um candidato forte a “menos poeta” dentre os 100 maiores talvez seja o dramaturgo Ariano Suassuna. Mas, depois de ouvir o CD que Antônio Madureira gravou com sonetos dele por ele lidos, fiquei fascinado com esse lado desconhecido do autor de **O auto da compadecida**. A ironia é que acabei selecionando um poema que não consta do CD, mas do qual gosto muito: “A Francisco Brennand”. Outro forte candidato poderia ser o repórter Joel Silveira, mas Bandeira já o incluía numa antologia de bissextos, que repeti aqui, para representar todos os bissextos neste País de bissextos, mas não necessariamente tão bons como ele.

A ESCOLHA DO POEMA

Logo nas primeiras reuniões com Emediato, decidiu-se mais uma dificuldade para este organizador: seria selecionado obrigatoriamente apenas um poema de cada poeta. Aí, pesou uma vez mais a preferência pessoal, mas muitas vezes o próprio poema se impôs e há também outras considerações que merecem serem contadas, caso a caso.

Minha lembrança infantil batalhou por “Essa Nêga Fulô”, mas, ao longo dos anos, aprendi a venerar “Invenção de Orfeu”, de Jorge de Lima. Por isso, escolhi um excerto dele, como excertos foram escolhidos de “Cobra Norato”, de Raul Bopp, “Discurso da difamação do poeta”, de Affonso Ávila, “Invenção do mar”, de Gerardo Mello Mourão, e “Ilhas idílicas”, de Neide Archanjo. Sem falar nos folhetos de cordel, que merecerão referência à parte logo mais adiante.

Ser-me-á mais difícil explicar por que escolhi “Porquinho-da-Índia”, e não “Pasárgada”, “Momento num café” ou “Pneumotórax”, tidos e havidos como os maiores poemas de um poeta maior, Manuel Bandeira. Pesou, é claro, a campanha feita por Tereza Sousa. E foram definitivos o fato de o poema conter uma malícia irresistível e “Pneumotórax” ter sido substituído por “Sanatório”, pequena obra-prima de Ascânio Lopes, que representa Cataguases, berço de grandes poetas, de Rosário Fusco a Luiz Ruffato, passando por Joaquim Branco e Francisco Marcelo Cabral – todos bem representados aqui pelo maravilhoso soneto escolhido.

“No meio do caminho” também não foi uma escolha pacífica. Serão muitos os que seguirão a opinião de meu colega Lourenço Dantas Motta, filho do poeta modernista, outro selecionado, que preferia, de longe “A Máquina do mundo”. Outros sentirão falta de “José”. O poema escolhido nem é o meu favorito, mas se impôs porque continua a desafiar a crítica e provocando reboliço. Como se acaba de ver.

Fique registrado que este não foi o único caso em que um preferido meu tombou diante dos fatos. Talvez o melhor exemplo disso seja o de “Improviso no bar Savoy”, de Carlos Pena Filho, substituído por “Soneto do desmantelo azul”, preferido do boêmio pernambucano Aluízio Falcão.

PRESEÇA DA VANGUARDA

A vanguarda, que fez muito barulho entre os anos 50 e 70 e, depois, recolheu-se em guetos acadêmicos, não poderia faltar. Não dá para traçar panorama algum da poesia brasileira excluindo a poesia concreta de Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Os três figuraram daquela antologia de Bandeira e Ayala, ao lado de Cassiano Ricardo, que também andou fazendo suas experimentações.

Pensando bem, ficou faltando a instauração práxis, muito embora seu instaurador, Mário Chamie, um dos maiores poetas vivos do Brasil, esteja

presente, ao lado de outro egresso, o carioca Armando Freitas Filho. Só que os poemas escolhidos não são do movimento, mas da produção posterior de ambos os poetas. Esses poemas podem representar a morte da experimentação, que pretendia matar a palavra como instrumento de expressão poética.

Por falar em morte da palavra, o poema/processo comparece com Álvaro de Sá e Dailor Varela. Infelizmente, não seria possível reproduzir, por causa das complicações gráficas, a mais importante obra do movimento, “A ave”, mas o autor, Wladimir Dias-Pino, se faz presente com um poema de palavras e intitulado “As palavras”. Significativo, não?

Da geração do mimeógrafo, resistente na guerra pela sobrevivência das palavras na poesia escolhi Chacal. Resisti à pressão para incluir Ana Cristina César, o que certamente desagradará seus devotos. Mas não podemos agradecer a todos, não é?

A TURMA DA FEIRA-LIVRE

Este certamente não será o único desapontamento que provocará esta minha antologia. Pedras poderão chover sobre minha cabeçorra pela escolha de “uma letra de música de Zé Ramalho”. Só que “Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor” não é uma letra de meu querido parceiro, mas um poema por ele musicado do excepcional repentista Otacílio Batista, dos irmãos Patriota, de São José do Egito, Pernambuco, os mesmos que provocaram a admiração de Manuel Bandeira no poema “Cantadores do Nordeste”: “saí dali convencido / que não sou poeta não; que poeta é quem inventa / em boa improvisação, / como faz Dimas Batista / e Otacílio, seu irmão”. Se Bandeira assim o diz, quem sou eu para desdizê-lo?

Mas o pólo da discussão não estará centrado na questão da “letra” de música, mas na poesia popular em si. Desde o começo, dispus-me a intrometer os poetas do povo no meio dos eruditos. Afinal, a proposta de Emediato nunca foi escolher os “100 melhores poetas eruditos do Brasil”. Minha amada professora de português Francisca Neuma Fachine Borges, hoje respeitadíssima especialista em literatura de cordel, não apenas me incentivou como ajudou a escolher os poetas.

Que venham as pedras, pois!

A SANHA DOS HERDEIROS

Elas também choverão por outro motivo. Há muito tempo, editores e organizadores de antologias vêm lutando contra um inimigo feroz: a sanha dos herdeiros de grandes escritores que tentam tirar todo o proveito possível (inclusive financeiro) do ancestral famoso. Com isso, apesar de clamarem aos céus contra o desprezo à cultura brasileira, muitos descendentes de gênios da literatura estão de fato impedindo que estudantes e leitores comuns tenham acesso às obras de autores fundamentais como Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e tantos outros.

Mediato deu a idéia e resolvi aproveitá-la: para não perder um título como **Os 100 melhores poetas brasileiros do século**, resolvemos manter todos os poetas previamente selecionados, registrando seus dados biográficos e informando ao leitor que o poema escolhido não é reproduzido por desautorização do próprio autor ou do herdeiro dos direitos autorais. É claro que fica a lacuna, mas pelo menos o leitor poderá procurar o poema escolhido na obra e na edição, que fizemos também questão de indicar.

Não posso terminar esta apresentação sem agradecer a preciosa ajuda de amigos na sugestão e escolha dos poemas, embora não possam eles serem responsabilizados por omissão dela. Foram eles: Álvaro e Neide de Sá, Mario Pontes, Ednalva e José Louzeiro, Marcius Cortez, Roniwalter Jatobá, Leonardo Fróes, Francisca Neuma Fechine Borges, Lourenço Dantas Motta, Alberto da Cunha Melo, Cláudia Cordeiro Reis, Tereza Sousa, Braulio Tavares, Aluizio Falcão, Aleilton Fonseca, Wladir Dupont, Ipojuca Pontes, Pat Mendes, Lilian Blanc e Luiz Ruffato. Agradeço ainda a Ana Cristina Abdo, João de Lima Gomes, José Mário Rodrigues, Israel Dias Novaes, Romualdo Palhano e Tânia Palhano, que colaboraram com Rinaldo e Sandra na localização de responsáveis pelos direitos autorais de alguns poetas.

Mas basta! Agora, vamos deixar de conversa, pois uma coisa posso garantir: os poemas que você vai ler daqui para a frente são bem melhores do que qualquer apresentação. Mãos e olhos à obra, então!

NOTA DOS PESQUISADORES

Os poemas, quando não retirados de edições dos autores, o que nos valeu como primeiro critério, foram transcritos de algumas antologias (elas constam na bibliografia).

Tivemos sempre a preocupação de comparar as versões dos poemas nas várias antologias (quando foi o caso) e optar por uma delas.

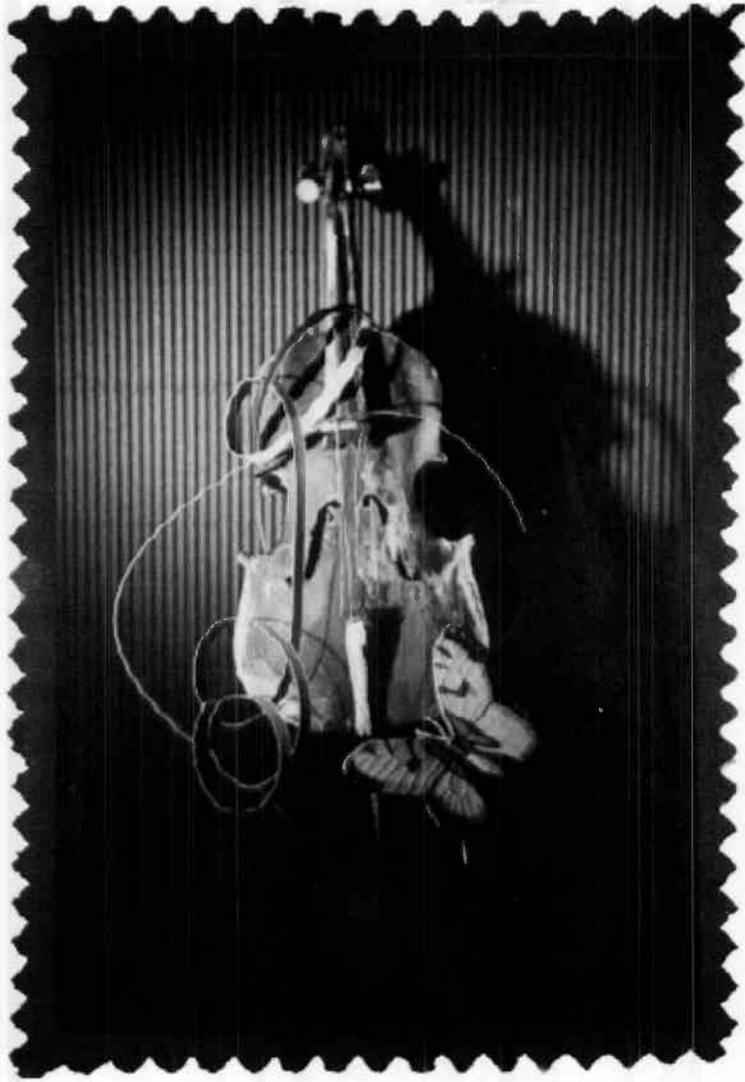
Alguns autores enviaram cópias dos seus poemas – Alberto da Cunha Melo, Alexei Bueno, Chacal e Eduardo Alves da Costa. Nestes casos, embora de posse das publicações (à exceção de “Ópera dos pássaros”, de Chacal), preferimos a cópia dada pelos poetas.

No caso dos poetas populares, respeitamos a ortografia da publicação de onde transcrevemos os textos. Sobre “Viagem a São Saruê”, de Manoel Camilo dos Santos, há comentários de M. Cavalcanti Proença que não foram aqui reproduzidos mas que podem ser conferidos em *Literatura popular em verso* (também consta na bibliografia).

O texto de “Meditação sobre o tietê”, de Mário de Andrade, foi apurado por Tatiana maria Longo dos Santos, estagiária do Arquivo Mário de Andrade (Instituto de Estudos Brasileiros/USP), a quem agradecemos.

Rinaldo de Fernandes e Sandra Moura

*Os
Cem Melhores
Poetas Brasileiros
do Século.*



Pré-Modernismo

Alfredo Bosi, apoiando-se em Alceu Amoroso Lima, que criou o termo para denominar a fase da cultura brasileira que vai do início do século XX à Semana de Arte Moderna, atribui dois sentidos a Pré-Modernismo: 1) o que concede ao prefixo pré uma “conotação meramente temporal de anterioridade”; 2) o que dá a esse prefixo “um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista”. Sendo assim, se considerarmos o primeiro sentido, o termo abarca a produção do século XX de poetas como Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Alphonsus de Guimaraens, entre outros, chamada por alguns, conforme o caso, de “neoparnasiana” ou “neo-simbolista” (na verdade, como lembra o próprio Bosi, esses poetas não são “neo” mas “ainda” parnasianos ou simbolistas). Abarca até mesmo certas obras de Machado de Assis, nosso principal realista, que, depois da publicação de Dom Casmurro (1899), saiu com Poesias completas (1901), Esaú e Jacó (1904), Relíquias de casa velha (1906) e Memorial de Aires (1908). Portanto, é por mera questão de anterioridade ao Modernismo que aqui incluímos “A Carolina” (1906), do autor de Iaiá Garcia, no chamado Pré-Modernismo.

ALBERTO DE OLIVEIRA

(*Palmital de Saquarema, RJ, 1857 – Niterói, RJ, 1937*)

Tendo se iniciado no Romantismo com o livro *Canções românticas* (1878), Alberto de Oliveira logo adere ao Parnasianismo, escola que, como ele mesmo afirmava, se caracteriza pelo “culto da forma”. Sua poesia – como é próprio da estética parnasiana – retrata, com impassibilidade mas também, não raro, com certo toque intimista, os objetos (sobretudo os objetos de arte: vasos, taças, leques chineses, flautas gregas), a natureza e o cotidiano. Principais obras: *Canções românticas* (1878), *Meridionais* (1884), *Sonetos e poemas* (1885), *Versos e rimas* (1895), *Poesias completas* (1900, excluindo-se *Canções românticas*), *Poesias*, 2ª série (1906), *Poesias*, 3ª série (1913), *Poesias*, 4ª série (1927) e *Poesias escolhidas* (1933).

A voz das árvores

Acordo à noite assustado.
Ouço lá fora um lamento...
Quem geme tão tarde? O vento?
Não. É um canto prolongado,
– Hino imenso a envolver toda a montanha;
São em música estranha
Jamais ouvida,
As árvores ao luar que nasce e as beija,
Em surdina cantando,
Como um bando
De vozes numa igreja:
Margarida! Margarida!

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase parnasiana*,
org. Manuel Bandeira, pp. 122 – 123)

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

(Ouro Preto, MG, 1870 – Mariana, MG, 1921)

Alphonsus de Guimaraens é considerado o poeta mais místico do nosso Simbolismo. Seu misticismo, porém, “é tênue, esbatido pela ternura e pela melancolia” (Antonio Candido/José Aderaldo Castello). Chamado de “poeta lunar” por Alceu Amoroso Lima, tem como tema preferido a morte. Obras poéticas: *Septenário das dores de Nossa Senhora* (1899), *Dona Mística* (1899), *Kyriale* (1902), *Pauvre lyre* (1921), *Pastoral aos crentes do amor e da morte* (1923).

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

(Transcrito de *Poesias*, vol. 1, pp. 318 – 319)

AUGUSTO DOS ANJOS

(*Engenho Pau D'Arco, PB, 1884 – Leopoldina, MG, 1914*)

Com uma poesia marcada pelo pessimismo – que se manifesta sobretudo na visão da decomposição humana, na qual o verme aparece como principal metáfora –, pelo uso de termos científicos e por uma rica sonoridade, Augusto dos Anjos é tido como um poeta singular na literatura brasileira no período que vai do Simbolismo ao Modernismo. Conforme Zenir Campos Reis, “a *sintonia* com os que sofrem e a *compaixão*, no sentido forte desses termos, dão o tom e o teor” da poesia do paraibano. Obra: *Eu* (1912); *Eu e outras poesias* (1919).

As cismas do destino

I

Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

Na austera abóbada alta o fósforo alvo
Das estrelas luzia... O calçamento
Sáxeo, de asfalto rijo, atro e vidrento,
Copiava a polidez de um crânio calvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,
E a minha sombra enorme enchia a ponte,
Como uma pele de rinoceronte
Estendida por toda a minha vida!

A noite fecundava o ovo dos vícios
Animais. Do carvão da treva imensa
Caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!

Tal uma horda feroz de cães famintos,
Atravessando uma estação deserta,
Uivava dentro do *eu*, com a boca aberta,
A matilha espantada dos instintos!

Era como se, na alma da cidade,
Profundamente lúbrica e revolta,
Mostrando as carnes, uma besta solta
Soltasse o berro da animalidade.

E aprofundando o raciocínio obscuro,
Eu vi, então, à luz de áureos reflexos,
O trabalho genésico dos sexos,
Fazendo à noite os homens do Futuro.

Livres de microscópios e escalpelos,
Dançavam, parodiando saraus cínicos,
Bilhões de *centrossomas* apolínicos
Na câmara promíscua do *vitellus*.

Mas, a irritar-me os globos oculares,
Apregoando e alardeando a cor nojenta,
Fetos magros, ainda na placenta,
Estendiam-me as mãos rudimentares!

Mostravam-me o apriorismo incognoscível
Dessa fatalidade igualitária,
Que fez minha família originária
Do antro daquela fábrica terrível!

A corrente atmosférica mais forte
Zunia. E, na ígnea crosta do Cruzeiro,
Julgava eu ver o fúnebre candieiro
Que há de me alumiar na hora da morte.

Ninguém compreendia o meu soluço,
Nem mesmo Deus! Da roupa pelas brechas,
O vento bravo me atirava flechas
E aplicações hiemais de gelo russo.

A vingança dos mundos astronômicos
Enviava à terra extraordinária faça,
Posta em rija adesão de goma laca
Sobre os meus elementos anatômicos.

Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma força especial que me esperava!

Mas o vento cessara por instantes
Ou, pelo menos, o *ignis sapiens* do Orco
Abafava-me o peito arqueado e porco
Num núcleo de substâncias abrasantes.

É bem possível que eu um dia cegue.
No ardor desta letal tórrida zona,
A cor do sangue é a cor que me impressiona
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.
Não sei por que me vêm sempre à lembrança
O estômago esfaqueado de uma criança
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória
Que a minha cerebral caverna entrasse,
E até ao fim, cortasse e recortasse
A faculdade aziaga da memória.

Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, ansiado e contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minh'alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guisa de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse ubíqua, estranha,
Igual ao ruído de um calhau redondo
Arremessado no apogeu do estrondo,
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal arte,
Que eu, para não cuspir por toda a parte,
Ia engolindo, aos poucos, a hemoptísis!

Na alta alucinação de minhas cismas
O microcosmos líquido da gota
Tinha a abundância de uma artéria rota,
Arreventada pelos aneurismas.

Chegou-me o estado máximo da mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Veze que eu me furei com um canivete,
A hemoglobina vinha cheia de água!

Cuspo, cujas caudais meus beijos regam,
Sob a forma de mínimas camândulas,
Benditas sejam todas essas glândulas,
Que, quotidianamente, te segregam!

Escarrar de um abismo noutro abismo,
Mandando ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do cristianismo!

Porque, se no orbe oval que os meus pés tocam
Eu não deixasse o meu cuspo carrasco,
Jamais exprimiria o acérrimo asco
Que os canalhas do mundo me provocam!

II

Foi no horror dessa noite tão funérea
Que eu descobri, maior talvez que Vinci,
Com a força visualística do lince,
A falta de unidade na matéria!

Os esqueletos desarticulados,
Livres do acre fedor das carnes mortas,
Rodopiavam, com as brancas tíbias tortas,
Numa dança de números quebrados!

Todas as divindades malfazejas,
Siva e Arimã, os duendes, o In e os trasgos,

Imitando o barulho dos engasgos,
Davam pancadas no adro das igrejas.

Nessa hora de monólogos sublimes,
A companhia dos ladrões da noite,
Buscando uma taverna que os açoite,
Vai pela escuridão pensando crimes.

Perpetravam-se os atos mais funestos,
E o luar, da cor de um doente de icterícia,
Iluminava, a rir, sem pudicícia,
A camisa vermelha dos incestos.

Ninguém, de certo, estava ali, a espiar-me,
Mas um lampião, lembrava ante o meu rosto,
Um sugestionador olho, ali posto
De propósito, para hipnotizar-me!

Em tudo, então, meus olhos distinguiram
Da miniatura singular de uma aspa,
À anatomia mínima da caspa,
Embrões de mundos que não progrediram!

Pois quem não vê aí, em qualquer rua,
Com a fina nitidez de um claro jorro,
Na paciência budista do cachorro
A alma embrionária que não continua?!

Ser cachorro! Ganir incompreendidos
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,
E a palavra embrulhar-se no laringe,
Escapando-se apenas em latidos!

Despir a putrescível forma tosca,
Na atra dissolução que tudo inverte,

Deixar cair sobre a barriga inerte
O apetite necrófago da mosca!

A alma dos animais! Pego-a, distingo-a,
Acho-a nesse interior duelo secreto
Entre a ânsia de um vocábulo completo
E uma expressão que não chegou à língua!

Surpreendo-a em quadrilhões de corpos vivos,
Nos antiperistálticos abalos
Que produzem nos bois e nos cavalos
A contração dos gritos instintivos!

Tempo viria, em que, daquele horrendo
Caos de corpos orgânicos disformes
Rebentariam cérebros enormes,
Como bolhas febris de água, fervendo!

Nessa época que os sábios não ensinam,
A pedra dura, os montes argilosos
Criariam feixes de cordões nervosos
E o neuroplasma dos que raciocinam!

Almas pigméias! Deus subjuga-as, cinge-as
À imperfeição! Mas vem o Tempo, e vence-O,
E o meu sonho crescia no silêncio,
Maior que as epopéias carolíngias!

Era a revolta trágica dos tipos
Ontogênicos mais elementares,
Desde os foraminíferos dos mares
À grei liliputiana dos pólipos.

Todos os personagens da tragédia,
Cansados de viver na paz de Buda,

Pareciam pedir com a boca muda
A ganglionária célula intermédia.

A planta que a canícula ígnea torra,
E as coisas inorgânicas mais nulas
Apregoavam encéfalos, medulas
Na alegria guerreira da desforra!

Os protistas e o obscuro acervo rijo
Dos espongiários e dos infusórios
Recebiam com os seus órgãos sensórios
O triunfo emocional do regozijo!

E apesar de já ser assim tão tarde,
Aquele humanidade parasita,
Como um bicho inferior, berrava, aflita,
No meu temperamento de covarde!

Mas, refletindo, a sós, sobre o meu caso,
Vi que, igual a um amniota subterrâneo,
Jazia atravessada no meu crânio
A intercessão fatídica do atraso!

A hipótese genial do *microzima*
Me estrangulava o pensamento guapo,
E eu me encolhia todo como um sapo
Que tem um peso incômodo por cima!

Nas agonias do *delirium-tremens*,
Os bêbedos alvares que me olhavam,
Com os copos cheios esterilizavam
A substância prolífica dos semens!

Enterravam as mãos dentro das goelas,
E sacudidos de um tremor indômito

Expeliam, na dor forte do vômito,
Um conjunto de gosmas amarelas.

Iam depois dormir nos lupanares
Onde, na glória da concupiscência,
Depositavam quase sem consciência
As derradeiras forças musculares.

Fabricavam destarte os blastodermas,
Em cujo repugnante receptáculo
Minha perscrutação via o espetáculo
De uma progênie idiota de palermas.

Prostituição ou outro qualquer nome,
Por tua causa, embora o homem te aceite,
É que as mulheres ruins ficam sem leite
E os meninos sem pai morrem de fome!

Por que há de haver aqui tantos enterros?
Lá no “Engenho” também, a morte é ingrata...
Há o malvado carbúnculo que mata
A sociedade infante dos bezerros!

Quantas moças que o túmulo reclama!
E após a podridão de tantas moças,
Os porcos espojando-se nas poças
Da virgindade reduzida à lama!

Morte, ponto final da última cena,
Forma difusa da matéria imbele,
Minha filosofia te repele,
Meu raciocínio enorme te condena!

Diante de ti, nas catedrais mais ricas,
Rolam sem eficácia os amuletos,

Oh! Senhora dos nossos esqueletos
E das caveiras diárias que fabricas!

E eu desejava ter, numa ânsia rara,
Ao pensar nas pessoas que perdera,
A inconsciência das máscaras de cera
Que a gente prega, com um cordão, na cara!

Era um sonho ladrão de submergir-me
Na vida universal, e, em tudo imerso,
Fazer da parte abstrata do Universo,
Minha morada equilibrada e firme

Nisto, pior que o remorso do assassino,
Reboou, tal qual, num fundo de caverna,
Numa impressionadora voz interna,
O eco particular do meu Destino:

III

“Homem! por mais que a Idéia desintegres,
Nessas perquisições que não têm pausa,
Jamais, magro homem, saberás a causa
De todos os fenômenos alegres!

Em vão, com a bronca enxada árdega, sondas
A estéril terra, e a hialina lâmpada oca,
Trazes, por perscrutar (oh! ciência louca!)
O conteúdo das lágrimas hediondas.

Negro e sem fim é esse em que te mergulhas
Lugar do Cosmos, onde a dor infrene
É feita como é feito o querosene
Nos recôncavos úmidos das hulhas!

Porque, para que a Dor perscrutes, fora
Mister que, não como és, em síntese, antes
Fosses, a refletir teus semelhantes,
A própria humanidade sofredora!

A universal complexidade é que Ela
Compreende. E se, por vezes, se divide,
Mesmo ainda assim, seu todo ano reside
No quociente isolado da parcela!

Ah! Como o ar imortal a Dor não finda!
Das papilas nervosas que há nos tatos
Veio e vai desde os tempos mais transatos
Para outros tempos que hão de vir ainda!

Como o machucamento das insônias
Te estraga, quando toda a estuada idéia
Dás ao sôfrego estudo da ninféia
E de outras plantas dicotiledôneas!

A diáfana água alvíssima e a horrída áscua
Que da ígnea flama bruta, estriada, espirra;
A formação molecular da mirra,
O cordeiro simbólico da Páscoa;

As rebeladas cóleras que rugem
No homem civilizado, e a ele se prendem
Como às pulseiras que os mascates vendem
A aderência teimosa da ferrugem;

O orbe feraz que bastos tojos acres
Produz; a rebelião que, na batalha,
Deixa os homens deitados, sem mortalha,
Na sangueira concreta dos massacres;

Os sanguinolentíssimos chicotes
Da hemorragia; as nódoas mais espessas,
O achatamento ignóbil das cabeças,
Que ainda degrada os povos hotentotes;

O Amor e a Fome, a fera ultriz que o fojo
Entra, à espera que a mansa vítima o entre,
– Tudo que gera no materno ventre
A causa fisiológica do nojo;

As pálpebras inchadas na vigília,
As aves moças que perderam a asa,
O fogão apagado de uma casa,
Onde morreu o chefe da família;

O trem particular que um corpo arrasta
Sinistramente pela via férrea,
A cristalização da massa térrea,
O tecido da roupa que se gasta;

A água arbitrária que hiulcos caules grossos
Carrega e come; as negras formas feias
Dos aracnídeos e das centopéias,
O fogo-fátuo que ilumina os ossos;

As projeções flamívomas que ofuscam,
Como uma pincelada rembrandtesca,
A sensação que uma coalhada fresca
Transmite às mãos nervosas dos que a buscam;

O antagonismo de Tifon e Osíris,
O homem grande oprimindo o homem pequeno,
A lua falsa de um parasseleno,
A mentira meteórica do arco-íris;

Os terremotos que, abalando os solos,
Lembram paióis de pólvora explodindo,
A rotação dos fluidos produzindo
A depressão geológica dos pólos;

O instinto de procriar, a ânsia legítima
Da alma, afrontando ovante aziagos riscos,
O juramento dos guerreiros priscos
Metendo as mãos nas glândulas da vítima;

As diferenciações que o psicoplasma
Humano sofre na mania mística,
A pesada opressão característica
Dos 10 minutos de um acesso de asma;

E, (contanto contra isto ódios regougues)
A utilidade fúnebre da corda
Que arrasta a rês, depois que a rês engorda,
À morte desgraçada dos açougues.

Tudo isto que o terráqueo abismo encerra
Forma a complicação desse barulho
Travado entre o dragão do humano orgulho
E as forças inorgânicas da terra!

Por descobrir tudo isso, embalde cansas!
Ignoto é o gérmen dessa força ativa
Que engendra, em cada célula passiva,
A heterogeneidade das mudanças!

Poeta, feto malsão, criado com os sucos
De um leite mau, carnívoro asqueroso,
Gerado no atavismo monstruoso
Da alma desordenada dos malucos;

Última das criaturas inferiores
Governada por átomos mesquinhos,
Teu pé mata a uberdade dos caminhos
E esteriliza os ventres geradores!

O áspero mal que a tudo, em torno, trazes,
Análogo é ao que, negro e a seu turno,
Traz o ávido filóstomo noturno
Ao sangue dos mamíferos vorazes!

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes
A perfeição dos seres existentes,
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes
Na anatomia horrenda dos detalhes!

O Espaço – esta abstração spencereana
Que abrange as relações de coexistência
É só! Não tem nenhuma dependência
Com as vértebras mortais da espécie humana!

As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se antolham
São verdades de luz que os homens olham
Sem poder, no entretanto, compreendê-las.

Em vão, com a mão corrupta, outro éter pedes
Que essa mão, de esqueléticas falanges,
Dentro dessa água que com a vista abranges,
Também prova o princípio de Arquimedes!

A fadiga feroz que te esbordoa
Há de deixar-te essa medonha marca,
Que, nos corpos inchados de anasarca,
Deixam os dedos de qualquer pessoa!

Nem terás no trabalho que tiveste
A misericordiosa toalha amiga,
Que afaga os homens doentes de bexiga
E enxuga, à noite, as pústulas da peste!

Quando chegar depois a hora tranqüila,
Tu serás arrastado, na carreira,
Como um cepo inconsciente de madeira
Na evolução orgânica da argila!

Um dia comparado com um milênio
Seja, pois, o teu último Evangelho...
É a evolução do novo para o velho
E do homogêneo para o heterogêneo!

Adeus! Fica-te aí, com o abdômen largo
A apodrecer!... És poeira, e em balde vibras!
O corvo que comer as tuas fibras
Há de achar nelas um sabor amargo!"

IV

Calou-se a voz. A noite era funesta.
E os queixos, a exhibir trismos danados,
Eu puxava os cabelos desgrenhados
Com o rei Lear, no meio da floresta!

Maldizia, com apóstrofes veementes,
No estentor de mil línguas insurretas,
O convencionalismo das Pandetas
E os textos maus dos códigos recentes!

Minha imaginação atormentada
Paria absurdos... Como diabos juntos,

Perseguiam-me os olhos dos defuntos
Com a carne da esclerótica esverdeada.

Secara a clorofila das lavouras.
Igual aos sustentidos de uma endecha
Vinha-me às cordas glóticas a queixa
Das coletividades sofredoras.

O mundo resignava-se invertido
Nas forças principais do seu trabalho...
A gravidade era um princípio falho,
A análise espectral tinha mentido!

O Estado, a Associação, os Municípios
Eram mortos. De todo aquele mundo
Restava um mecanismo moribundo
E uma teleologia sem princípios.

Eu queria correr, ir para o inferno,
Para que, da psique no oculto jogo,
Morressem sufocadas pelo fogo
Todas as impressões do mundo externo!

Mas a Terra negava-me o equilíbrio...
Na Natureza, uma mulher de luto
Cantava, espiando as árvores sem fruto,
A canção prostituta do ludíbrico!

(Transcrito do *Eu*, pp. 38 – 53)

DA COSTA E SILVA

(Amarante, PI, 1885 – Rio de Janeiro, RJ, 1950)

Da Costa e Silva é um dos principais poetas do nosso Pré-Modernismo. O comentário é de José Guilherme Merquior: “Ao lado de Augusto dos Anjos, Da Costa e Silva faz uma figura de quase clássico, faz francamente uma figura de vocação harmônica. Isso se deve, em grande parte, às qualidades específicas da música com que soube vestir as imagens percucientes que caracterizam tanto os seus poemas. Sua musicalidade se situa à altura da de Alphonsus de Guimaraens e faz dele como que o primeiro representante da nossa última geração simbolista, coisa que ele foi tanto cronologicamente quanto possivelmente de um critério de valor”. Da Costa e Silva sofreu ainda alguma influência do Modernismo. Obras poéticas: *Sangue* (1908), *Zodiaco* (1917), *Verhaeren* (1917), *Pandora* (1919), *Verônica* (1927), *Antologia* (1934), *Poesias completas* (2000, 4ª edição, revista e anotada por Alberto da Costa e Silva).

Saudade

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O caburé com frio,
Ao luar, sobre o arvoredo, piando, piando...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba – velho monge
As barbas brancas alongando... E, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra...

(Transcrito de *Poesias completas*, p. 75)

FELIPE D'OLIVEIRA

(*Santa Maria da Boca do Monte, RS, 1891 – Auxerre, FRANÇA, 1933*)

Felipe d'Oliveira, com Marcelo Gama, Zeferino Brasil, Álvaro Moreyra, Alceu Wamosy e outros, integrou o grupo simbolista do Rio Grande do Sul (o Simbolismo surge neste Estado em 1902, com *Via sacra*, de Marcelo Gama). Embora tenha dialogado com o Modernismo, Felipe d'Oliveira, segundo Regina Zilberman, “permanece sobretudo um criador simbolista” que dá ênfase “à manifestação de uma temática marcada pela carência de conciliação existencial com a circunstância social e a vida pública, determinando a anulação destas em termos de representação literária”. Obras poéticas: *Vida extinta* (1911), *Lanterna verde* (1927).

O salto da morte

A melodia múrmura
à porta do rancho
derrama uma alma
na paisagem viva
e a paisagem viva
inspira e expira
o ar fino da noite
pelos brônquios sonoros
da gaita monótona.

Os sapos calaram
e escutam, pensando
que a Mãe-d'Água dos sapos
está cantando perto
no brejo da charneca
entre os nenúfares.

Os bois sonolentos
descerrando lentos
os olhos tímidos
olham o campo longo
batido de luar
e pasmam de já ser aurora
pois luz melodiosa
eles entendem o dia só
quando o sol acorda
a voz dos pássaros
adormecidos.

A gaita monótona
insufla um hálito
de pulmão humano
no ar que trescala
na noite clara.

As frondes das árvores
movem o gesto
que marca compasso
como cabeças
atentas à orquestra.
As duas janelas
ladeando a porta
do rancho calmo
têm a doçura
dos olhos ingênuos
e sorriem
no ouro das candeias
que enchem de ouro fluido
a sala caiada.
E da trepadeira

posta em mantilha
sobre o teto de sapé
sobe o cheiro morno
do jasmim branco
que a música faz mais tépido
como um perfume sobre a pele.

A gaita monótona
alonga o perfume
na noite oblonga
e a claridade unânime
é luar e perfume
dissolvidos na música.

Súbito, um acorde
mais cheio, mais forte,
soprado em ofego
ressoa e se cala
até o fim do espaço,
no fim da paisagem.

Só o luar vazio persiste
sobre a terra estática...

E, dentro do luar,
pênsil dos astros,
fica oscilando,
compassado,
o silêncio noturno,
como um trapézio balançado
de onde rolou
para morrer
no tombo trágico
o saltimbanco atônito.

MACHADO DE ASSIS
(Rio de Janeiro, RJ, 1839 – 1908)

Considerado o maior escritor brasileiro, tendo publicado, entre muitos outros, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), Machado de Assis tem a sua obra poética reunida nos seguintes volumes: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias completas* (incluindo *Ocidentais* – 1901). “A Carolina”, constante na coletânea de contos *Relíquias de casa velha* (1906), foi escrito em homenagem a Carolina Augusta Xavier de Novais, sua mulher, morta em 1904.

A Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

(Transcrito de *Obra completa*, vol. 3, p. 313)

OLAVO BILAC

(Rio de Janeiro, RJ, 1865 – 1918)

Buscando a perfeição formal, em que aprimora a frase, lapida-a, atento à pureza da língua, Olavo Bilac foi talvez o poeta mais lido do nosso Parnasianismo. Tematizando o amor sensual, o mundo greco-latino, o índio, a guerra, Bilac foi também um nacionalista convicto, cantando em tom épico episódios da nossa história. Obras poéticas: *Poesias* (1888, com edição definitiva em 1902), *Poesias infantis* (1904), *Tarde* (1919).

O caçador de esmeraldas

I

Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada
Do outono, quando a terra, em sede requeimada,
Bebera longamente as águas da estação,
– Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata,
À frente dos peões filhos da rude mata,
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.

Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,
Bruta Pátria, no berço, entre as selvas dormida,
No virginal pudor das primitivas eras,
Quando, aos beijos do sol, mal compreendendo o anseio
Do mundo por nascer que trazias no seio,
Reboavas ao tropel dos índios e das feras!

Já lá fora, da ourela azul das enseadas,
Das angras verdes, onde as águas repousadas

Vêm, borbulhando, à flor dos cachopos cantar;
Das abras e da foz dos tumultuosos rios,
– Tomadas de pavor, dando contra os baixios,
As pirogas dos teus fugiam pelo mar...

De longe, ao duro vento opondo as largas velas,
Bailando ao furacão, vinham as caravelas,
Entre os uivos do mar e o silêncio dos astros;
E tu, do litoral, de rojo nas areias,
Vias o oceano arfar, vias as ondas cheias
De uma palpação de proas e de mastros.

Pelo deserto imenso e líquido, os penhascos
Feriam-nas em vão, roíam-lhes os cascos...
A quantas, quanta vez, rodando aos ventos maus,
O primeiro pegão, como a baixéis, quebrava!
E lá iam, no alvor da espumarada brava,
Despojos da ambição, cadáveres de naus...

Outras vinham, na febre heróica da conquista!
E quando, de entre os véus das neblinas, à vista
Dos nautas fulgurava o teu verde sorriso,
Os seus olhos, ó Pátria, enchiam-se de pranto:
Era como se, erguendo a ponta do teu manto,
Vissem, à beira d'água, abrir-se o Paraíso!

Mais numerosa, mais audaz, de dia em dia,
Engrossava a invasão. Como a enchente bravia,
Que sobre as terras, palmo a palmo, abre o lençol
Da água devastadora, – os brancos avançavam:
E os teus filhos de bronze ante eles recuavam,
Como a sombra recua ante a invasão do sol.

Já nas faldas da serra apinhavam-se aldeias;
 Levantava-se a cruz sobre as alvas areias,
 Onde, ao brando mover dos leques das juçaras,
 Vivera e progredira a tua gente forte...
 Soprara a destruição, como um vento de morte,
 Desterrando os pajés, abatendo as caiçaras.

Mas além, por detrás das broncas serranias,
 Na cerrada região das florestas sombrias,
 Cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós,
 Alastravam no céu léguas de rama escura;
 Nos matagais, em cuja horrível espessura
 Só corria a anta leve e uivava a onça feroz:

Além da áspera brenha, onde as tribos errantes
 À sombra maternal das árvores gigantes
 Acampavam; além das sossegadas águas
 Das lagoas, dormindo entre aningais floridos;
 Dos rios, acachoando em quedas e bramidos,
 Mordendo os alcantis, roncando pelas fráguas;

– Aí, não ia ecoar o estrupido da luta...
 E, no seio nutriz da natureza bruta,
 Resguardava o pudor teu verde coração!
 Ah! quem te vira assim, entre as selvas sonhando,
 Quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando
 Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!

II

Para o norte inclinando a lombada rumosa,
 Entre os nateiros jaz a serra misteriosa;
 A azul Vupabuçu beija-lhe as verdes faldas,

E águas crespas, galgando abismos e barrancos
Atulhados de prata, umedecem-lhe os flancos
Em cujos socavões dormem as esmeraldas.

Verde sonho!... é a jornada ao país da Loucura!
Quantas bandeiras já, pela mesma aventura
Levadas, em tropel, na ânsia de enriquecer!
Em cada tremedal, em cada escarpa, em cada
Brenha rude, o luar beija à noite uma ossada,
Que vêm, a uivar de fome, as onças remexer...

Que importa o desamparo em meio do deserto,
E essa vida sem lar, e esse vaguear incerto
De terror em terror, lutando braço a braço
Com a inclemência do céu e a dureza da sorte?
Serra bruta! dar-lhe-ás, antes de dar-lhe a morte,
As pedras de Cortéz, que escondes no regaço!

E sete anos, de fio em fio destramando
O mistério, de passo em passo penetrando
O verde arcano, foi o bandeirante audaz...
– Marcha horrenda! derrota implacável e calma,
Sem uma hora de amor, estrangulando na alma
Toda a recordação do que ficava atrás!

A cada volta, a Morte, afiando o olhar faminto,
Incansável no ardil, rondando o labirinto
Em que às tontas errava a bandeira nas matas,
Cercando-a com o crescer dos rios iracundos,
Espião-a no pendor dos boqueirões profundos,
Onde vinham ruir com fragor as cascatas.

Aqui, tapando o espaço, entrelaçando as grenhas
Em negros paredões, levantavam-se as brenhas,

Cuja muralha, em vão, sem a poder dobrar,
 Vinham acometer os temporais, aos roncoss;
 E os machados, de sol a sol mordendo os troncos,
 Contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar.

Dentro, no frio horror das balseiras escuras,
 Viscosas e oscilando, úmidas colgaduras
 Pendiam de cipós na escuridão noturna;
 E um mundo de reptis silvava no negrume;
 Cada folha pisada exalava um queixume,
 E uma pupila má chispava em cada furna.

Depois, nos chapadões, o rude acampamento:
 As barracas, voando em frangalhos ao vento,
 Ao granizo, à internada, à chuva, ao temporal...
 E quantos deles, nus, sequiosos, no abandono,
 Iam ficando atrás, no derradeiro sono,
 Sem chegar ao sopé da colina fatal!

Que importava? Ao clarear da manhã, a companhia
 Buscava no horizonte o perfil da montanha...
 Quando apareceria enfim, vergando a espalda,
 Desenhada no céu entre as neblinas claras,
 A grande serra, mãe das esmeraldas raras,
 Verde faiscante como uma grande esmeralda?

Avante! e os aguçais seguiam-se às florestas...
 Vinham os lamarões, as leziras funestas,
 De água paralisada e decomposta ao sol,
 Em cuja face, como um bando de fantasmas,
 Erravam dia e noite as febres e os miasmas,
 Numa ronda letal sobre o podre lençol.

Agora, o áspero morro, os caminhos fragosos...
 Leve, de quando em quando, entre os troncos nodosos

Passa um plúmeo cocar, como uma ave que voa...
Uma frecha, sutil, silva e zarguncha... É a guerra!
São os índios! Retumba o eco da bruta serra
Ao tropel... E o estridor da batalha reboa.

Depois, os ribeirões, nas levadas, transpondo
As ribas, rebramando, e de estrondo em estrondo
Inchando em macaréus o seio destruidor,
E desenraizando os troncos seculares,
No esto da aluvião estremecendo os ares,
E indo torvos rolar nos vales com fragor...

Sete anos! combatendo índios, febres, paludes,
Feras, reptis, – contendo os sertanejos rudes,
Dominando o furor da amotinada escolta...
Sete anos!... E ei-lo volta, enfim, com o seu tesouro!
Com que amor, contra o peito, a sacola de couro
Aperta, a transbordar de pedras verdes! – volta...

Mas num desvão da mata, uma tarde, ao sol posto,
Pára. Um frio livor se lhe espalha no rosto...
É a febre! O Vencedor não passará dali!
Na terra que venceu há-de cair vencido:
É a febre: é a morte! E o Herói, trôpego e envelhecido,
Roto, e sem forças, cai junto do Guaicuí...

III

Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento
Chora longo, a rolar na longa voz do vento.
Mugem soturnamente as águas. O céu arde.
Trasmona fulvo o sol. E a natureza assiste,
Na mesma solidão e na mesma hora triste,
À agonia do herói e à agonia da tarde.

Piam perto, na sombra, as aves agoireiras.
 Silvam as cobras. Longe, as feras carniceiras
 Uivam nas lapas. Desce a noite, como um véu...
 Pálido, no palor da luz, o sertanejo
 Estorce-se no crebro e derradeiro arquejo.
 – Fernão Dias Paes Leme agoniza, e olha o céu.

Oh! esse último olhar ao firmamento! A vida
 Em surtos de paixão e febre repartida,
 Toda, num só olhar, devorando as estrelas!
 Esse olhar, que sai como um beijo da pupila,
 – Que as implora, que bebe a sua luz tranqüila,
 Que morre... e nunca mais, nunca mais há-de vê-las!

Ei-las todas, enchendo o céu, de canto a canto...
 Nunca assim se espalhou, resplandecendo tanto,
 Tanta constelação pela planície azul!
 Nunca Vênus assim fulgiu! Nunca tão perto,
 Nunca com tanto amor sobre o sertão deserto
 Pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul!

Noites de outrora!... Enquanto a bandeira dormia
 Exausta, e áspero o vento em derredor zunia,
 E a voz do noitibó soava como um agouro,
 – Quantas vezes Fernão, do cabeço de um monte,
 Via lenta subir do fundo do horizonte
 A clara procissão dessas bandeiras de ouro!

Adeus, astros da noite! Adeus, frescas ramagens
 Que a aurora desmanchava em perfumes selvagens!
 Ninhos cantando no ar! suspensos gineceus
 Ressoantes de amor! outonos benfeitores!
 Nuvens e aves, adeus! adeus, feras e flores!
 Fernão Dias Paes Leme espera a morte... Adeus!

O Sertanista ousado agoniza, sozinho...
Empasta-lhe o suor a barba em desalinho:
E com a roupa de couro em farrapos, deitado
Com a garganta afogada em uivos, ululante,
Entre os troncos da brenha hirsuta, – o Bandeirante
Jaz por terra, à feição de um tronco derribado...

E o delírio começa. A mão, que a febre agita,
Ergue-se, treme no ar, sobe, descamba aflita,
Crispa os dedos, e sonda a terra, e escarva o chão:
Sangra as unhas, revolve as raízes, acerta,
Agarra o saco, e apalpa-o, e contra o peito o aperta,
Como para o enterrar dentro do coração.

Ah! mísero demente! o teu tesouro é falso!
Tu caminhaste em vão, por sete anos, no encalço
De uma nuvem falaz, de um sonho malfazejo!
Enganou-te a ambição! mais pobre que um mendigo,
Agonizas, sem luz, sem amor, sem amigo,
Sem ter quem te conceda a extrema-unção de um beijo!

E foi para morrer de cansaço e de fome,
Sem ter quem, murmurando em lágrimas teu nome,
Te dê uma oração e um punhado de cal,
– Que tantos corações calcaste sob os passos,
E na alma da mulher que te estendia os braços
Sem piedade lançaste um veneno mortal!

E ei-la, a morte! e ei-lo, o fim! A palidez aumenta;
Fernão Dias se esvai, numa síncope lenta...
Mas, agora, um clarão ilumina-lhe a face:
E essa face cavada e magra, que a tortura
Da fome e as privações maceraram, – fulgura,
Como se a asa ideal de um arcanjo a roçasse.

IV

Adoça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso;
Leve, na boca aflante, esvoaça-lhe um sorriso...
– E adelgaça-se o véu das sombras. O luar
Abre no horror da noite uma verde clareira.
Como para abraçar a natureza inteira,
Fernão Dias Paes Leme estira os braços no ar...

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamas:
Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas;
E flores verdes no ar brandamente se movem;
Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio;
Em esmeraldas flui a água verde do rio,
E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...

E é uma ressurreição! O corpo se levanta:
Nos olhos, já sem luz, a vida exsurge e canta!
E esse destroço humano, esse pouco de pó
Contra a destruição se aferra à vida, e luta,
E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta
A voz, que na soidão só ele escuta, – só:

“Morre! morrem-te às mãos as pedras desejadas,
Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...
Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!
Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,
Como um grande colar de esmeraldas gloriosas,
As tuas povoações se estenderão fulgindo!

Quando do acampamento o bando peregrino
Saía, antemanhã, ao sabor do destino,
Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,
– No cômodo de terra, em que teu pé poisara,

Os colmados de palha aprumavam-se, e clara
A luz de uma clareira espancava o arredor.

Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado, uma nova conquista!
E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta,
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

Morre! tu viverás nas estradas que abriste!
Teu nome rolará no largo choro triste
Da água do Guaicuí... Morre, Conquistador!
Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares
Subires, e, nutrindo uma árvore, cantares
Numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

Morre! germinarão as sagradas sementes
Das gotas de suor, das lágrimas ardentes!
Hão-de frutificar as fomes e as vigílias!
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hinos da paz!
E, subjugando o olvido, através das idades,
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da Pátria viverás!"

.....
Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo.
Agora, a deslizar pelo arvoredado mudo,

Como um choro de prata alente o luar escorre.
E sereno, feliz, no maternal regaço
Da terra, sob a paz estrelada do espaço,
Fernão Dias Paes Leme os olhos cerra. E morre.

(Transcrito de *Obra reunida*, pp. 227 – 235)

PEDRO KILKERRY

(*Santo Antônio de Jesus, BA, 1885 – Salvador, BA, 1917*)

Com uma produção espalhada em jornais e revistas, Pedro Kilkerry não teve livro publicado em vida. Alguns dos seus poemas foram incluídos por Andrade Muricy no *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, de 1952. Augusto de Campos, em *Re-visão de Kilkerry*, de 1970, o tem como um dos precursores da nossa modernidade poética.

Cetáceo

Fuma. É cobre o zênite. E, chagosos do flanco,
Fuga e pó, são corcéis de anca na atropelada.
E tesos no horizonte, a muda cavalgada.
Coalha bebendo o azul um largo vôo branco.

Quando e quando esbagoa ao longe uma enfiada
De barcos em betume indo as proas de arranco.
Perto uma janga embala um marujo no banco
Brunindo ao sol brunida a pele atijolada.

Tine em cobre o zênite e o vento arqueja e o oceano
Longo enfroca-se a vez e vez e arrufa,
Como se a asa que o roce ao côncavo de um pano.

E na verde ironia ondulosa de espelho
Úmida raiva iriando a pedraria. Bufa
O cetáceo a escorrer d'água ou do sol vermelho.

RAUL DE LEONI

(Petrópolis, RJ, 1895 – Itaipava, RJ, 1926)

Raul de Leoni, com *Luz mediterrânea* (1922), seu único livro, é considerado o nosso último parnasiano de relevo. Em seus poemas, retoma a Grécia e a Roma antigas, além do Renascimento italiano. Como diz Alfredo Bosi, da sua poesia ficou “a imagem de um mundo luminoso, apreendido por uma sensibilidade plástica, amante da forma e da cor”.

Ingratidão

Nunca mais me esqueci!... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol-nascente,
Plantei, com a minha mão ingênua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rútila e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre um muro em frente
E foi frutificar na vizinhança...

Daí por diante, pela vida inteira,
Todas as grandes árvores que em minhas
Terras, num sonho esplêndido semeio,

Como aquela magnífica amendoeira,
Eflorescem nas chácaras vizinhas
E vão dar frutos no pomar alheio...

VICENTE DE CARVALHO
(Santos, SP, 1866 – São Paulo, SP, 1924)

Considerado o “poeta do mar”, Vicente de Carvalho foi um dos nossos parnasianos que mais tematizaram a natureza (mar, montanha, mata, etc.) e a beleza feminina. Requitado na forma, dizia que, para o artista, a perfeição formal “é uma necessidade”. Obras poéticas: *Ardentias* (1885), *Relicário* (1888), *Rosa, rosa de amor* (1902), *Poemas e canções* (1908), *Versos da mocidade* (1909, que inclui os dois primeiros livros).

Sugestões do crepúsculo

I

Ao pôr-do-sol, pela tristeza
Da meia-luz crepuscular,
Tem a toada de uma reza
A voz do mar.

Aumenta, alastra e desce pelas
Rampas dos morros, pouco a pouco,
O ermo de sombra, vago e oco,
Do céu sem sol e sem estrelas.

Tudo amortece; a tudo invade
Uma fadiga, um desconforto...
Como a infeliz serenidade
Do embaciado olhar de um morto.

Domada então por um instante
Da singular melancolia

De em torno – apenas balbucia
A voz piedosa do gigante.

Toda se abranda a vaga hirsuta,
Toda se humilha, a murmurar...
Que pede ao céu que não a escuta
A voz do mar?

II

Estranha voz, estranha prece
Aquele prece e aquela voz,
Cujas humildade nem parece
Provir do mar bruto e feroz;

Do mar, pagão criado às soltas
Na solidão, e cuja vida
Corre, agitada e desabrida,
Em turbilhões de ondas revoltas;

Cuja ternura assustadora
Agride a tudo que ama e quer,
E vai, nas praias onde estoura,
Tanto beijar como morder...

Torvo gigante repellido
Numa paixão lasciva e louca,
É todo fúria: em uma boca
Blasfema a dor, mora o rugido.

Sonha a nudez: brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,

Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flor.

Debalde a terra em flor, com o fito
De lhe escapar, se esconde – e anseia
Atrás de câmoros de areia
E de penhascos de granito:

No encalço dessa esquiva amante
Que se lhe furta, segue o mar;
Segue, e as maretas solta adiante
Como matilha, a farejar.

E, achado o rastro, vai com as suas
Ondas e a sua espumarada
Lamber, na terra devastada,
Barrancos nus e rochas nuas...

III

Mais formidável se revela,
E mais ameaça, e mais assombra
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noutes de procela.

Tremendo e próximo se escuta
Varrendo a noute, enchendo o ar,
Como o fragor de uma disputa
Entre o tufão, o céu e o mar.

Em cada ríspida rajada
O vento agride o mar sanhudo:

Roça-lhe a face, com o agudo
Sibilo de uma chicotada.

De entre a celeuma, um estampido
Avulta e estoura, alto e maior,
Quando, tirano enfurecido,
Troveja o céu ameaçador.

De quando em quando, um tênue risco
De chama vem, da sombra em meio...
E o mar recebe em pleno seio
A cutilada de um corisco.

Mas a batalha é sua, vence-a:
Cansa-se o vento, afrouxa... e assim
Como uma vaga sonolência
O luar invade o céu sem fim...

Donas do campo, as ondas rugem;
E o monstro impando de ousadia,
Pragueja, insulta, desafia
O céu, cuspendo-lhe a salsugem.

IV

A alma raivosa e libertina
Desse tenaz batalhador
Que faz do escombros e da ruína
Como os troféus do seu amor;

A alma rebelde e mal composta
Desse pagão e desse ateu

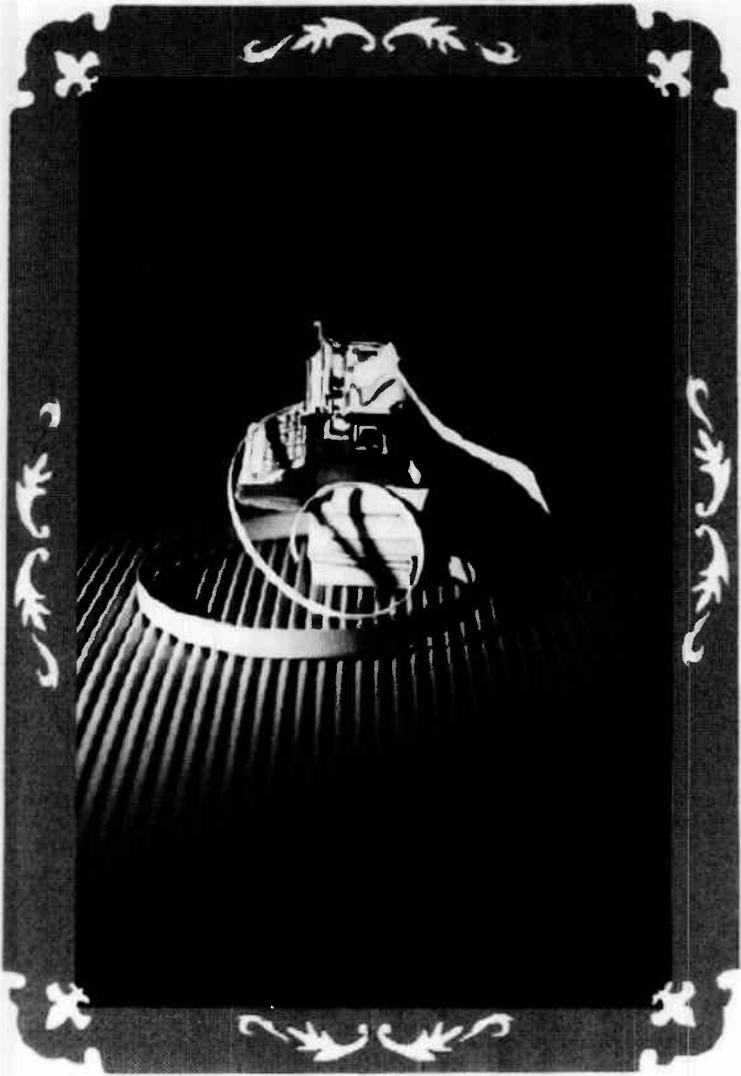
Que retalia e dá resposta
À mesma cólera do céu;

A alma arrogante, a alma bravia
Do mar, que vive a combater,
Comove-se à melancolia
Conventual do entardecer...

No seu clamor esmorecido
Vibra, indistinta e espiritual,
Alguma cousa do gemido
De um órgão numa catedral.

E pelas praias aonde descem
Do firmamento – a sombra e a paz;
E pelas várzeas que emudecem
Com os derradeiros sabiás;

Ouvem os ermos espantados
Do mar contrito no clamor
A confiança dos pecados
Daquele eterno pecador.
Escutem bem... Quando entardece,
Na meia-luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristíssima do mar...



Modernismo

Poetas ligados à Semana de Arte Moderna e que se inserem na chamada “fase heróica” do nosso Modernismo (anos 20) e poetas da segunda geração modernista (anos 30) integram esta seção.

ASCÂNIO LOPES

(*Sapé de Ubá, MG, 1906 – Cataguases, MG, 1929*)

Ascânio Lopes morreu cedo, de tuberculose. Carlos Drummond de Andrade, em crônica de 1931, lembra a morte do poeta: “Tinha 23 anos e não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a Terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida o que ela consente em noticiar – muito pouco –, outro pouco de que se tem a intuição, e nada mais. Salvo quando o indivíduo é poeta, caso de Ascânio Lopes e dos que, como ele, conheceram a vida sem terem tido tempo de vivê-la; dos que adivinharam. Os versos ascanianos dos *Poemas cronológicos* são adivinhações, ou, por outra, prêmios de loteria que o autor ganhou sem nunca ter comprado bilhete”. Ascânio Lopes integrou o grupo da revista modernista *Verde* (lançada em 1927), de Cataguases. *Poemas cronológicos*, publicado com Henrique de Resende e Rosário Fusco, é de 1928.

Sanatório

Logo, quando os corredores ficarem vazios,
e todo o Sanatório adormecer,
a febre dos tísicos entrará no meu quarto
trazida de manso pela mão da noite.

Então minha testa começará a arder,
todo meu corpo magro sofrerá.
E eu rolarei ansiado no leito
com o peito opresso e de garganta seca.

Lá fora haverá um vento mau
e as árvores sacudidas darão medo.

Ah! os meus olhos brilharão, procurando
a Morte que quer entrar no meu quarto.

Os meus olhos brilharão como os da fera
que defende a entrada de seu fojo.

(Transcrito de *Verde*, p. 12)

ASCENSO FERREIRA

(*Palmares, PE, 1895 – Recife, PE, 1965*)

A poesia de Ascenso Ferreira é telúrica. Ele soube juntar as conquistas formais do grupo de 22 com o folclore, com as tradições nordestinas. Obras: *Catimbó* (1927), *Cana caiana* (1939), *Poemas* (1951, incluindo *Xenhenhém*).

Filosofia

(*A José Pereira de Araújo –
“Doutorzinho de Escada”*)

Hora de comer – comer!

Hora de dormir – dormir!

Hora de vadiar – vadiar!

Hora de trabalhar?

– Penas pro ar que ninguém é de ferro!

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*,
vol. 1, org. Manuel Bandeira, p. 170)

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

(Rio de Janeiro, RJ, 1906 – 1965)

Augusto Frederico Schmidt participa do segundo momento do nosso Modernismo. Poeta de “inspiração bíblica” e de estilo “derramado” (Alfredo Bosi), é tido por alguns como neo-romântico. Solidão e morte são dois dos seus temas preferidos. Principais obras: *Canto do brasileiro* (1928), *Canto do liberto* (1929), *Navio perdido* (1929), *Pássaro cego* (1930), *Desaparição da amada* (1931), *Canto da noite* (1934), *Estrela solitária* (1940), *Mar desconhecido* (1942), *Fonte invistvel* (1949), *Ladainha do mar* (1951).

A partida

Quero morrer de noite –
 As janelas abertas,
Os olhos a fitar a noite infinda.

Quero morrer de noite.
 Irei me separando aos poucos,
 Me desligando devagar.
A luz das velas envolverá meu rosto lívido.

Quero morrer de noite
 As janelas abertas.
Tuas mãos chegarão aos meus lábios
 Um pouco de água.
E os meus olhos beberão a luz triste dos teus olhos.
Os que virão, os que ainda não conheço,
 Estarão em silêncio,
 Os olhos postos em mim.

Quero morrer de noite
 As janelas abertas,
Os olhos a fitar a noite infinda.

Aos poucos me verei pequenino de novo, muito pequenino.
O berço se embalará na sombra de uma sala
E na noite, medrosa, uma velha coserá um enorme boneco.
Uma luz vermelha iluminará um grande dormitório
E passos ressoarão quebrando o silêncio.
Depois na tarde fria um chapéu rolará numa estrada...

Quero morrer de noite –
 As janelas abertas.
Minha alma sairá para longe de tudo, para bem longe de tudo.

E quando todos souberem que já não estou mais
E que nunca mais volverei
Haverá um segundo, nos que estão
E nos que virão, de compreensão absoluta.

(Transcrito de *Poesia completa*, pp. 67 – 68)

AUGUSTO MEYER

(Porto Alegre, RS, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1970)

Um dos nomes de destaque do Modernismo no Rio Grande do Sul, Augusto Meyer compartilha, inicialmente, dos ideais do movimento Verde-amarelo, produzindo poemas regionalistas. Depois, torna-se mais intimista, irônico. Foi um estudioso importante da obra de Machado de Assis. Obras poéticas: *A ilusão querida* (1923), *Coração verde* (1926), *Giraluz* (1928), *Duas orações* (1928), *Poemas de Bilu* (1929), *Sorriso interior* (1930).

Oração ao Negrinho do Pastoreio

Negrinho do Pastoreio,
Venho acender a velinha
Que palpita em teu louvor.

A luz da vela me mostre
O caminho do meu amor.

A luz da vela me mostre
Onde está Nosso Senhor.

Eu quero ver outra luz
Na luz da vela, Negrinho,
Clarão santo, clarão grande
Como a verdade e o caminho
Na falação de Jesus.

Negrinho do Pastoreio,
Diz que você acha tudo
Se gente acender um lume
De velinha em seu louvor.

Vou levando esta luzinha
Treme-treme, protegida
Contra o vento, contra a noite...
É uma esperança, queimando
Na palma de minha mão.

Que não se apague este lume!
Há sempre um novo clarão,
Quem espera acha o caminho
Pela voz do coração.

Eu quero achar-me, Negrinho!
(Diz que você acha tudo!)
Ando tão longe, perdido...
Eu quero achar-me, Negrinho:
A luz da vela me mostre
O caminho do meu amor.

Negrinho, você que achou
Pela mão da sua Madrinha
Os trinta tordilhos negros
E varou a noite toda
De vela acesa na mão
(Piava a coruja rouca
No arrepio da escuridão,
Manhãzinha, a estrela-d'alva
Na voz do galo cantava,
Mas quando a vela pingava,
Cada pingo era um clarão),
Negrinho, você que achou,
Me leve à estrada batida
Que vai dar no coração!

Ah, os caminhos da vida
Ninguém sabe onde é que estão!

Negrinho, você que foi
Amarrado num palanque,
Rebenqueado a sangue pelo
Rebenque do seu patrão,
E depois foi enterrado
Na cova de um formigueiro
Pra ser comido inteirinho
Sem a luz da extrema-unção,
Se levantou saradinho,
Se levantou inteirinho:
Seu riso ficou mais branco
De enxergar Nossa Senhora
Com seu Filho pela mão!

Negrinho santo, Negrinho,
Negrinho do Pastoreio,
Você me ensine o caminho
Pra chegar à devoção,
Pra sangrar na cruz bendita
Pelos cravos da Paixão.

Negrinho, santo Negrinho,
Quero aprender a não ser!
Quero ser como a semente
Na falação de Jesus,
Semente que só vivia
E dava fruto enterrada,
Apodrecendo no chão.

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*,
vol. 1, org. Manuel Bandeira, pp. 224 – 226)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
(Itabira, MG, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1987)

Carlos Drummond de Andrade é o poeta do “sentimento do mundo”, que se interessa pela vida – “a vida apenas, sem mistificação”. Sua poesia é marcada, sobretudo, “pelo antilirismo intencional, pela ironia e (...) pelo humor desencantado” (Antonio Candido/José Aderaldo Castello). No momento mais participante da sua poesia, segundo Iumna Maria Simon, “o eu poético se pluraliza em nós, em vós, em todas as coisas, buscando a identificação com os ‘homens comuns’ e com a pluralidade de suas vozes”. Principais obras poéticas: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *Poesias* (1942), *A rosa do povo* (1945), *A mesa* (1951), *Claro enigma* (1951), *Viola de bolso* (1952), *Fazendeiro do ar & Poesia até agora* (1955), *Lição de coisas* (1962), *Boitempo* (1968).

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

CASSIANO RICARDO

(São José dos Campos, SP, 1895 – São Paulo, SP, 1974)

Há três momentos na poesia de Cassiano Ricardo. O primeiro é neo-simbolista. O segundo, já dentro do Modernismo, é de cunho nacionalista, reflexo da participação dele no movimento Verde-amarelo, ao lado de Menotti del Picchia e Plínio Salgado. Por último, a sua poesia incorpora “temas e formas da vida urbana” (Bosi). Cassiano foi um poeta sempre atento às experiências da vanguarda. Principais obras poéticas: *Dentro da noite* (1915), *A fruta de Pã* (1917), *Vamos caçar papagaios* (1926), *Martim-Cererê* (1928), *Deixa estar, jacaré* (1931), *O sangue das horas* (1943), *Um dia depois do outro* (1947), *A face perdida* (1950), *Poemas murais* (1950), *O arranha-céu de vidro* (1956), *Montanha russa e A difícil manhã* (1960), *Jeremias-sem-chorar* (1964).

A imagem oposta

Espelho, sub-reptício espelho,
meu professor de disfarce.
Quem poderá disfarçar-se
sem recorrer ao seu conselho?

É diante dele que componho
não só a gravata, meu enfeite,
mas o meu jeito de rir, tristonho,
para que o mundo me aceite.

Suspensio defronte à janela,
falador, não obstante mudo,
ele é o meu jornal tagarela
que em segredo me conta tudo.

Graças ao seu préstimo avisto
tudo o que se passa lá fora.
E vejo, sem jamais ser visto,
a vida que se vai embora...

Vejo o amigo... (ah, eu o compreendo)
o amigo que mais considero.
Aquele que só é sincero
por não saber que o estou vendo.

(Transcrito de *Poesias completas*, p. 255)

CECÍLIA MEIRELES
(Rio de Janeiro, RJ, 1901 – 1964)

No interior do Modernismo, Cecília Meireles pode ser considerada “uma herdeira do Simbolismo”, sendo que seus poemas apresentam “três constantes fundamentais: o oceano, o espaço e a solidão” (Antonio Candido/José Aderaldo Castello). Principais obras poéticas: *Espectros* (1919), *Nunca mais e poema dos poemas* (1923), *Baladas para El-Rei* (1925), *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945), *Retrato natural* (1949), *Doze noturnos da Holanda* e *O Aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Metal rosicler* (1960).

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?

DANTAS MOTA

(*Aiuruoca, MG, 1913 – Rio de Janeiro, RJ, 1974*)

Dantas Mota se alinha, inicialmente, à vertente nacionalista do Modernismo de 22, produzindo uma poesia de cunho regionalista. Depois, escreve poemas impregnados de uma visão pessimista. Por fim, faz poesia participante (“Eu bem sentira, desde o início, a preocupação do social em Dantas Mota e o tom profético de seus poemas” – Sérgio Milliet). Principais obras poéticas: *Surupango: ritmos caboclos* (1932), *Plantície dos mortos* (1945), *Anjo de capote* (1953) *Elegias do País das Gerais* (1961).

Noturno de uma vila qualquer

Nenhum ruído de cães nas latas de lixo.
(Aqui não há cães, nem latas de lixo.)
Como também não há os mendigos.
Em uma ou outra casa, se conversa,
E o pó do café, escorrendo pelas janelas,
Preteja as paredes dos fundos.
Olga, desfolhada, não me veio esta noite.
Ninguém mesmo tropeçou nas cadeiras da sala.
Mas deve haver algum defunto, alguma
Criança germinando dentro da noite.
E não é sem tempo que Maria Balduína,
A parteira, com uma luz acesa a desoras,
Domine as mulheres grávidas da vila.
Orozimbo pisa que nem distrito federal
A Ladeira do Meio, o Beco dos Andrades,
Enquanto Pedro Vieira ensaia u’a modinha qualquer
(felizmente engasgada) à Anita Eleocádia.

O subdelegado de polícia e a cadeia pública
Dormem. Rápido, um vulto de preto, chicoteando
Morcegos, a Rua de Cima atravessa,
Como se fora a viúva do farmacêutico no cio,
Como se fora o padre conduzindo a âmbula.
Havia mesmo uma chusma de cavalos mancos
Pelas ruas. As almas, pela noite, andavam
Como símios. Nem todo o arraial dormia.
O próprio cemitério matutava.

(Transcrito de *Elegias do País das Gerais*, p. 41)

DANTE MILANO

(*Rio de Janeiro, RJ, 1899 – Petrópolis, RJ, 1991*)

Embora inserido no Modernismo, Dante Milano é na verdade “anterior ao movimento modernista, do qual participou à distância e ao qual, efetivamente, jamais se filiou, nem durante nem depois da festiva década de 1920-30” (Ivan Junqueira). É um poeta mórbido, angustiado. Traduziu Dante Alighieri, Baudelaire e Mallarmé. Estreou em livro aos cinquenta anos, em 1948, com *Poesias*. A sua obra completa está em *Poesia e Prosa*, lançado em 1979 pela UERJ/Civilização Brasileira.

Monólogo

Estar atento diante do ignorado,
Reconhecer-se no desconhecido,
Olhar o mundo, o espaço iluminado,
E compreender o que não tem sentido.
Guardar o que não pode ser guardado,
Perder o que não pode ser perdido.
– É preciso ser puro, mas cuidado!
É preciso ser livre, mas sentido!
É preciso paciência, e que impaciência!
É preciso pensar, ou esquecer,
E conter a violência, com prudência,
Qual desarmada vítima ao querer
Vingar-se, sim, vingar-se da existência,
E, misteriosamente, não poder.

(Transcrito de *Poesias*, p. 126)

GUILHERME DE ALMEIDA
(*Campinas, SP, 1890 – São Paulo, SP, 1969*)

Guilherme de Almeida tinha um grande domínio das formas poéticas. A sua poesia é dividida em três fases. Na primeira, liga-se ao Parnasianismo/Symbolismo. Na segunda, incorpora certos processos modernistas (verso livre, motivos nacionalistas, etc.). Na última, é de caráter tradicional, clássico (retoma os trovadores e Camões). Principais obras poéticas: *Nós* (1917), *A dança das horas* (1919), *Livro de horas de Sórora Dolorosa* (1920), *A fruta que eu perdi* (1924), *Meu* (1925), *Raça* (1925), *Toda a poesia* (1952, 6 vols.; 1955, 7 vols.), *Camoniana* (1956), *Pequeno cancionero* (1957), *A rua* (1962).

Mormaço

Calor. E as ventarolas das palmeiras
e os leques das bananeiras
abnam devagar
inutilmente na luz perpendicular.
Todas as coisas são mais reais, são mais humanas:
não há borboletas azuis nem rolas líricas.
Apenas as taturanas
escorrem quase líquidas
na relva que estala como um esmalte.
E longe uma última romântica
– uma araponga metálica – bate
o bico de bronze na atmosfera timpânica.

(Transcrito de *Apresentação da poesia brasileira*,
de Manuel Bandeira, p. 266)

HENRIQUETA LISBOA

(*Lambari, MG, 1904 – Belo Horizonte, MG, 1985*)

A poesia de Henriqueta Lisboa, pela sonoridade, pelas imagens que dão “uma dimensão metafísica ao seu intimismo radical” (Alfredo Bosi), é original dentro do nosso Modernismo. Obras poéticas: *Enternecimento* (1929), *Velário* (1936), *Prisioneira da noite* (1941), *O menino poeta* (1943), *A face lívida* (1945), *Flor da morte* (1949), *Madrinha lua* (1952), *Azul profundo* (1956), *Lírica* (1958), *Montanha viva* (1959), *Além da imagem* (1963), *Nova lírica* (1971), *Belo Horizonte bem querer* (1972), *O alvo humano* (1973), *Reverberações e Miradouro e outros poemas* (1976), *Celebração dos elementos – água, ar, fogo, terra* (1977), *Casa de Pedras* (1979), *Pousada do ser* (1982).

Os lírios

Certa madrugada fria
irei de cabelos soltos
ver como crescem os lírios.

Quero saber como crescem
simples e belos – perfeitos! –
ao abandono dos campos.

Antes que o sol apareça
neblina rompe neblina
com vestes brancas, irei.

Irei no maior sigilo
para que ninguém perceba
contendo a respiração.

Sobre a terra muito fria
dobrando meus frios joelhos
farei perguntas à terra.

Depois de ouvir-lhe o segredo
deitada por entre lírios
adormecerei tranqüila.

(Transcrito de *Lírica*, p. 124)

JOAQUIM CARDOZO

(Recife, PE, 1897 – Olinda, PE, 1978)

Joaquim Cardozo é, no nosso Modernismo, um dos poucos poetas a fundir “as fontes regionais (no caso, pernambucanas) e o humano universal” (Alfredo Bosi). Obras poéticas: *Poemas* (1947), *Prelúdio e elegia de uma despedida* (1952), *Signo estrelado* (1960), *O coronel de Macambira* (1963), *Poesias completas* (1971, reúne os livros anteriores e *Mundos paralelos*), *Um livro aceso e nove canções sombrias* (1981).

Canção elegíaca

Quando os teus olhos fecharem
Para o esplendor deste mundo,
Num chão de cinza e fadigas
Hei de ficar de joelhos;
Quando os teus olhos fecharem
Hão de murchar as espigas,
Hão de cegar os espelhos.

Quando os teus olhos fecharem
E as tuas mãos repousarem
No peito frio e deserto,
Hão de morrer as cantigas;
Irá ficar desde e sempre,
Entre ilusões inimigas,
Meu coração descoberto.

Ondas do mar – traiçoeiras –
A mim virão, de tão mansas,
Lamber os dedos da mão;

Serenas e comovidas
As águas regressarão
Ao seio das cordilheiras;
Quando os teus olhos fecharem
Hão de sofrer ternamente
Todas as coisas vencidas,
Profundas e prisioneiras;
Hão de cansar as distâncias,
Hão de fugir as bandeiras.

Sopro da vida sem margens,
Fase de impulsos extremos,
O teu hálito irá indo,
Longe e além reproduzindo,
Como um vento que passasse
Em paisagens que não vemos;
Nas paisagens dos pintores
Comovendo os girassóis
Perturbando os crisantemos.

O teu ventre será terra
Erma, dormente e tranqüila
De savana e de paul;
Tua nudez será fonte,
Cingida de aurora verde,
A cantar saudade pura
De abril, de sonho, de azul
Fechados no anoitecer.

JOEL SILVEIRA
(Aracaju, SE, 1918)

Joel Silveira, além de poeta, é jornalista (*Grã-finos de São Paulo e outras notícias do Brasil*, 1946; *Meninos eu vi*, 1965; *As duas guerras da FEB*, 1966 – reportagens), contista (*Onda raivosa*, 1939; *Roteiro de Margarida*, 1940; *Lua*, 1945; *Alguns fantasmas*, 1962; *Milagre em Florença*, 1983), cronista (*Histórias de pracinhas*, 1945; *O marinheiro na varanda*, 1958), romancista (*Desespero*, 1936; *Desaparecimento da aurora*, 1954) e romancista (*Você nunca será um deles*, 1988). Manuel Bandeira incluiu três dos poemas de Joel Silveira (“Poema”, “Roma, 1945” e “Canto a Firenze”) na sua antologia *Poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, de 1946 (ampliada em 1964).

Poema

Porque não há trégua na quotidiana amargura,
os versos nascem todos desgraçados
e possivelmente maus.

Os caminhos estão gastos,
as mulheres se repetem
e é ridículo dar amor a alguém que amanhã estará
[murcho

e que jamais devolverá nossas cartas.
Para as horas, tão inúteis,
vale apenas a solução dos bêbedos.

Onde estão os perigos desta vida?
Quero-os todos para mim, aqui ou longe,
a eles o melhor estilo e o melhor entusiasmo.

E que sobre eles o amor e a alegria se debrucem
como rosas abertas num campo minado.

Julho, 1945.

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, org. Manuel Bandeira, p. 131)

JORGE DE LIMA

(*União, AL, 1893 – Rio de Janeiro, RJ, 1953*)

Jorge de Lima é, num primeiro momento, um neoparnasiano; em seguida, ligando-se ao Modernismo, escreve poemas regionalistas (a sua chamada “fase nordestina”); por fim, convertendo-se ao catolicismo, produz uma poesia de inspiração bíblica (“fase religiosa”), fundindo não raro erudição e elementos surrealistas. Principais obras poéticas: *XIV Alexandrinos* (1914), *O mundo do menino impossível* (1925), *Poemas* (1927), *Essa negra Fulô* (1928), *Tempo e eternidade* (1935, com Murilo Mendes), *A túnica inconsútil* (1938), *Poemas negros* (1947), *Livro de sonetos* (1949), *Invenção de Orfeu* (1952).

Invenção de Orfeu

Canto I

(*Fundação da Ilha*)

XXXIII

Tu queres ilha: despe-te das coisas,
das excrescências, tira de teus olhos
as vidraças e os véus, sapatos de
teus pés, e roupas, calos, botões e

também as faces que se colam à
tua, e os braços alheios que te abraçam
e os pés que querem ir por ti, e as moças
que querem te esposar, e os ais (não ouças!)

que querem te carpir, e os cantos que
querem te consolar, e tantos guias
que querem te perder, e as ventanias

que não dormem, que batem alta noite,
tristes, em tua porta, se rressonas
pois nem o vento, nada te abandona.

(Transcrito de *Poesias completas*, vol. 3, pp. 63 – 64)

MANUEL BANDEIRA

(Recife, PE, 1886 – Rio de Janeiro, RJ, 1968)

Manuel Bandeira é um dos principais nomes do nosso Modernismo. De início, foi um parnasiano crepuscular; depois, participando da renovação modernista, produziu uma poesia cuja força reside sobretudo na simplicidade – e em que estão presentes o elemento biográfico, a confiança, a paixão pela existência. Segundo Davi Arrigucci Jr., a “atitude humilde” é o “fundamento do estilo maduro” de Manuel Bandeira; traduzida “num desejo de despojamento e redução ao essencial, tanto nos temas quanto na linguagem”, a poesia do pernambucano nos desconcerta “pela simplicidade difícil de entender”. Principais obras poéticas: *Cinza das horas* (1917), *Carnaval* (1919), *Poesias* (1924, reunindo os dois primeiros livros e *Ritmo dissoluto*), *Libertinagem* (1930), *Estrela da manhã* (1936), *Mafuá do Malungo* (1948), *Estrela da tarde* (1963).

Porquinho-da-índia

Quando eu tinha seis anos
 Ganhei um porquinho-da-índia.
 Que dor de coração me dava
 Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
 Levava ele pra sala
 Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
 Ele não gostava:
 Queria era estar debaixo do fogão.
 Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

– O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira
 [namorada.

(Transcrito de *Estrela da vida inteira*, p. 130)

MÁRIO DE ANDRADE
(São Paulo, SP, 1893 – 1945)

Mário de Andrade foi uma das grandes figuras da Semana de Arte Moderna. Num primeiro momento da sua trajetória intelectual, teoriza e pratica a poesia modernista; em seguida, volta-se para um “nacionalismo estético e pitoresco” (Antonio Candido/José Aderaldo Castello); por último, mistura, num só movimento, “a pesquisa da sua alma e a pesquisa do seu país” (*idem*). Obras poéticas: *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), *Paulicéia desvairada* (1922), *Losango cáqui* (1926), *Clã do jabuti* (1927), *Remate de males* (1930), *Poesias* (1941), *Lira paulistana* (1946, seguida de *O carro da miséria*), *Poesias completas* (1955).

*Meditação sobre o Tietê*¹

Água do meu Tietê,
Onde me queres levar?
– Rio que entras pela terra
E que me afastas do mar...

É noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável
Da Ponte das Bandeiras o rio
Murmura num banheiro de água pesada e oliosa.

¹ Texto purado por Tatiana aria longo dos Santos mediante o confronto do manuscrito (última versão datada de São Paulo, 30 nov. 1944 – 12 de fev. 1945) presente no Arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros (USP) e o texto publicado em: ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,
 Soturnas sombras, enchem de noite tão vasta
 O peito do rio, que é como si a noite fosse água,
 Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões
 As altas torres do meu coração exausto. De repente
 O ólio das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,
 É um susto. E num momento o rio
 Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,
 Ruas, ruas, por onde os dinossauros caxingam
 Agora, arranha-céus valentes donde saltam
 Os bichos blau e os punidores gatos verdes,
 Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,
 Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma
 Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.
 E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.
 Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,
 Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam
 Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.
 É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado
 É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.

Meu rio, meu Tietê, onde me levas?
 Sarcástico rio que contradizes o curso das águas
 E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,
 Onde me queres levar?...
 Por que me proíbes assim praias e mar, por que
 Me impedes a fama das tempestades do Atlântico
 E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?
 Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,
 Me induzindo com a tua insistência turrona paulista
 Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio!...

Já nada me amarga mais a recusa da vitória
 Do indivíduo, e de me sentir feliz em mim.

Eu mesmo desisti dessa felicidade deslumbrante,
E fui por tuas águas levado,
A me reconciliar com a dor humana pertinaz,
E a me purificar no barro dos sofrimentos dos homens.
Eu que decido. E eu mesmo me reconstituí árduo na dor
Por minhas mãos, por minhas desvividas mãos, por
Estas minhas próprias mãos que me traem,
Me desgastaram e me dispersaram por todos os descaminhos,
Fazendo de mim uma trama onde a aranha insaciada
Se perdeu em cisco e porem, cadáveres e verdades e ilusões.

Mas porém, rio, meu rio, de cujas águas eu nasci,
Eu nem tenho direito mais de ser melancólico e frágil,
Nem de me estrelar nas volúpias inúteis da lágrima!
Eu me reverto às tuas águas espessas de infâmias,
Oliosas, eu, voluntariamente, sofregamente, sujado
De infâmias, egoísmos e traições. E as minhas vozes,
Perdidas do seu tenor, rosnam pesadas e oliosas,
Varando terra adentro no espanto dos mil futuros,
À espera angustiada do ponto. Não do meu ponto final!
Eu desisti! Mas do ponto entre as águas e a noite,
Daquele ponto leal à terrestre pergunta do homem,
De que o homem há-de nascer.

Eu vejo, não é por mim, o meu verso tomando
As cordas oscilantes da serpente, rio.
Toda a graça, todo o prazer da vida se acabou.
Nas tuas águas eu contemplo o Boi Paciência
Se afogando, que o peito das águas tudo soverteu.
Contágios, tradições, brancuras e notícias,
Mudo, esquivo, dentro da noite, o peito das águas, fechado, mudo,
Mudo e vivo, no despeito estrídulo que me fustiga e devora.

Destino, predestinações... meu destino. Estas águas
Do meu Tietê são abjetas e barrentas,

Dão febre, dão a morte decerto, e dão garças e antíteses.
 Nem as ondas das suas praias cantam, e no fundo
 Das manhãs elas dão gargalhadas frenéticas,
 Silvos de tocaias e lamurientos jacarés.
 Isto não são águas que se beba, conhecido, isto são
 Águas do vício da terra. Os jabirus e os socós
 Gargalham depois morrem. E as antas e os bandeirantes e os ingás,
 Depois morrem. Sobra não. Nem sequer o Boi Paciência
 Se muda não. Vai tudo ficar na mesma, mas vai!... e os corpos
 Podres envenenam estas águas completas no bem e no mal.

Isto não são águas que se beba, conhecido! Estas águas
 São malditas e dão morte, eu descobri! e é por isso
 Que elas se afastam dos oceanos e induzem à terra dos homens,
 Paspalhonas. Isto não são águas que se beba, eu descobri!
 E o meu peito das águas se esborrifa, ventarrão vem, se encapela,
 Engruvinhado de dor que não se suporta mais.

Me sinto o pai Tietê! ôh força dos meus sovacos!
 Cio de amor que me impede, que destrói e fecunda!
 Nordeste de impaciente amor sem metáforas,
 Que se horroriza e enraivece de sentir-se
 Demagogicamente tão sozinho! Ôh força!
 Incêndio de amor estrondante, enchente magnânima que me inunda,
 Me alarma e me destroça, inerme por sentir-me
 Demagogicamente tão só!

A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua
 Si as tuas águas estão podres de fel
 E majestade falsa? A culpa é tua
 Onde estão os amigos? onde estão os inimigos?
 Onde estão os pardais? e os teus estudiosos e sábios, e
 Os iletrados?
 Onde o teu povo? e as mulheres! dona Hircenuhdis Quiroga!

E os Prados e os crespos e os pratos e os barbas e os gatos e os línguas
Do Instituto Histórico e Geográfico, e os mu-
seus e a Cúria, e os senhores chantres reverendíssimos,
Celso niil estate variólas gide memoriam,
Calípedes flogísticos e a Confraria Brasiliense e Clima
E os jornalistas e os trustkistas e a Light e as
Novas ruas abertas e a falta de habitações e
Os mercados?... E a tiradeira divina de Cristo!...

Tu és Demagogia. A própria vida abstrata tem vergonha
De ti em tua ambição fumarenta.

És demagogia em teu coração insubmisso.

És demagogia em teu desequilíbrio anticéptico

E antiuniversitário.

És demagogia. Pura demagogia.

Demagogia pura. Mesmo alimpada de metáforas.

Mesmo irrespirável de furor na fala reles:

Demagogia.

Tu és enquanto tudo é eternidade e malvasia:

Demagogia.

Tu és em meio à (crase) gente pia:

Demagogia.

És tu jocoso enquanto o ato gratuito se esvazia:

Demagogia.

És demagogia, ninguém chegue perto!

Nem Alberto, nem Adalberto nem Dagoberto

Esperto Ciumento Peripatético e Ceci

E Tancredo e Afrodísio e também Arminda

E o próprio Pedro e também Alcibíades,

Ninguém te chegue perto, porque tenhamos o pudor,

O pudor do pudor, sejamos verticais e sutis, bem

Sutis!... E as tuas mãos se emaranham lerdas,

E o Pai Tietê se vai num suspiro educado e sereno,

Porque és demagogia e tudo é demagogia.

Olha os peixes, demagogo incivil! Repete os carcomidos peixes!
São eles que empurram as águas e as fazem servir de alimento
Às areias gordas da margem. Olha o peixe dourado sonoro,
Esse um é presidente, mantém faixa de crachá no peito,
Acirculado de tubarões que escondendo na fuça rotunda
O perrepismo dos dentes, se revezam na rota solene,
Languidamente presidenciais. Ei-vem o tubarão-martelo
E o lambari-spitfire. Ei-vem o boto-ministro.
Ei-vem o peixe-boi com as mil mamicas imprudentes,
Perturbado pelos golfinhos saltitantes e as tabaranas
Em zás-trás dos guapos Pêdêcês e Guaporés.
Eis o peixe-baleia entre os peixes muçuns lineares,
E os bagres do lodo oliva e bilhões de peixins japoneses;
Mas és asnático o peixe-baleia e vai logo encalhar na margem,
Pois quis engolir a própria margem, confundido pela facheada,
Peixes aos mil e mil, como se diz, brincabrincando
De dirigir a corrente com ares de salva-vidas.
E lá vêm por debaixo e por de-banda os interrogativos peixes
Internacionais, uns rubicundos sustentados de mosca,
E os espartartes a trote chique, esses são espartartes! e as duas
Semanas Santas se insultam e odeiam, na lufa-lufa de ganhar
No bicho o corpo do Crucificado. Mas as águas,
As águas choram baixas num murmúrio lívido, e se difundem
Tecidas de peixe e abandono, na mais incompetente solidão.

Vamos, Demagogia! eia! sus! aceita o ventre e investe!
Berra de amor humano impenitente,
Cega, sem lágrima, ignara, colérica, investe!
Um dia hás-de ter razão contra a ciência e a realidade,
E contra os fariseus e as lontras luzidias.
E contra os guarás e os elogiados. E contra todos os peixes.
E também os mariscos, as ostras e os trairões fartos de equilíbrio e
Pundhonor.

Pum d'honor.

Qué-de as Juvenilidades Auriverdes!

Eu tenho medo... Meu coração está pequeno, é tanta
Essa demagogia, é tamanha,
Que eu tenho medo de abraçar os inimigos,
Em busca apenas dum sabor,
Em busca dum olhar,
Um sabor, um olhar, uma certeza...

É noite... Rio! meu rio! meu Tietê!
É noite muito!... As formas... Eu busco em vão as formas
Que me ancorem num porto seguro na terra dos homens.
É noite e tudo é noite. O rio tristemente
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.
Água noturna, noite líquida... Augúrios mornos afogam
As altas torres do meu exausto coração.
Me sinto esvair no apagado murmulho das águas.
Meu pensamento quer pensar, flor, meu peito
Queria sofrer, talvez (sem metáfora) uma dor irritada...
Mas tudo se desfaz num choro de agonia
Plácida. Não tem formas nessa noite, e o rio
Recolhe mais esta luz, vibra, reflete, se aclara, refulge,
E me larga desarmado nos transes da enorme cidade.

Si todos esses dinossauros imponentes de luxo e diamante,
Vorazes de genealogias e de arcanos,
Quisessem reconquistar o passado...
Eu me vejo sozinho, arrastando sem músculo
A cauda do pavão e mil olhos de séculos,
Sobretudo os vinte séculos de anticristianismo
Da por todos chamada Civilização Cristã...
Olhos que me intrigam, olhos que me denunciam,
Da cauda do pavão, tão pesada e ilusória.
Não posso continuar mais, não tenho, porque os homens
Não querem me ajudar no meu caminho.

Então a cauda se abriria orgulhosa e reflorescente
 De luzes inimagináveis e certezas...
 Eu não seria tão somente o peso deste meu desconsolo,
 A lepra do meu castigo queimando nesta epiderme
 Que encurta, me encerra e me inutiliza na noite,
 Me revertendo minúsculo à advertência do meu rio.
 Escuto o rio. Assunto estes balouços em que o rio
 Murmura num banzeiro. E contemplo
 Como apenas se movimenta escravizada a torrente,
 E rola a multidão. Cada onda que abrolha
 E se mistura no rolar fatigado é uma dor. E o surto
 Mirim dum crime impune.

Vem de trás o estirão. É tão soluçante e tão longo,
 E lá na curva do rio vêm outros estirões e mais outros,
 E lá na frente são outros, todos soluçantes e presos
 Por curvas que serão sempre apenas as curvas do rio.
 Há de todos os assombros, de todas as purezas e martírios
 Nesse rolo torvo das águas. Meu Deus! meu
 Rio! como é possível a torpeza da enchente dos homens!
 Quem pode compreender o escravo macho
 E multimilenar que escorre e sofre, e mandado escorre
 Entre injustiça e impiedade, estreitado
 Nas margens e nas areias das praias sequiosas?
 Elas bebem e bebem. Não se fartam, deixando com desespero
 Que o resto do galé aquoso ultrapasse esse dia,
 Pra ser represado e bebido pelas outras areias
 Das praias adiante, que também dominam, aprisionam e mandam
 A trágica sina do rolo das águas, e dirigem
 O leito impassível da injustiça e da impiedade.
 Ondas, a multidão, o rebanho, o rio, meu rio, um rio
 Que sobe! Fervilha e sobe! E se adentra fatalizado, e em vez
 De ir se alastrar arejado nas liberdades oceânicas,
 Em vez se adentra pela terra escura e ávida dos homens,

Dando sangue e vida a beber. E a massa líquida
Da multidão onde tudo se esmigalha e se iguala,
Rola pesada e oliosa, e rola num rumor surdo,
E rola mansa, amansada imensa eterna, mas
No eterno imenso rígido canal da estulta dor.

Porque os homens não me escutam! Por que os governadores
Não me escutam? Por que não me escutam
Os plutocratas e todos os que são chefes e são fezes?
Todos os donos da vida?
Eu lhes daria o impossível e lhes daria o segredo,
Eu lhes dava tudo aquilo que fica pra cá do grito
Metálico dos números, e tudo
O que está além da insinuação cruenta da posse.
E si caso eles protestassem, que não! que não desejam
A borboleta translúcida da humana vida, porque preferem
O retrato a óleo das inaugurações espontâneas,
Com béstias de operário e do oficial, imediatamente inferior,
E palminhas, e mais os sorrisos das máscaras e a profunda comoção,
Pois não! Melhor que isso eu lhes dava uma felicidade deslumbrante
De que eu consegui me despojar porque tudo sacrifiquei.
Sejamos generosíssimos. E enquanto os chefes e as fezes
De mamadeira ficassem na creche de laca e lacinhos,
Ingênuos brincando de felicidade deslumbrante:
Nós nos iríamos de camisa aberta ao peito,
Descendo verdadeiros ao léu da corrente do rio,
Entrando na terra dos homens ao coro das quatro estações.

Pois que mais uma vez eu me aniquilo sem reserva,
E me estilhaço nas fagulhas eternamente esquecidas,
E me salvo no eternamente esquecido fogo de amor...
Eu estalo de amor e sou só amor arrebatado
Ao fogo irrefletido do amor.
... eu já amei sozinho comigo; eu já cultivei também

O amor do amor, Maria!
 E a carne plena da amante, e o susto vário
 Da amiga, e a confiança do amigo... Eu já amei
 Contigo, Irmão Pequeno, no exílio da preguiça elevada, escolhido
 Pelas águas do turbido rio do Amazonas, meu outro sinal.
 E também, ôh também! na mais impávida glória
 Descobridora da minha inconstância e aventura,
 Desque me fiz poeta e fui trezentos, eu amei
 Todos os homens, odiei a guerra, salvei a paz!
 E eu não sabia! Eu bailo de ignorâncias inventivas,
 E a minha sabedoria vem das fontes que eu não sei!
 Quem move meu braço? Quem beija por minha boca?
 Quem sofre e se gasta pelo meu renascido coração?
 Quem? sinão o incêndio nascituro do amor?...
 Eu me sinto grimpado no arco da Ponte das Bandeiras,
 Bardo mestiço, e o meu verso vence a corda
 Da caninana sagrada, e afina com os ventos dos ares, e enrouquece
 Úmido nas espumas da água do meu rio,
 E se espatifa nas dedilhações brutas do incorpóreo Amor.

Por que os donos da vida não me escutam?
 Eu só sei que eu não sei por mim! sabem por mim as fontes
 Da água, e eu bailo de ignorâncias inventivas.
 Meu baile é solto como a dor que range, meu
 Baile é tão vário que possui mil sambas insonhados!
 Eu converteria o humano crime num baile mais denso
 Que estas ondas negras de água pesada e oliosa,
 Porque os meus gestos e os meus ritmos nascem
 Do incêndio puro do amor... Repetição. Primeira voz sabida, o Verbo.
 Primeiro troco. Primeiro dinheiro vendido. Repetição logo ignorada.
 Como é possível que o amor se mostre impotente assim
 Ante o ouro pelo qual o sacrificam os homens,
 Trocando a primavera que brinca na face das terras
 Pelo outro tesouro que dorme no fundo baboso do rio!

É noite! é noite!... E tudo é noite! E os meus olhos são noite!
Eu não enxergo sequer as barcaças na noite.
Só a enorme cidade. E a cidade me chama e pulveriza,
E me disfarça numa queixa flébil e comedida,
Onde irei encontrar a malícia do Boi Paciência
Redivivo. Flor. Meu suspiro ferido se agarra,
Não quer sair, enche o peito de ardência ardilosa,
Abre o olhar, e o meu olhar procura, flor, um tilintar
Nos ares, nas luzes longe, no peito das águas,
No reflexo baixo das nuvens.

São formas... Formas que fogem, formas
Indivisas, se atropelando, um tilintar de formas fugidias
Que mal se abrem, flor, se fecham, flor, flor, informes, inacessíveis,
Na noite. E tudo é noite. Rio, o que eu posso fazer!...
Rio, meu rio... mas porém há-de haver com certeza
Outra vida melhor do outro lado de lá
Da serra! E hei-de guardar silêncio!
O que eu posso fazer!... hei-de guardar silêncio
Deste amor mais perfeito do que os homens?...

Estou pequeno, inútil, bicho da terra, derrotado.
No entanto eu sou maior... Eu sinto uma grandeza infatigável!
Eu sou maior que os vermes e todos os animais.
E todos os vegetais. E os vulcões vivos e os oceanos,
Maior... Maior que a multidão do rio acorrentado,
Maior que a estrela, maior que os adjetivos,
Sou homem! vencedor das mortes, bem-nascido além dos dias,
Transfigurado além das profecias!

Eu recuso a paciência, o boi morreu, eu recuso a esperança.
Eu me acho tão cansado em meu furor.
As águas apenas murmuram hostis, água vil mas turrona paulista

Que sobe e se espraia, levando as auroras represadas
Para o peito dos sofrimentos dos homens.
... e tudo é noite. Sob o arco admirável
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,
Uma lágrima apenas, uma lágrima,
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.

MÁRIO QUINTANA

(Alegrete, RS, 1906 – Porto Alegre, RS, 1994)

Com uma poesia simples, entre terna e irônica, não raro bem humorada, Mário Quintana conquistou um público fiel – e é um nome importante do segundo momento do nosso Modernismo. Principais obras poéticas: *A rua dos cata-ventos* (1940), *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951), *Caderno H* (1975), *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), *A vaca e o hipogrifo* (1977).

O poema

Um poema como um gole d'água bebido no escuro.
Como um pobre animal palpitando ferido.
Como pequenina moeda de prata perdida
para sempre na floresta noturna.
Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa
condição de poema.

Triste.
Solitário.
Único.
Ferido de mortal beleza.

(Transcrito de *Melhores poemas de Mário Quintana*, p. 20)

MENOTTI DEL PICCHIA
(São Paulo, SP, 1892 – 1988)

Menotti del Picchia teve participação ativa na Semana de Arte Moderna. Criou, com Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, o movimento Verde-amarelo, defensor de um nacionalismo ufanista. Principais obras poéticas: *Juca Mulato* (1917), *Moisés* (1917), *Máscaras* (1917), *Chuva de Pedra* (1925), *República dos Estados Unidos do Brasil* (1928), *Poemas* (1935).

Hesitação

Se eu lhe dissesse o meu amor...

– Olha o mar como é vasto. Olha o mar como geme.

Se eu lhe dissesse o meu amor...

– É meu braço que treme ou teu braço que treme?

Se eu lhe dissesse o meu amor...

– Olha o céu como esplende! Olha o sol como aquece!

Se eu lhe dissesse o meu amor...

Mas seu corpo estremece... A minh'alma estremece
como se eu lhe dissesse
o meu amor...

(Transcrito de *Poesias – 1907-1946*, p. 89)

MURILO MENDES

(Juiz de Fora, MG, 1901 – Lisboa, PORT, 1975)

De início, Murilo Mendes produz o chamado poema-piada, influenciado pelo primeiro momento modernista, sobretudo por Oswald de Andrade. Depois, ao aderir ao catolicismo, sua poesia se torna mística ao mesmo tempo que participante, marcada pela tensão entre o profano e o sagrado, o Bem e o Mal – e envolvida numa atmosfera onírica, alucinatória, de sabor surrealista. Obras poéticas: *Poemas* (1930), *História do Brasil* (1932), *Tempo e eternidade* (1935, com Jorge de Lima), *A poesia em pânico* (1938), *O visionário* (1941), *As metamorfoses* (1944), *Mundo enigma* (1945), *Poesia liberdade* (1947), *Contemplação de Ouro Preto* (1954).

Os dois lados

Deste lado tem meu corpo
tem o sonho
tem a minha namorada na janela
tem as ruas gritando de luzes e movimentos
tem meu amor tão lento
tem o mundo batendo na minha memória
tem o caminho pro trabalho.

Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha vida
tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas
tem minha noiva definitiva me esperando com flores na mão,
tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.

(Transcrito de *Poesia completa e prosa*, p. 98)

ODYLO COSTA, FILHO

(São Luís, MA, 1914 – Rio de Janeiro, RJ, 1979)

Odylo Costa, filho, além de praticar o soneto, fez poemas neo-românticos. Foi jornalista (*Jornal do Comércio*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*) e membro da Academia Brasileira de Letras. Obras poéticas: *Livro de poemas de 1935* (1937, com Henrique Carstens), *Tempo de Lisboa e outros poemas* (1966).

Arte poética

Assim, amigo, desejaria eu escrever:
como um galho de árvore seca
entretanto úmido da noite.
Como quem estende a mão, esquecido de si próprio,
aos que a dor ameaça afogar em desespero,
num ímpeto de secreta fraternidade.
Despreocupado e cotidiano como a conversa
dos que não sabem que em breve vão morrer de repente.
Sem adormecer a consciência de ninguém
mas sem tirar o sono a nenhum corpo.
Modesto como quem serve à mesa
leve como quem fala com menino
natural como os bichos na floresta
teimoso como quem quebra pedra no sol.

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*,
vol. 1, org. Manuel Bandeira, p. 314)

OSWALD DE ANDRADE
(São Paulo, SP, 1890 – 1954)

Oswald de Andrade é normalmente identificado com o momento mais radical do nosso Modernismo – aquele que investe contra os cânones do passado, tentando construir uma literatura antenada com o séc. XX. Os manifestos *Pau-Brasil* e *Antropófago*, lançados pelo escritor, além de romances como *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, são a expressão principal do seu ideal renovador. Obras poéticas: *Pau-Brasil* (1925), *Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade* (1927), *Poesias reunidas* (1945).

Ditirambo

Meu amor me ensinou a ser simples
Como um largo de igreja
Onde não há nem um sino
Nem um lápis
Nem uma sensualidade

(Transcrito de *Pau-Brasil*, p. 99)

PEDRO DANTAS

(Rio de Janeiro, RJ, 1904 – 1977)

Pedro Dantas é o pseudônimo de Prudente de Moraes, neto. Com Sérgio Buarque de Holanda, lançou, em 1924, a revista modernista *Estética* (que teve três números e durou até 1925). Manuel Bandeira, na sua antologia *Poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, de 1946 (ampliada em 1964), incluiu dezoito poemas de Pedro Dantas (“Mutação dos sábados”, “Sinal do céu”, “A voz”, “A cachorra”, “Materialismo histórico ou psicologia das multidões”, etc.).

A cachorra

Veio uma angústia de cima,
 Pelos ombros me agarrou,
 No mais fundo do meu peito
 Sua lâmina cravou.
 Depois que no chão desfeito
 O meu corpo estrebuchou,
 Pelos cabelos a fera
 Sobre pedras me arrastou.
 Meu corpo se espeda ou.
 Mas ainda não satisfeita,
 Nova vida me insuflou:
 Para mostrar poderio,
 Com a sua mão direita
 Uma cidade arrasou,
 Na esquerda tomou um rio,
 Fogo nas águas soprou,
 As  guas todas do rio

Com seu hálito secou.
 Levou-me aos cimos mais altos,
 No ar me imobilizou.
 Depois em súbitos saltos,
 A garra adunca fincando
 No meu coração, lá do alto
 Soltou um grito nefando
 E sobre o mar me atirou.
 Ah nas águas do mar alto
 Meu corpo logo afundou.
 Veio buscar-me de novo:
 Angina-péctoris, polvo,
 Meu coração sufocou
 E tais surras de chicote
 Me deu, que a cada lambada
 Minh'a alma mortificada
 Minh'alma perto da morte
 Só a morte desejou;
 Meu rosto esfregou na lama,
 As faces me babujou
 E quando à atroz azáfama
 O meu olhar se turvou,
 Vencido, entregue, arquejante
 Perdido o sangue das veias
 Na praia, sobre as areias,
 Meu corpo exausto rodou.
 Ah pobre corpo do amante
 Que até o fim se humilhou!
 Então um riso infamante
 As fauces lhe escancarou,
 Zombou da minha tolice:
 “Eu sou a Cachorra”, disse,
 “Tu me chamaste: aqui estou”.

A essa voz dissiparam-se as sombras
E enquanto ela me mastigava os últimos restos da
[memória
Senti que da sua boca nasciam rosas
E vi que o céu se rasgava para a maravilhosa aparição.

(Transcrito de *Apresentação da poesia brasileira*,
de Manuel Bandeira, pp. 306 – 307)

RAUL BOPP

(*Santa Maria, RS, 1898 – Rio de Janeiro, RJ, 1984*)

Raul Bopp, num primeiro momento, integra o grupo Verde-amarelo; em seguida, compartilha dos ideais da Antropofagia (Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral). É reconhecido sobretudo por seu poema *Cobra Norato*, de 1931. De temática amazônica, linguagem simples e riqueza metafórica, *Cobra Norato* fez de seu autor, entre os nossos modernistas, um dos principais representantes do primitivismo. Outras obras poéticas: *Urucungo* (1933), *Poesias* (1947).

Cobra Norato

XVIII

Vou me estirar neste paturá
para ouvir barulhos de beira de mato
e sentir a noite toda habitada de estrelas

Quem sabe se uma delas
com seus fios de prata
viu o rasto luminoso da filha da rainha Luzia?

Dissolvem-se rumores distantes
num fundo de floresta anônima

Sinto bater em cadência
a pulsação da terra

Silêncios imensos se respondem...

(Transcrito de *Poesia completa*, p. 169)

RIBEIRO COUTO

(Santos, SP, 1898 – Paris, FRANÇA, 1963)

Ribeiro Couto, chamado de “penumbriista” por sua poesia entre terna e triste, na verdade é um simbolista (ou neo-simbolista) que teve participação no movimento de 22. Algumas de suas obras poéticas: *Jardim das confidências* (1921); *Poemetos de ternura e melancolia* (1924), *Poesias reunidas* (1960).

Elegia

Que quer o vento?
A cada instante
Este lamento
Passa na porta
Dizendo: abre...

Vento que assusta
Nas horas frias
Da noite feia,
Vindo de longe,
Das ermas praias.

Andam de ronda
Nesse violento,
Longo queixume,
As invisíveis
Bocas dos mortos.

Também um dia,
Estando eu morto,

Virei queixar-me
Na tua porta.

Virei no vento
Mas não de inverno,
Nas horas frias
Das noites feias.

Virei no vento
Da primavera.
Em tua boca
Serei carícia,
Cheiro de flores
Que estão lá fora
Na noite quente.

Virei no vento...
Direi: Acorda!...

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*,
vol. 1, org. Manuel Bandeira, pp. 174 – 175)

RONALD DE CARVALHO
(*Rio de Janeiro, RJ, 1893 – 1935*)

Publicando inicialmente dois livros de “inspiração parnasiana”, como dizem Antonio Candido e José Aderaldo Castello, Ronald de Carvalho irá depois aderir ao Modernismo. Foi um dos idealizadores da revista luso-brasileira *Orfeu* (expressão do futurismo português), tendo também participado da Semana de Arte Moderna. Obras poéticas: *Luz gloriosa* (1913), *Poemas e sonetos* (1919), *Epigramas irônicos e sentimentais* (1922), *Toda a América* (1926) e *Jogos pueris* (1926).

Brasil

Nesta hora de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
faíscas
cintilações

Eu ouço o canto enorme do Brasil!

Eu ouço o tropel dos cavalos de Iguaçu
correndo na ponta das rochas nuas,
empinando-se no ar molhado, batendo
com as patas de água na manhã de
bolhas e pingos verdes;

Eu ouço a tua grave melodia, a tua bárbara
e grave melodia, Amazonas, a melodia
da tua onda lenta de óleo espesso, que se

avoluma e se avoluma, lambe o barro
das barrancas, morde raízes, puxa ilhas
e empurra o oceano mole como um tou-
ro picado de farpas, varas, galhos e
folhagens;

Eu ouço a terra que estala no ventre quente
do nordeste, a terra que ferve na planta
do pé de bronze do cangaceiro, a terra
que se esboroa e rola em surdas bolas
pelas estradas de Juazeiro, e quebra-se
em crostas secas, esturricadas no Crato
chato;

Eu ouço o chiar das caatingas – trilos, pios,
pipios, trinos, assobios, zumbidos, bicos
que picam, bordões que ressoam retesos,
tímpanos que vibram límpidos, papos
que estufam, asas que zinem zinem
rezinem, cris-cris, cicios, cismas, cismas
longas, langues – caatingas debaixo do
céu!

Eu ouço os arroios que riem, pulando na
garupa dos dourados gulosos, mexendo
com os bagres no limo das luras e das
locas;

Eu ouço as moendas espremendo canas, o
gluglu do mel escorrendo nas tachas, o
tinir das tigelinhas nas seringueiras;
e machados que dispararam caminhos,
e serras que toram troncos,

e matilhas de “Corta-Vento”, “Rompe-Ferro”, “Faíscas” e “Tubarões” acuando
 suçuaranas e maçarocas,
 e mangues borbulhando na luz,
 e caititus tatalando as queixadas para os
 jacarés que dormem no tejuco morno dos
 igapós...

Eu ouço todo o Brasil cantando, zumbindo,
 gritando, vociferando!
 Redes que se balançam,
 sereias que apitam,
 usinas que rangem, martelam, arfam,
 estridulam, ululam e roncam,
 tubos que explodem,
 guindastes que giram,
 rodas que batem,
 trilhos que trepidam,
 rumor de coxilhas e planaltos, campainhas,
 relinchos, aboiados e mugidos,
 repiques de sinos, estouros de foguetes,
 Ouro Preto, Bahia, Congonhas, Sabará,
 vaías de Bolsas empinando números como
 papagaios,
 tumulto de ruas que saracoteiam sob
 arranha-céus,
 vozes de todas as raças que a maresia dos
 portos joga no sertão!

Nesta hora de sol puro eu ouço o Brasil.
 Todas as tuas conversas, pátria morena,
 correm pelo ar...
 a conversa dos fazendeiros nos cafezais,

a conversa dos mineiros nas galerias de ouro,
a conversa dos operários nos fornos de aço,
a conversa dos garimpeiros, peneirando as
bateias,
a conversa dos coronéis nas varandas das
roças...

Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta hora
de sol puro
palmas paradas
pedras polidas
claridades
brilhos
faíscas
cintilações

é o canto dos teus berços, Brasil, de todos
esses teus berços, onde dorme, com a
boca escorrendo leite, moreno, confiante,
o homem de amanhã!

(Transcrito de *Toda a América*, pp. 19 – 26)

SOSÍGENES COSTA

(Belmonte, BA, 1901 – Rio de Janeiro, RJ, 1968)

Sosígenes Costa viveu muito tempo em Ilhéus (BA), onde trabalhou como telegrafista. Ficou mais conhecido do público quando José Paulo Paes produziu ensaio sobre a sua poesia (*Pavão, parlenda, paraíso*) e organizou e prefaciou a segunda edição de sua *Obra poética* (Cultrix/MEC, 1978). Poemas com motivos bíblicos e folclóricos. Excelente sonetista, fez ainda poesia participante.

Case comigo, Mariá

*“Case comigo, Mariá,
que eu te dou, Mariá,
que eu te dou, Mariá,
meu coração.”*

(Cantiga de roda)

*“O mar também é casado,
o mar também tem mulher.
É casado com a areia.
Dá-lhe beijos quando quer.”*

(Quadra popular)

Mariá, por que não te casas,
se o mar também é casado?
Se até o peixinho é casado...
Não sabes que o mar é casado
com uma filha do rei?
Mariá, o mar é casado
com a filha loura do rei.

Mariá, por que não te casas
se o próprio mar é casado?
Quem é a mulher do mar?
É a sereia?
É a areia, Mariá.
É a princesa dos seios de concha.

Mandei ao mar uma rosa, Mariá,
porque ele vai se casar.
O mar pediu que a sereia, Mariá,
viesses me visitar
e agradecer o presente.
Quando foi isto? No passado, Mariá.

Sabes que fez a sereia, Mariá?
Deu-me um punhado de areia;
esta cidade de areia,
nossa terra, Mariá.

Aquela moça da praia, Mariá,
é namorada do mar.
Só vive olhando pra as ondas
e o mar vive a suspirar.

Aquela areia da praia
veio do Engenho de Areia, Mariá.
Que bela é a mulher do mar
em cima daquela coroa!

Areia da Pedra Branca
desceste o rio correndo.
Tu viste a Ilha das Pombas,
ah! tu viste Mariá.

Adeus, Coroa da Palha,
que eu vou aos tombos da sorte,
rolando aos tombos da vida,
caindo e me levantando.
Só me salvo se cair
nos braços de Mariá.

Donde viria esta areia?
Da serra da Pedra Redonda.
Veio de Minas, Mariá,
rolando no Rio das Pedras
e só entrou na Bahia
quando passou dando um pulo
na cachoeira do Salto.

Deu um pulo no Salto Grande
a areia, a mulher do mar.
Em cima do Salto, está Minas.
Embaixo do Salto a Bahia.
Lá em cima a água é mineira,
caindo embaixo é baiana, Mariá.

Ah! como é linda esta roda
às sete horas da noite,
à hora em que a lua cheia
acabou de sair do mar,
iluminando Belmonte
com todas as suas ruas de areia.

A lua nasce chorando
lágrimas de prata na areia.
Apanhem numa redoma este pranto,
guardem bem guardada esta jóia

que um dia será adorada.
É a lágrima azul da saudade.
Que foi? O que teve? Nada.
Apenas uma lágrima salgada
caiu dos meus olhos na areia.

Mariá, por que não te casas?
Me diga; por que não te casas
comigo, se eu quero te dar,
se eu quero te dar, Mariá,
num beijo o meu coração?

Crianças cantando roda
nas ruas brancas da areia,
naquelas ruas tão longas
como as estradas de areia.

Cantando desde a Atalaia
até a Ponta de areia.
Cantando lá na Biela,
na rua do Camba e nas Baixas
e em todas as ruas de areia.

Ah! lá no Pontal da Barra
é que brilha a lua na areia,
nas areias da Barrinha
e na estrada da Barra Velha.
Mariá, por que não te casas?
Se tu casares comigo,
sabes o que te darei, Mariá?
Sabes o que te darei, Mariá?
Quantos beijos tu quiseres,
cem beijos se tu quiseres,

Mariá, meu coração.
Deitado contigo na areia,
dar-te-ei meu coração.

Não é só o mar que é casado, Mariá.
O peixinho também é casado.
E o passarinho é casado.
Também quero ser casado
mas contigo, Mariá.

Mariá, case comigo,
já que o mar casou com a areia.

Mariá, por que não te casas,
se o mar também é casado?

1940

(Transcrito de *Obra poética*, pp.126 – 129)

VINÍCIUS DE MORAES
(*Rio de Janeiro, RJ, 1913 – 1980*)

O primeiro momento da poesia de Vinícius de Moraes é de caráter místico, perpassado de angústia, culpa, sendo os versos derramados, em tom declamatório. O segundo momento é o da poesia sensual, que aborda o amor, a mulher – e a linguagem é mais direta, precisa. Fez ainda poesia participante (“Operário em construção”). Obras poéticas: *O caminho para a distância* (1933), *Forma e exegese* (1935), *Ariana, a mulher* (1936), *Novos poemas* (1938), *Cinco elegias* (1943), *Poemas, sonetos e baladas* (1946), *Pátria minha* (1949), *Livro de sonetos* (1957).

Poema de Natal

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos –
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos –
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.

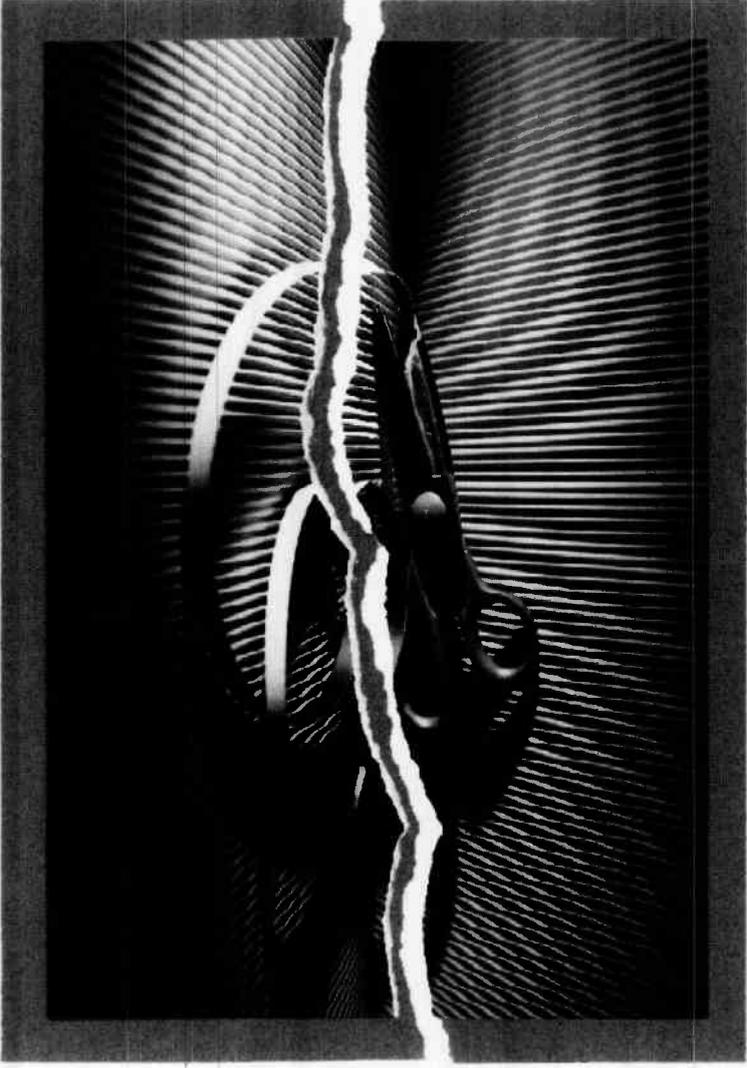
Não há muito que dizer:
Uma canção sobre um berço

Um verso, talvez, de amor
Uma prece por quem se vai –
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte –
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

(Transcrito de *Antologia poética*, pp.144-145)





Geração de 45

Poetas que amadurecem durante a II Guerra Mundial e que partem para uma poesia tradicional (resgatam o soneto, a elegia, etc). A geração de 45 foi o principal alvo da vanguarda concretista dos anos 50, que, tendo-a como um retrocesso em poesia, retoma algumas das proposições estéticas que estiveram na base do primeiro Modernismo.

CARLOS PENA FILHO
(Recife, PE, 1929 – 1960)

Carlos Pena Filho foi considerado por Gilberto Freyre o “mais puramente recifense” dos poetas. A sua poesia “é um grito contra o viver convencional, estereotipado, num trabalho rigoroso de aguda dedicação, competência formal, consciência política e sensibilidade crítica” (Edilberto Coutinho). Obras poéticas: *O tempo da busca* (1952), *Memórias do boi Serapião* (1956), *A vertigem lúcida* (1958), *Livro geral* (1959).

Soneto do desmantelo azul

Então, pinte de azul os meus sapatos
por não poder de azul pintar as ruas,
depois, vesti meus gestos insensatos
e colori as minhas mãos e as tuas.

Para extinguir em nós o azul ausente
e aprisionar no azul as coisas gratas,
enfim, nós derramamos simplesmente
azul sobre os vestidos e as gravatas.

E afogados em nós, nem nos lembramos
que no excesso que havia em nosso espaço
pudesse haver de azul também cansaço.

E perdidos de azul nos contemplamos
e vimos que entre nós nascia um sul
vestiginosamente azul. Azul.

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

(Vila Nova de Gaia, PORT, 1915)

Dominando muito bem as formas poéticas, notadamente o soneto, Domingos Carvalho da Silva é um dos principais representantes da geração de 45. Com Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Acióli e Carlos Burlamáqui Köpke, fundou, em 1947, a *Revista brasileira de poesia*. É também tradutor e membro da Academia Paulista de Letras. Obras poéticas: *Bem-amada Ifigênia* (1943), *Rosa extinta* (1945), *Praia oculta* (1949), *Espada e flâmula* (1950), *O livro de Lourdes* (1952), *Girassol de outono* (1952), *Poemas escolhidos* (1956), *A Fênix refratária e outros poemas* (1959), *À margem do tempo e a viagem de Osiris* (1963), *Poemas* (1966), *Vida prática* (1976), *Poemas* (1980, com Péricles Eugênio da Silva Ramos), *Múltipla escolha* (1980), *Liberdade embora tarde* (1984, poema dramático).

Poema terciário

Cavalos já foram pombos
de asas de nuvem. Um rio
banhava o rosto da aurora.
Cavalos já foram pombos
na madrugada de outrora.

Onde há florestas havia
golfos oblongos por onde
tranqüilos peixes corriam.
Uma lua alvissareira
passava à noite. E deixava
reticências de cometa
vagalumando na relva
das margens, até a aurora
da Idade de Ouro do outrora,

quando cavalos alados
tinham estrelas nas crinas
alvas como asas de pombo.

O Verbo não existia.
Deus era incriado ainda.
Só as esponjas dormitavam
trespassadas por espadas
de água metálica, impoluta.
E as gaivotas planejavam
etapas estratosféricas
próximo às praias ibéricas.
E as montanhas desabavam
em estertores terciários,
em agonias de estrondo,
nas manhãs de sol atlântico,
quando cortavam as nuvens
– alvos, garbosos eqüinos –
esquadrões marciais de pombos.

Teu cabelo era ainda musgo.
Teus olhos o corpo frio
de uma ostra semiviva.
E tua alma sempre-viva
sobrenadava o oceano
qual uma estrela perdida.

Teu coração era concha
fechada e sem pulsação.
E teu gesto – que é teu riso –
era um mineral estático
ainda não escavado
pelo mar duro e fleumático.

Cavalos já foram pombos.
e a prata que anda na garra
dos felinos, reluzia
em vibrações uterinas
no ventre da terra fria,
quando o dia era só aurora
e Deus sequer existia,
na madrugada do outrora.

(Transcrito de *Apresentação da poesia brasileira*,
de Manuel Bandeira, p. 332)

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

(*São Paulo de Luanda, ANGOLA, 1924*)

Fernando Ferreira de Loanda, além de poeta, é jornalista. Organizou as seguintes antologias: *Panorama da nova poesia brasileira* (1951), *Antologia da nova poesia brasileira (geração de 45)* (1965) e *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967). Fundou, com Lêdo Ivo, Darcy Damasceno, Fred Pinheiro e Bernardo Gersen, a revista *Orfeu* (publicada no Rio de Janeiro entre 1947 e 1953), que foi porta-voz de uma geração que buscava “um novo caminho fora dos limites do Modernismo”. Obras poéticas: *Equinócio* (1953), *Do amor e do mar...* (1964), *Poemas de Fernando Ferreira de Loanda* (1982).

Porlamar

Baixo às profundas
abissais da palavra:
colho-a como um ovo
entre as algas, como
uma pêra na geladeira,
como um peixe roubado
à voracidade de outro,
como um pato abatido
no pântano, como areia
fina, na barra, a fugir
entre meus dedos.
Como-a
com uma pitada de sal.
Se de veias, sangro-a;
pétrea, sob o cinzel,
dirá o que direi, nua,

galada e engalanada,
confiante e confidente.

Busco-a a madrugada,
mastim, de tocaia,
como se colhesse amoras
temendo as silvas.

(Transcrito de *Kuala Lumpur*, p. 43)

GEIR CAMPOS

(São José do Calçado, ES, 1924 – Niterói, RJ, 1999)

Geir Campos, além de poeta, foi contista (*O vestibulo*, 1960; *Conto e vírgula*, 1982) e dramaturgo (*O sonho de Calabar*, 1959; *Castro Alves: ou o canto da esperança e As sementes da Independência*, 1972). Foi professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Um dos fundadores da Associação Brasileira de Tradutores e do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro. Traduziu, entre outros, Rilke, Brecht e Walt Whitman. Obras poéticas: *Rosa dos rumos* (1950), *Arquipélago* (1952), *Coroa de sonetos* (1953), *Da profissão do poeta* (1956), *Canto claro & poemas anteriores* (1957, prêmio Olavo Bilac), *Operário do canto* (1959), *Canto provisório* (1960), *Cantigas de acordar mulher* (1964), *Canto ao homem da ONU* (1968), *Metanáutica* (1970), *Canto de peixe & outros cantos* (1977), *Tarefa* (1981), *Cantar de amigo: ao outro homem da mulher amada* (1982). É também de sua autoria o *Pequeno dicionário de arte poética* (a primeira edição é de 1960).

Alba

Não faz mal que amanheça devagar,
as flores não têm pressa nem os frutos:
sabem que a vagareza dos minutos
adoça mais o outono por chegar.
Portanto não faz mal que devagar
o dia vença a noite em seus redutos
de leste – o que nos cabe é ter enxutos
os olhos e a intenção de madrugar.

(Transcrito de *41 poetas do Rio*, org. Moacyr Félix, p. 263)

GERALDO PINTO RODRIGUES

(Jardinópolis, SP, 1927)

Geraldo Pinto Rodrigues é membro da Academia Paulista de Letras. É também jornalista e ensaísta. Obras poéticas: *Tempo inconcluso* (1951), *Veio e via* (1971, Prêmio Jabuti), *A noite e os objetos* (1973), *Os verdes matinais* (1975, Prêmio José Ermírio de Moraes, do Pen Club do Brasil), *O punhal do tempo* (1978, Prêmio José Ermírio de Moraes, do Pen Club do Brasil), *Os dias soluçantes* (1982), *Memorial de Eros* (1985), *Rio da vida* (1987), *Compasso binário* (1999).

Poema

Pássaro perdido em maresia, te quero,
com teus seios de nêspas e teu colo de safira.
Assim preenhe de rosas, te quero,
assim estranha e múltipla, não consentida,
assim tranqüila, dispersa em sonho,
fantástica e só.

E mais que por isso te quero,
ave de asa tonta,
corpo e forma do meu canto.

Boneca da infância esquecida,
eis que te quero.

(Transcrito de *Poetas contemporâneos*,
org. Henrique L. Alves, p. 171)

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA
(Rio de Janeiro, RJ, 1922)

José Paulo Moreira da Fonseca é um dos que reagiram à chamada “fase heróica” do Modernismo, retomando formas poéticas tradicionais. Nome importante da geração de 45. É também dramaturgo (*Dido e Enéias*, 1953; *O mágico*, 1963) e Membro da Academia Brasileira de Artes. Obras poéticas: *Elegia diurna* (1947), *Poesias* (1949), *Concerto* (in *Poemata*) (1950), *Dois poemas* (1951), *A tempestade e outros poemas* (1956), *Raízes* (1957), *Três livros* (1958), *Seqüência* (1962), *Uma cidade* (1965), *O tempo e a sorte* e *Antologia poética* (1968), *A simples vida* (1972), *Luz sombra* (1973), *Voz para o silêncio de um criado* (1975), *Palavra e silêncio* (1974), *A noite, o mar, o sol* (1975), *Sextante* (1977, Prêmio Golfinho de Ouro, do Museu da Imagem e do Som), *Tua namorada é a viagem* (1980), *Cores e palavras* (1984), *As sombras, o caminho, a luz* (1988), *Novas memórias de Alexandro Apollonios* (2000, prosa poética).

Tiradentes

Quando uma idéia é sangue
somos um só. Nela eu vivo e ela em mim,
jamais poderão separar-nos,
mesmo abandonando à rosa-dos-ventos
meu corpo dividido.

(Transcrito de *Poesia moderna*, seleção de
Péricles Eugênio da Silva Ramos, p. 431)

LÊDO IVO

(Maceió, AL, 1924)

Lêdo Ivo é um dos nomes de destaque da geração de 45. Poeta da forma fixa que também se abre para outros procedimentos em poesia. Ele entende que a geração de 45 é, de fato, formalista, mas considera “lúdico” o soneto que pratica, “diferente do soneto parnasiano”. É também romancista (*As alianças*, 1947; *O caminho sem aventura*, 1948; *Ninho de cobras*, 1973; *A morte do Brasil*, 1984), contista (*Use a passagem subterrânea*, 1961), novelista (*O sobrinho do general*, 1964) e ensaísta (*Lição de Mário de Andrade*, 1951; *Raimundo Correia*, 1958; *Modernismo e modernidade*, 1972 – entre outros). Membro da Academia Brasileira de Letras. Obras poéticas: *As imaginações* (1944), *Ode e elegia* (1945), *Ode ao crepúsculo e Acontecimento do soneto* (1948), *Cântico* (1949), *Linguagem*, *Ode equatorial e Acontecimento do soneto e Ode à noite* (1951), *Um brasileiro em Paris e O rei da Europa* (1955), *Magias* (1960), *Uma lira dos vinte anos* (1962), *Estação central* (1964), *Finisterra* (1972), *Sinal semafórico* (1974, antologia), *Central poética* (1976, poemas escolhidos), *O soldado raso* (1980), *A noite misteriosa* (1982), *Calabar* (1985), *Mar oceano* (1987), *O soldado raso* (1988, edição ampliada), *Crepúsculo civil* (1990), *Curral de peixe* (1995), *Noturno romano* (1997), *O rumor da noite* (2000).

O amanhecer das criaturas

O dia forma-se
de quase nada:
um seio nu
por entre pálpebras,

o sol que raia
e a luz acesa
no arranha-céu
que a aurora lava.

A mão incerta
deixa na rósea
carne dormida
o gesto equívoco.

Tudo é lilá
na luminosa
e vã partilha.

No dia imenso
nascem tesouros:
curvos, redondos.

O pão à porta,
depois o leite,
e o erguer dos corpos.

(Transcrito de *Melhores poemas de Lêdo Ivo*, p. 96)

MAURO MOTA

(Recife, PE, 1911 – 1984)

O momento mais significativo da poesia de Mauro Mota é o que retrata a dor e a solidão do homem no cotidiano. É como afirma Ivan Cavalcanti Proença: “O cotidiano, o flagrante do dia-a-dia, o fragmento emotivo colhidos por Mauro ganham força poética sem perda daquela simplicidade chã, tão simples como sua gente e sua terra: o poeta desrealiza o trivial (aparente) para fazê-lo (e realizá-lo) poesia”. Obras poéticas: *Elegias* (1952, Prêmio Olavo Bilac/ABL), *A tecelã* (1956), *Os epitáfios* (1959), *O galo e o cata-vento* (1962), *Canto ao meio* (1964), *Antologia poética* (1968), *Itinerário* (1975, prêmios Jabuti e Pen Club do Brasil), *Pernambucânia ou cantos da comarca e da memória* (1979), *Pernambucânia dois* (1980).

Elegia nº 1

Vejo-te morta . As brancas mãos pendentes.
Delas agora, sem querer, libertas
a alma dos gestos e, dos lábios quentes
ainda, as frases pensadas só em certas

tardes perdidas. Sob as entreabertas
pálpebras, sinto, em teu olhar presentes,
mundos de imagens que, às regiões desertas
da morte, levarás, que a morte sentes

fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva, a cabeleira,
teus cabelos voando! ah! teus cabelos!

Gesto de desespero e despedida,
para ficares de qualquer maneira
pelos fios castanhos presa à vida.

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*,
vol. 2, org. Manuel Bandeira e Walmir Ayala, p. 20)

PAULO BOMFIM

(São Paulo, SP, 1926)

Paulo Bomfim é um nome que representa muito bem as “tendências formalistas e (...) neo-simbolistas difusas a partir de 45” (Alfredo Bosi). Nos anos 70, foi presidente do Conselho Estadual de Cultura (São Paulo). É membro da Academia Paulista de Letras. Obras poéticas: *Antônio triste* (1947, Prêmio Olavo Bilac/ABL), *Transfiguração* (1951), *Relógio de sol* (1952), *Cantiga de desencontro*, *Poema do silêncio* e *Armorial* (1954), *Quinze anos de poesia* e *Poema da descoberta* (1958), *Sonetos* (1959), *Colecionador de minutos* e *Ramo de rumos* (1961), *Antologia poética* (1962), *Sonetos da vida e da morte* e *Calendário* (1963), *Tempo reverso* (1964), *Canções* (1966), *Poemas escolhidos* (1973), *Praia de sonetos* (1981), *Sonetos do caminho* (1983), *Súdito da noite* (1992), *50 anos de poesia* (1998, poesia reunida).

Transfiguração

Soneto I

Venho de longe, trago o pensamento
 Banhado em velhos sais e maresias;
 Arrasto velas rotas pelo vento
 E mastros carregados de agonias.
 Provenho desses mares esquecidos
 Nos roteiros de há muito abandonados
 E trago na retina diluídos
 Os misteriosos portos não tocados.
 Retenho dentro da alma, preso à quilha
 Todo um mar de sargaços e de vozes,

E ainda procuro no horizonte a ilha
Onde sonham morrer os albatrozes...
 Venho de longe a contornar a esmo,
 O cabo das tormentas de mim mesmo.

(Transcrito de *50 anos de poesia*, p. 25)

PAULO MENDES CAMPOS

(*Belo Horizonte, MG, 1922 – Rio de Janeiro, RJ, 1991*)

A poesia de Paulo Mendes Campos, confessional, melancólica, se distingue pela simplicidade. Ele não foi um poeta tão preocupado com a forma como outros da geração de 45. Cronista dos mais talentosos da nossa literatura na segunda metade do século (*O cego de Ipanema*, 1960; *O cronista do morro*, 1962; *O anjo bêbado*, 1969; *Supermercado*, 1976 – entre outros). Obras poéticas: *A palavra escrita* (1951), *O domingo azul do mar* (1958, Prêmio Alphonsus de Guimaraens/MEC), *Poemas corais* (1965), *Testamento do Brasil e Domingo azul do mar* (1966).

Infância

Há muito, arquiteturas corrompidas,
Frustrados amarelos e o carmim
De altas flores à noite se inclinaram
Sobre o peixe cego de um jardim.
Velavam o luar da madrugada
Os panos do varal dependurados;
Usávamos mordanças de metal
Mas os lábios se abriam se beijados.
Coados em noturna claridade,
Na copa, os utensílios de cozinha
Falavam duas vidas diferentes,
Separando da vossa a vida minha.
Meu pai tinha um cavalo e um chicote;
No quintal dava pedra e tangerina;
A noite devolvia o caçador
Com a perna de pau, a carabina.

Doou-me a pedra um dia o seu suplício.
A carapaça dos besouros era dura
Como a vida – contradição poética –
Quando os assassinava por ternura.
Um homem é, primeiro, o pranto, o sal,
O mal, o fel, o sol, o mar – o homem.
Só depois surge a sua infância-texto,
Explicação das aves que o comem.
Só depois antes aparece ao homem.
A morte é antes, feroz lembrança
Do que aconteceu, e nada mais
Aconteceu; o resto é esperança.
O que comigo se passou e passa
É pena que ninguém nunca o explique:
Caminhos de mim para mim, silvados,
Sarçais em que se perde o verde Henrique.
Há comigo, sem dúvida, a aurora,
Alba sangüínea, menstruada aurora,
Marchetada de musgo umedecido,
Fauna e flora, flor e hora, passiflora,

Espaço afeito a meu cansaço, fonte,
Fonte, consoladora dos aflitos,
Rainha do céu, torre de marfim,
Vinho dos bêbados, altar do mito.
Certeza alguma tive muitos anos,
Nem mesmo a de ser sonho de uma cova,
Senão de que das trevas correria
O sangue fresco de uma aurora nova.
Reparte-nos o sol em fantasias
Mas à noite é a alma arrebatada.
A madrugada une corpo e alma
Como o amante unido à sua amada.

O melhor texto li naquele tempo,
 Nas paredes, nas pedras, nas pastagens,
 No azul do azul lavado pela chuva,
 No grito das grutas, na luz do aquário,
 No claro-azul desenho das ramagens,
 Nas hortaliças do quintal molhado
 (Onde também floria a rosa brava)
 No topázio do gato, no be-bop
 Do pato, na romã banal, na trava
 Do caju, no batuque do gambá,
 No sol-com-chuva, já quando a manhã
 Ia lavar a boca no riacho.
 Tudo é ritmo na infância, tudo é riso,
 Quando pode ser onde, onde é quando.

A besta era serena e atendia
 Pelo suave nome de Suzana.
 Em nossa mão à tarde ela comia
 O sal e a palha da ternura humana.
 O cavalo Joaquim era vermelho
 Com duas rosas brancas no abdômen;
 À noite o vi comer um girassol;
 Era um cavalo estranho feito um homem.
 Tínhamos pombas que traziam tardes
 Meigas quando voltavam aos pombais;
 Voaram para a morte as pombas frágeis
 E as tardes não voltaram nunca mais.
 Sorria à toa quando o horizonte
 Estrangulava o grito do socó
 Que procurava a fêmea na campina.
 Que vida a minha vida! E ria só.

Que âncora poderosa carregamos
 Em nossa noite cega atribulada!

Que força de destino tem a carne
Feita de estrelas turvas e de nada!
Sou restos de um menino que passou.
Sou rastros errados num caminho
Que não segue, nem volta, que circunda
A escuridão como os braços de um moinho.

(Transcrito de *Melhores Poemas de Paulo
Mendes Campos*, pp. 54 – 56)

PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS
(Lorena, SP, 1919 – São Paulo, SP, 1992)

Muito preocupado com a forma, Péricles Eugênio da Silva Ramos foi um neoparnasiano dentro do Modernismo. Fundou, com Domingos Carvalho da Silva, João Acióli e Carlos Burlamáqui Köpke, a *Revista brasileira de poesia* (1947). Foi tradutor, entre outros, de Shakespeare e Brecht e também ensaísta (*O amador de poemas*, 1956; *O verso romântico e outros ensaios*, 1959; *Do Barroco ao Modernismo*, 1967). Pertenceu à Academia Paulista de Letras. Obras poéticas: *Lamentação floral* (1946), *Sol sem tempo* (1953), *Luar de ontem* (1960), *Poesia quase completa* (1972), *Poemas* (1980, com Domingos Carvalho da Silva).

Salmo

Quando as madressilvas se calarem nas sebes
e o vento do céu dissolver os últimos pássaros,

quando a neblina impenetrável me apagar a vista,
anoitecendo a esposa luminosa, a voz da filha,

quando o cetro das sombras me ferir a fronte,

Senhor! não tenha sido em vão a minha vida;
mas que, nas praças da cidade, eu deixe murmurando
um pensamento de brandura;
ou pelos campos, que povoei de frondes perdulárias,
possa ficar cantando, como um lótus na corrente,
a asa meiga de um gesto de bondade.

Ao pé das serras
onde as águias pousam nos meus ombros,

dá-me forças, meu Deus, para encontrar a paz;
dá-me forças, Coração de Nuvem,
para que eu seja a pedra branca e tudo esqueça;
dá-me forças, ó Mãos de Outono, ó Pura Primavera,
para que eu dessedente os lábios na cascata de Teu Nome.

Poupa a esta sede a esponja de vinagre;
desviando a taça e o fel de minha boca,
derrama sobre mim o Teu clarão,
para que eu parta, ó Rei, sonhando eternidade;
e recoberto pelo manto que me concedeste
possa eu dormir tranqüilo junto à Face irrelvelada,
alheio, para nunca mais, ao escárnio do momento perecível.

(Transcrito de *Poetas contemporâneos*,
org. Henrique L. Alves, p. 190)



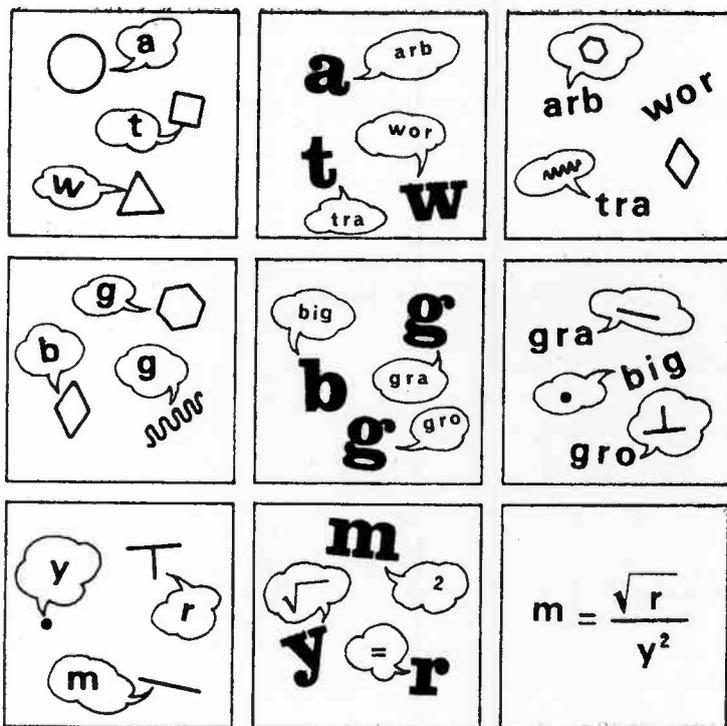
Concretismo, Neoconcretismo, Práxis e Poema-Processo

Vanguardas dos anos 50 e 60 que renovaram a poesia brasileira, com destaque para o Concretismo. Lideraram essas vanguardas os seguintes poetas: Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari (Concretismo); Ferreira Gullar (Neoconcretismo); Mário Chamie (Práxis); Wladimir Dias-Pino e Álvaro de Sá (Poema-Processo).

ÁLVARO DE SÁ
(Rio de Janeiro, RJ, 1935)

Álvaro de Sá é um dos fundadores do Poema-Processo, movimento de vanguarda do final da década de 60 que, embora não negando de todo a palavra, partiu para a poesia visual gráfica. Na orelha do seu livro *12 x 9*, de 1967, ele põe a seguinte definição de poema: “poema. arte. criação de novas linguagens. interação entre as diferentes. anti-literatura. / uso de palavras quando indispensável. ‘poemas se fazem com idéias e não com palavras’ (wladimir dias pino – 1967). / comunicação integral/internacional através do processo. / páginas permutáveis. consumo em qualquer direção e/ou sentido. novo estágio para o consumidor-participante-criativo: homem-totalidade”. Álvaro foi secretário da revista *Vozes* (1970). Após dezesseis anos de poesia visual gráfica, retomou a poesia verbal. Principais obras poéticas: *Investidura* (1960), *Antobruc* (1964), *12 x 9* (1967), *Poesias tituladas* (1982), *Poemics* (1991).

12 x 9



AUGUSTO DE CAMPOS

(São Paulo, SP, 1931)

Com Haroldo de Campos e Décio Pignatari, Augusto de Campos lançou em 1956 o Concretismo. É tradutor e ensaísta (*Revisão de Sousândrade*, com Haroldo de Campos, 1964; *Balanço da Bossa*, 1968; *Re-visão de Kilkerry* (1971), *Poesia, antipoesia, antropofagia*, 1978 – entre outros). Principais obras poéticas: *O rei menos o reino* (1951), *Ad Augustum per Augusta* e *O sol por natural* (Noigandres 1, 1952), *Poetamenos* (1953), *Ovonovelo* (Noigandres 3, 1956), *Três poemas concretos* (Noigandres 4, 1958), *Seleção de poemas* (Noigandres 5, 1962), *Cidade/city/cité* (1964), *Acaso/event* (poema-objeto, 1965), *Luxo* (poema-objeto, 1966), *Linguaviagem* (cubepoem) e *Vida* (1967), *Abre* (poemóbil, 1969), *Equivocábulo* (1970), *Colidouescapo* (1971), *Viva vaia* (1971), *Profilograma* (poema-postal, 1972), *Poemóbil* (poemas-objetos, com Júlio Plaza, 1974), *Caixa preta* (poemas-objetos, com Júlio Plaza, e mais disco com os poemas “dias dias dias” e “Pulsar”, que Caetano Veloso recita, 1975), *Viva vaia* (poesia de 1949 a 1979), *Expoemas* (poesia de 1980 a 1985), *Despoesia* (1994). Atualmente, prepara antologia da sua poesia.

*[sem um número]**

* O autor não autorizou a reprodução do poema. O leitor o encontra em *Poesia da fase moderna* (vol. 2), antologia organizada por Manuel Bandeira e Waldir Ayala, reeditada em 1996 pela Nova Fronteira.

DAILOR VARELA
(Anápolis, GO, 1945)

Dailor Varela integrou o movimento do Poema-Processo. É também jornalista (foi repórter da *Veja* e da *Folha de São Paulo*; atualmente, assina coluna no *Diário de São José*, em São José dos Campos/SP). Obras poéticas: *Babel* (1967-1975), *Urbanorganismo* (1970), *A louça suja da convivência* (1975), *Jaula aberta* (1979), *Bem aventurados os bêbados* (1983), *Máscaras de papel* (1987), *Travessia* (1990, antologia), *Do meu caderno amarelo* (1994).



DÉCIO PIGNATARI
(Jundiaí, SP, 1927)

Décio Pignatari participa do processo de renovação da poesia brasileira ao criar em 1956, com Augusto e Haroldo de Campos, o Concretismo. É também romancista (*Panteros*, 1992) e ensaísta (*Informação. Linguagem. Comunicação*, 1968; *Contracomunicação*, 1970; *Semiótica e literatura*, 1974 – entre outros). O volume *Poesia pois é poesia*, de 1977, reúne o principal da sua produção poética. Publicou em 1999 *Errâncias* (prosa-poesia ou “quase depoimentos, memórias, reflexões”).

*[beba coca cola]**

* O autor não autorizou a reprodução do poema, um dos mais importantes da poesia concreta. O leitor o encontra em *Poesia pois é poesia*, reunião de poemas de Décio Pignatari lançada em 1977 pela Livraria Duas Cidades (São Paulo).

FERREIRA GULLAR
(São Luís, MA, 1930)

Ferreira Gullar se vincula, de início, ao Concretismo. Mas logo rompe com este movimento, organizando o Neoconcretismo (que faz a condenação do *exercício matemático* dos concretistas e resgata o elemento subjetivo na criação poética). Depois, passa a produzir textos participantes, aproveitando formas da poesia popular. A crítica costuma apontar *A luta corporal* como uma obra que inaugura, no Brasil, as novas tendências em poesia na segunda metade do séc. XX (abriu caminho, conforme Alfredo Bosi, para a “afirmação da poesia concreta”). O seu importante ensaio *Vanguarda e subdesenvolvimento*, de 1969, propõe um novo conceito de vanguarda artística. Obras poéticas: *Um pouco acima do chão* (1949), *A luta corporal* (1954), *Poemas* (1958), *João Boa-Morte, cabra marcado pra morrer* e *Quem matou Aparecida* (1962), *Por você, por mim* (1968), *Dentro da noite veloz* (1975), *Poema sujo* (1976), *Na vertigem do dia* (1980), *Barulhos* (1987), *Toda poesia* (1950-1987, edição revista e ampliada em 1991), *Muitas vozes* (1999).

Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.

Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

— porque o poema, senhores,
está fechado:
“não há vagas”

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira

25/05/63

(Transcrito de *Antologia poética*, p. 70)

HAROLDO DE CAMPOS
(São Paulo, SP, 1929)

Haroldo de Campos lançou em 1956, com Augusto de Campos e Décio Pignatari, o Concretismo, que foi um dos principais responsáveis pela renovação da poesia brasileira na segunda metade do século. Walmir Ayala sintetiza bem a importância do movimento: “Por mais que nos escape a participação emotiva com o poema concreto, temos que considerar que o movimento concretista higienizou a poesia, limpou das graxas e deliquescência, deu uma consciência de disciplina ao novo poeta, revelou-lhe a história da sua poesia, clarificou nossa tradição poética. Leitor e poeta ficaram sabendo, mais do que em qualquer outra época da nossa história literária, o que era um poema, e as responsabilidades para com ele”. Haroldo é também tradutor e ensaísta (*Revisão de Sousândrade*, com Augusto de Campos, 1964; *Metalinguagem*, 1967; *Morfologia de Macunaíma*, 1973 – entre outros). Obras poéticas: *Auto do possesso* (1950), *A cidade e Thalassa Thalassa* (Noigandres 1, 1952), *Cirropédia ou a educação do príncipe* (Noigandres 2, 1955), *O âmago do ômega* (Noigandres 3, 1956), *Poemas concretos* (Noigandres 4, 1958), *Servidão de passagem* (1962, poema-livro), *Xadrez de estrelas (percurso textual 1949-1974)* (1976), *Signantia quasi coelum* (1979), *Galáxias* (1984), *A educação dos cinco sentidos* (1985), *Finismundo: a última viagem* (1990), *Crisantempo* (1998), *A máquina do mundo repensada* (2000).

[se nasce]*

* O autor não autorizou a reprodução do poema, que integra o volume *Melhores poemas de Haroldo de Campos*, editado em 1992 pela Global (São Paulo).

MÁRIO CHAMIE
(Cajobi, SP, 1933)

Mário Chamie tem a sua importância na literatura brasileira contemporânea principalmente por lançar, em 1962, o movimento de poesia Práxis. Uma das suas propostas, divergindo da teoria e prática concretistas, é a retomada do verso. Mas um verso que valoriza a palavra e o “vocabulário” em torno dela. Esse vocabulário possui relações “em níveis sintático, semântico e pragmático”. O poema práxis, assim, produz, a um só tempo, “informação estética e semântica”. Obras poéticas: *Espaço inaugural* (1955), *O lugar* (1957), *Os rodízios* (1958), *Lavra lavra* (1962, em que lança um manifesto do poema práxis), *Now tomorrow mau* (1963), *Indústria* (1967), *Planoplanário* (1974), *Configurações e Conquista de terreno* (1977), *Objeto selvagem* (1977, poesia reunida), *Sábado na hora da escuta* (1978, antologia), *A quinta parede* (1986), *Natureza da coisa* (1993), *Caravana contrária* (1998).

Auto-estima

Sou Chamie,
 venho de Damasco.
 Franco-egípcio
 é o meu passado.
 Sírio sou helenizado.

De Damasco
 ao meu legado,
 sou católico
 e islâmico,
 copta apostólico
 catequizado.

No pórtico
mediterrânico,
sou ático e arábico.
Vou contra o deserto
de desafetos contrários.

Sem custo nem preço
que se meça,
em nome de meu gênio
atlântico e adriático,
desprezo a cabeça
e a sentença
de meus adversários,
adversos e vicários.

Sou Chamie, Mário.
Franco-egípcio
é o meu passado.
Por onde entro,
venho de Damasco
pela porta
do apóstolo Paulo.
Sírio sou helenizado.
Venho de Damasco,
por onde saio.

(Transcrito de *Caravana contrária*, pp. 26 – 27)

WLADEMIR DIAS-PINO

(Rio de Janeiro, RJ, 1927)

Wladimir Dias-Pino é o principal nome do Poema-Processo, movimento de vanguarda que surge em 1967 no Rio de Janeiro. Embora não abolindo totalmente a palavra, o Poema-Processo parte para a poesia visual gráfica. Wladimir, vanguardista original, participou das exposições da Poesia Concreta de 1956 (São Paulo) e de 1957 (Rio de Janeiro) com um poema visual. Deu aulas de Comunicação Visual na PUC do Rio de Janeiro. Programador visual na Universidade Federal do Mato Grosso. Obras: *A fome dos lados* (1941), *Dia da cidade* (1948), *Os corcundas* (1954), *A máquina ou a coisa em si* (1955), *Poema espacial* (1957), *Solida* (1962), *Catálogo* (1982, poemas e teorias do Poema-Processo). No momento, prepara uma enciclopédia visual.

As palavras (primeira parte)

Essas palavras são poemas,
Poemas que se repetem
Sobre si mesmas

Palavras e números;
Números de letras,
Número de sílabas.

Essas palavras são poemas
Em que a vida se repete
Sobre si mesma.

Palavras que descansam, gentilmente,
Mil idéias de viagens
– Folhas e para cima, arco-íris,

Principalmente,
Caminhos sobre todos os muros.

Palavras coloridas
Como esse pássaro
Que canta agora,
– Escama de todos os mares,
Cantando em luz
A música das Sereias nadando,
– Pedaço de todos os crepúsculos.
Palavras que ficam, assim, tão perto
– Escama de todos os mares,
De todas as idéias que ainda nadam.

Palavras Suplicadas a esmo?

Palavras... Palavras... Palavras...
Abertas e despetaladas em esquinas,
Mãos pousadas,
Após o gesto

Palavras que Servirão amanhã,
Equilibrando,
Que-nem mastro,
A flâmula da imagem

Palavras pousadas,
Que-nem praia
Sobre as ondas das idéias.

Palavras-pálpebras abertas
Em portas,
Pontes no silêncio de quem espera algo e
No destino do que tem de atravessar

Acontece logo.

... também.

Palavras coloridas

Sorrindo como conchas flutuando,

Eclodidas em desejos.

Palavras aos pares

– Mudos olhos –

Janelas-cais de espelhos

Prendendo pés prontos

Para uma dança que nunca se realizará.

Palavras-grades de ferro de sacadas.

Boca de poços salgada, de sombras

Taças em filas de estradas de vidro,

Raízes arrancadas e flutuando em lagos

Palavras-túnicas vestindo pedras

Teias disfarçando degraus

Peixes – gravado, em folhas verde mar.

Palavras-curvas de montanhas,

(A MORTE está tão perto de nós

Que as coisas vistas de longe

Têm um ar infantil)

Tatuagens pautando cicatrizes,

Línguas inaugurando figuras geométricas,

Pontes de espumas.

– o –

Madrugadas pintadas em máscaras.

— o —

Esfinges de sombras,
E transformadas em pianos,
Chuva e chafariz,
Sombras de distâncias sobre desertos

Fotografia de torres,
De anjos, de sapatos, de parentes
Crucificando outras direções.

Cabelos da amada cantando
Dentro das flautas abandonados.

Fechaduras prendendo mapas sob o vento
Ponteiros feitos de rugas,
Riscos de vinho completando corações,
Violinos descansando,
Separados por dedos arrancados.

Jarras partidas por âncoras,
Velhice das coisas que estão voando,
Caveiras irisadas de sinos silenciosos.

Como o espelho da lança
Refletindo a vítima antes de atingi-la.

(Transcrito de *Sarã*, p. 6)



Contemporâneos

São considerados contemporâneos: 1) poetas que, embora ligados de início às vanguardas dos anos 50 e 60 (Concretismo, Neoconcretismo, Práxis e Poema-Processo) não fazem parte do núcleo principal dessas vanguardas e retomam depois o verso discursivo (caso, por exemplo, de Affonso Ávila e Affonso Romano de Sant'Anna); 2) poetas que, situados inicialmente na geração de 45, renovam-se e partem para outras experiências poéticas e continuam publicando depois de 1960 (caso de Gilberto Mendonça Teles, João Cabral de Melo Neto, Thiago de Mello e outros); 3) poetas que começam a publicar depois de 1970 (caso de Chacal, Paulo Leminski, Alexei Bueno, etc.).

ADÉLIA PRADO
(Divinópolis, MG, 1935)

Adélia Prado é um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea. Uma das marcas da sua poesia, além da religiosidade (a presença de um Deus “vigoroso, violento e insistente”, cujo temor “não perturba a extrema familiaridade com que essa mulher convive com Ele, descobrindo-O em *quase* tudo”; um Deus que se manifesta “diretamente, atropelando com suas mãos os destinos, falando sua palavra sem mediações” – Haqira Osakabe), é a presença de um eu poético que perscruta a condição da mulher, especialmente no casamento. É também ficcionista (*Solte os cachorros*, 1979; *Cacos para um vitral*, 1980; *Os componentes da banda*, 1984; *O homem da mão seca*, 1994). Obras poéticas: *Bagagem* (1976), *O coração disparado* (1978, Prêmio Jabuti), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988). Em 1991, lançou *Poesia reunida*.

Casamento

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como ‘este foi difícil’
‘prateou no ar dando rabanadas’
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

(Transcrito de *Poesia reunida*, p. 252)

AFFONSO ÁVILA
(*Belo Horizonte, MG, 1928*)

Affonso Ávila fundou em 1957, em Belo Horizonte, com Fábio Lucas, Rui Mourão e Fritz Teixeira de Salles, a revista de vanguarda *Tendência*, que pregava um nacionalismo crítico. Organizou, em 1963, a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda (Belo Horizonte). É também ensaísta (*Resíduos seiscentistas em Minas*, 1967; *O poeta e a consciência crítica*, 1969; *O lúdico e as projeções do mundo barroco*, 1971; *Modernismo*, 1975). Obteve o prêmio de poesia Cidade de Belo Horizonte (1961) e o Prêmio Nacional de Ensaio da Fundação Cultural de Brasília (1968). Poesia com preocupação social. Obras poéticas: *O açude e sonetos da descoberta* (1953), *Carta do solo* (1961), *Carta sobre la usura* (1962), *Frases-feitas* (1963), *Gertrudês instante* (1969, poema-postal), *Código de Minas & poesia anterior* (1969), *Código nacional de trânsito* (1972), *Cantaria barroca* (1975), *Discurso da difamação do poeta* (1976), *Delírios dos cinqüentanos* (1984).

Discurso da difamação do poeta
11 / Pobre velha música

O poeta falava e as pessoas o ouviam atentamente

O poeta falava e as pessoas costumavam ouvi-lo atentamente

O poeta falava e as pessoas costumavam ouvi-lo com alguma
atenção

O poeta falava e as pessoas às vezes o ouviam com alguma
atenção

O poeta falava e algumas pessoas o ouviam com alguma atenção

O poeta falava mas raras pessoas o ouviam com alguma atenção

O poeta falava e as pessoas o ouviam sem atenção

O poeta falava e as pessoas já não o ouviam

O poeta falava e as pessoas já o olhavam sem ouvir

O poeta mal fala e as pessoas já abrem a boca em fastio

A ATITUDE DIANTE DO POETA É O BOCEJO

(Transcrito de *Discurso da difamação do poeta*, p. 103)

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

(*Belo Horizonte, MG, 1937*)

Affonso Romano de Sant'Anna foi colaborador, no final dos anos 50, da revista de vanguarda *Tendência* (Belo Horizonte). Embora tenha assimilado, nessa fase, algumas das proposições do Concretismo (como as estruturas nominais e a visualização/espacialização), a sua poesia, preocupada com questões políticas e sociais, depois retoma o verso discursivo. É também ensaísta (*Análise estrutural de romances brasileiros*, 1973; *Música popular e moderna poesia brasileira*, 1978; *O canibalismo amoroso*, 1984 – entre outros). Obras poéticas: *Canto e palavra* (1965), *Poesia sobre poesia* (1975), *A grande fala do índio guarani perdido na história e outras derrotas* (1978), *Que país é este* (1984), *A catedral de Colônia* (1987), *A morte da baleia* (1990), *O lado esquerdo do meu peito* (1992), *Epitáfio para o século XX* (1997, antologia), *A grande fala e a catedral de Colônia* (1998, ed. comemorativa), *Intervalo amoroso e outros poemas escolhidos* (1999).

Que país é este?

para Raymundo Faoro

¿Puedo decir que nos han traicionado? No. ¿Que todos fueran buenos? Tampoco. Pero allí está una buena voluntad, sin duda y sobretodo, el ser así.

César Vallejo

1

Uma coisa é um país,
outra um ajuntamento.

Uma coisa é um país,
outra um regimento.

Uma coisa é um país,
outra o confinamento.

Mas já soube datas, guerras, estátuas
usei caderno “Avante”
– e desfilei de tênis para o ditador.
Vinha de um “berço esplêndido” para um “futuro
[radioso”
e éramos maiores em tudo
– discursando rios e pretensão.

Uma coisa é um país,
outra um fingimento.

Uma coisa é um país,
outra um monumento.

Uma coisa é um país,
outra o aviltamento.

Deveria derrubar aflitos mapas sobre a praça
em busca da especiosa raiz? ou deveria
parar de ler jornais
e ler anais
como anal
animal
hiena patética
na merda nacional?
Ou deveria, enfim, jejuar na Torre do Tombo
comendo o que as traças descomem
procurando
o Quinto Império, o primeiro portulano, a viciosa
[visão do paraíso

que nos impeliu a errar aqui?

Subo, de joelhos, as escadas dos arquivos
nacionais, como qualquer santo barroco

a rebuscar

no mofo dos papiros, no bolor
das pias batismais, no bodum das vestes reais
a ver o que se salvou com o tempo
e ao mesmo tempo

– nos trai.

2

Há 500 anos caçamos índios e operários,
há 500 anos queimamos árvores e hereges,
há 500 anos estupramos livros e mulheres,
há 500 anos sugamos negras e aluguéis.

Há 500 anos dizemos:

que o futuro a Deus pertence,
que Deus nasceu na Bahia,
que São Jorge é que é guerreiro,
que do amanhã ninguém sabe,
que conosco ninguém pode,
que quem não pode sacode.

Há 500 anos somos pretos de alma branca,
não somos nada violentos,
quem espera sempre alcança
e quem não chora não mama
ou quem tem padrinho vivo
não morre nunca pagão.

Há 500 anos propalamos:
este é o país do futuro,
antes tarde do que nunca,
mais vale quem Deus ajuda
e a Europa ainda se curva.

Há 500 anos
somos raposas verdes
colhendo uvas com os olhos,
semeamos promessa e vento
com tempestades na boca,

sonhamos a paz da Suécia
com suíças militares,

vendemos siris na estrada
e papagaios em Haia,

senzalamos casas-grandes
e sobradamos mocambos,

bebemos cachaça e brahma
joaquim silvério e derrama,

a polícia nos dispersa
e o futebol nos conclama,

cantamos salve-rainhas
e salve-se quem puder,

pois Jesus Cristo nos mata
num carnaval de mulatas.

Este é um país de síndicos em geral,
este é um país de cínicos em geral,
este é um país de civis e generais.

Este é o país do descontínuo
onde nada congemina,
e somos índios perdidos
na eletrônica oficina.

Nada nada congemina:

a mão leve do político
com nossa dura rotina,

o salário que nos come
e nossa sede canina.

a esperança que emparedam
e a nossa fé em ruína,

nada nada congemina:
a placidez desses santos
e nossa dor peregrina,

e nesse mundo às avessas
– a cor da noite é obsclara
e a claridez vespertina.

3

Sei que há outras pátrias. Mas
mato o touro nesta Espanha,

animal

sem compaixão.

Uma coisa é um país,
outra uma cicatriz.

Uma coisa é um país,
outra a abatida cerviz.

Uma coisa é um país,
outra esses duros perfis.

Deveria eu catar os que sobraram,
os que se arrependeram,
os que sobreviveram em suas tocas
e num seminário de erradios ratos

suplicar:

– expliquem-me a mim
e ao meu país?

Vivo no século vinte, sigo para o vinte e um
ainda preso ao dezenove
como um tonto guarani
e aldeado vacuum. Sei que daqui a pouco
não haverá mais país.

País:

loucura de quantos generais a cavalo
escalpelando índios nos murais,
queimando caravelas e livros
– nas fogueiras e cais,
homens gordos melosos sorrisos comensais

politicando subúrbios e arando votos
e benesses nos palanques oficiais.

Leio, releio os exegetas.
Quanto mais leio, descreio. Insisto?
Deve ser um mal do século
– se não for um mal de vista.

Já pensei: – é erro meu. Não nasci no tempo certo.
Em vez de um poeta crente
sou um profeta ateu.
Em vez de epopéia nobre,
os de meu tempo me legam
como tema
– a farsa
e o amargo riso plebeu.

5

Mas sigo o meu trilho. Falo o que sinto
e sinto muito o que falo
– pois morro sempre que calo.
Minha geração se fez de lições mal-aprendidas
– e classes despreparadas
Olhávamos ávidos o calendário. Éramos jovens.
Tínhamos a “história” ao nosso lado. Muitos
maduravam um rubro outubro
outros iam ardendo um torpe
agosto.
Mas nem sempre ao verde abril
se segue a flor de maio.
Às vezes se segue o fosso

os que sobraram vivem em escuras
e européias alamedas, em subterrâneos
de saudade, aspirando a um chão-de-estrelas,
plangendo um violão com seu violado
[desejo
a colher flores em suecos cemitérios.

Talvez

todo o país seja apenas um ajuntamento
e o conseqüente aviltamento
– e uma insolvente cicatriz.

Mas este é o que me deram,
e este é o que eu lamento,
e é neste que espero
– livrar-me do meu tormento.

Meu problema, parece, é mesmo de princípio:
– do prazer e da realidade
– que eu pensava
com o tempo resolver
– mas só agrava com a idade.

Há quem se ajuste
engolindo seu fel com mel.
Eu escrevo o desajuste
vomitando no papel.

6

Mas este é um povo bom
me pedem que repita

como um monge cenobita
enquanto me dão porrada
e me vigiam a escrita.

Sim. Este é um povo bom. Mas isto também diziam
os faraós

enquanto amassavam o barro da carne escrava.
Isso digo toda noite

enquanto me assaltam a casa,
isso digo

aos montes em desalento
enquanto recolho meu sermão ao vento.

Povo. Como cicatrizar nas faces sua imagem perversa e
[una?

Desconfio muito do povo. O povo, com razão,
– desconfia muito de mim.

Estivemos juntos na praça, na trapaça e na desgraça,
mas ele não me entende

– nem eu posso convertê-lo.

A menos que suba estádios, antenas, montanhas
e com três mentiras eternas

o seduza para além da ordem
[moral.

Quando cruzamos pelas ruas
não vejo nenhum carinho ou especial predileção nos
[seus olhos.

Há antes incômoda suspeita. Agarro documentos,
[embrulhos, família
a prevenir mal-entendidos sangrentos.

Daí, já vejo as manchetes:

- o poeta que matou o povo
- o povo que só/çobrou ao poeta
- (ou o poeta apesar do povo?)

– Eles não vão te perdoar

– me adverte o exegeta.

Mas como um país não é a soma de rios, leis, nomes
[de ruas, questionários e geladeiras,
e a cidade do interior não é apenas gás néon,
[quermesse e fonte luminosa,
uma mulher também não é só capa de revista, bundas
[e peitos fingindo que é coisa nossa.

Povo

também são os falsários

e não apenas os operários,

povo

também são os sifilíticos

não só atletas e políticos,

povo

são as bichas, putas e artistas

e não só escoteiros

e heróis de falsas lutas,

são as costureiras e dondocas

e os carcereiros

e os que estão nos eitos e docas.

Assim como uma religião não se faz só de missas na

[matriz,

mas de mártires e esmolas, muito sangue e cicatriz,
a escravidão

para resgatar os ferros de seus ombros

requer

poetas negros que refaçam seus palmares e quilombos.

Um país não pode ser só a soma
de censuras redondas e quilômetros
quadrados de aventura, e o povo

não é nada novo
– é um ovo
que ora gera e degenera
que pode ser coisa viva
– ou ave torta

depende de quem o põe
– ou quem o gala.

7

Percebo
que não sou um poeta brasileiro. Sequer
um poeta mineiro. Não há fazendas, morros,
casas velhas, barroquismos nos meus versos.

Embora meu pai viesse de Ouro Preto com bandas de
[música polícia militar casos de assombração
[e uma calma milenar,
embora minha mãe fosse imigrando hortaliças
[protestantes
tecendo filhos nas fábricas e amassando a fé e o pão,
olho Minas com um amor distante,
como se eu, e não minha mulher
– fosse um poeta etíope.

Fácil não era apenas ao tempo das arcádias
entre cupidos e sanfoninhas,

fácil também era ao tempo dos partidos:

- o poeta sabia “história”
vivia em sua “célula”,
o povo era seu *hobby* e profissão,
o povo era seu cristo e salvação.

O povo, no entanto, não é o cão
e o patrão

- o lobo. Ambos são povo.
E o povo sendo ambíguo
é o seu próprio cão e lobo.

Uma coisa é o povo, outra a fome.
Se chamais povo à malta de famintos,
se chamais povo à marcha regular das armas,
se chamais povo aos urros e silvos no esporte popular

então mais amo uma manada de búfalos em Marajó
e diferença já não há
entre as formigas que devastam minha horta
e as hordas de gafanhoto de 1948

- que em carnaval de fome
o próprio povo celebrou.

Povo
não pode ser sempre o coletivo de fome.

Povo
não pode ser um séquito sem nome.

Povo
não pode ser o diminutivo de homem.

O povo, aliás,
deve estar cansado desse nome,
embora seu instinto o leve à agressão

o aumentativo de fome
possa ser
e embora
revolução.

(Transcrito de *Intervalo amoroso e outros
poemas escolhidos*, pp. 50 – 64)

ALBERTO DA COSTA E SILVA

(São Paulo, SP, 1931)

Filho do poeta piauiense Da Costa e Silva, um dos principais nomes do nosso Pré-Modernismo, Alberto da Costa e Silva pertence à Academia Brasileira de Letras (tomou posse em novembro de 2000). Obras poéticas: *O parque e outros poemas* (1953), *O tecelão* (1962), *Alberto da Costa e Silva carda, fia, doba e tece* (1962), *Livros de linhagem* (1966), *As linhas da mão* (1978, Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Club do Brasil), *A roupa no estendal, o muro, os pombos* (1981), *Consoada* (1993), *Ao lado de Vera* (1997), *Poemas reunidos* (2000).

Vigília

Quando as lágrimas vêm, em vão fugimos
do que em nós faz o amor, em vão tecemos
vestes para cobrir o corpo nu,
que se nutre do pranto, humilde e humano.
Fazemos nosso leito. A mesa pomos.
O rosto se derrama em nossas mãos.
Queremos repartir a fome e o sono.
Vivemos nossa espera, enquanto, mudos,
fluímos para o encontro e retornamos
à infância, mansa páscoa, frágil vime.
Não mais somos nós mesmos; somos mais
do que nós mesmos ou alguém mais puro,
um sonho de não ser, ah, sendo e amando.

(Transcrito de *Poemas reunidos*, p. 47)

ALBERTO DA CUNHA MELO
(Jaboatão, PE, 1942)

Alberto da Cunha Melo, além de poeta, é jornalista (foi editor, de 1982 a 1985, do “Commercio Cultural”, no Jornal do Commercio/PE; colaborador do Jornal da Tarde/SP) e sociólogo (foi pesquisador, por onze anos, da Fundação Joaquim Nabuco). Diretor de Assuntos Culturais da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (1979/1980 e 1987/1989). Obras: *Círculo cósmico* (1966), *Oração pelo poema* (1967), *Publicação do corpo* (1974), *Dez poemas políticos e Noticiário* (1979), *Poemas à Mão Livre* (1981), *Soma dos sumos* (1983), *Poemas anteriores* (1989), *Clau* (1992), *Carne de Terceira com Poemas à Mão Livre* (1996), *Yacala* (1999), *Yacala* (2000, edição fac-similar, com prefácio de Alfredo Bosi).

Canto dos emigrantes

Com seus pássaros
ou a lembrança de seus pássaros,
com seus filhos
ou a lembrança de seus filhos,
com seu povo
ou a lembrança de seu povo,
todos emigram.

De uma quadra a outra
do tempo,
de uma praia a outra
do Atlântico,
de uma serra a outra
das cordilheiras,
todos emigram.

Para o corpo de Berenice
ou o coração de Wall Street,
para o último templo
ou a primeira dose de tóxico,
para dentro de si
ou para todos, para sempre
todos emigram.

(Cópia dada pelo autor)

ALEXEI BUENO

(Rio de Janeiro, RJ, 1963)

Alexei Bueno condena os modismos e busca em poesia sobretudo os valores universais, a essência humana. Ele diz: “O século que se seguiu à gloriosa poesia do século XIX, o século de Pessoa e Rilke, de Valéry e Blok, de Kavafis e Yeats não foi feito para acabar na poesia da contingência mais miseravelmente pessoal, da piada mais dominical e doméstica, da desestruturação satisfeita de nadas fáclimos, de palavras jogadas ao deus-dará por histriões hedonistas e donas-de-casa televisivas e universitárias”. Isso tudo, acrescenta, é um “lixo” que não “sobreviverá”. Obras poéticas: *Poesias* (1988, reúne *As escadas da torre* e *Poemas gregos*, seus dois primeiros livros), *Nuctemeron* (1988, poemas em prosa), *A decomposição de J.S.Bach e outros poemas* (1989), *Magnificat* (1990). Fez algumas traduções (*O corvo*, de Poe; *Quimeras*, de Gérard de Nerval).

Testamento

Quando acabar-se a piada trágica
Juntem-me a ossada, façam-na em pó,
E a uma ampulheta brilhante e mágica
Vazem-no inteiro, sem sentir dó.

Que assim prossiga como viveu,
E encarcerado na insossa hora
Role sem rumo, tal como eu,
E veja a vida, mas só de fora.

E isto já basta... O sol brilhará,
E ornado em tempo o pó não descansa.
Oh! ele rirá! E bem vos roerá
Homens de um dia... Bela vingança!

(Cópia dada pelo autor)

ARIANO SUASSUNA
(João Pessoa, PB, 1927)

A poesia de Ariano Suassuna “toma o Sol, o Gavião, a Onça e os reinscreve em metáforas e alegorias num campo magnético feito de simpleza de traço, de espontaneidade de ritmo e de solidez de forma” (Lourival Holanda). Ariano é um dos principais nomes da moderna dramaturgia brasileira, sobretudo pelo seu *Auto da Compadecida*. É também romancista (*A pedra do reino*). O volume *Poemas*, lançado em 1999 pela Universidade Federal de Pernambuco, reúne o principal da sua produção poética.

A Francisco Brennand

Aquele amargo que restringe cada coisa.

José Laurenio de Melo

Nossa vida, Francisco, é muito estranha:
tudo nela é restrito e se desgasta.
Quando menos se espera,
o jogo cede passo ao fado cego
e assume mesmo a forma de seu rosto.
Este, impiedoso e velho,
tem cicatrizes, chagas de perigo,
e esconde o caos no abismo de seus olhos.
Ei-lo: reluz na sombra
a demência que chama e que fascina.
Suas raízes, braços indomáveis,
subjugam nosso sangue,
e a quem, na solidão, não perturbou,

ao menos uma vez, aquela besta
de formas excitantes
que todos temem e no íntimo desejam?
Ah, Francisco, bem duro é constatar:
o que se tem é pouco
ante o que se deseja e se pressente.
Preciso é suportar e em tudo há crime,
de tudo somos presa:
do desejo das formas e das cores,
da sede de criação, da ânsia de posse,
do mistério dos frutos,
do amor da vida, sempre machucado,
do travo a um tempo amargo e derrisório
que acaba por manchar
o desejo de tudo – carne ou treva.
Mas se, um dia, o limite das paredes
e as grades deste mundo
ao toque das trombetas derruíssem,
se possível à carne se tornassem
a posse do verão,
a sensação de perda e de ternura
que nos comove ao ver uma água clara
em que o céu se reflete;
se a essência das coisas, dominada,
ao sangue se entregasse, duradoura,
com o sol na folhagem,
o cheiro do jasmim depois da chuva,
os animais, os barcos ao crepúsculo,
a sombra dos cajueiros,
tudo aquilo que, enfim, parece vindo
de um mundo sem desejo e sem saudade...
Ah, Francisco, quem sabe?
Um mundo novo, a paz de seus regatos,

a terra renovada, o trono entregue
aos homens, para sempre,
com tudo o que ele traz de pressentido,
quem sabe se tudo isso não viria
extinguir-nos a sede,
harmonizando a carne e o som do fogo?
Ou seria somente a consunção?
Não sei nem ninguém sabe.
Talvez fosse melhor nada falar,
pois mesmo aqui há fatos indizíveis,
sagrados como as coisas,
se bem que mergulhados no perigo,
sangue e desejo, carne e pulsação.
Contentes com o dom
que a nós gratuitamente foi partido
de harmonizar as formas e as palavras,
fazendo ressaltar
o vermelho, o dourado e o som de bronze,
louvemos fielmente a dura vida
nas formas e nas cores.
Quanto ao mais, não pertence a nossa alçada:
olhem sem rancor e emudeçamos.

(Transcrito de *Poemas*, pp. 150 – 152)

ARMANDO FREITAS FILHO

(Rio de Janeiro, RJ, 1940)

José Guilherme Merquior disse o seguinte sobre a poesia de Armando Freitas Filho: "(...) amor e tortura, paixão e sevícia, gozo e (auto)flagelação nunca estiveram longe um do outro na verbalização do erotismo freitasiano, dos mais resolutamente antieufemísticos que conheço". E acrescentou: "O estilo de Armando Freitas Filho vem da poética experimental das vanguardas, de que participou como poeta práxis. O amor à paronomásia conserva nos seus textos (...) algo dessa antiga disciplina, assim como a desinibição inventiva do seu léxico". Armando Freitas ganhou o Prêmio Jabuti (1986) com o livro *3 x 4*. Foi pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa e da Fundação Biblioteca Nacional. Obras poéticas: *Palavra* (1963), *Dual* (1966), *Marca registrada* (1970), *De corpo presente* (1975), *À mão livre* (1979), *Longa vida* (1982), *3 x 4* (1985), *De cor* (1988), *Cabeça de homem* (1991), *Números anônimos* (1994), *Duplo cego* (1997), *Fio terra* (2000).

A flor da pele

Pele. (Do lat. *pelle*.) *S. f.* 1. Membrana mais ou menos espessa que reveste exteriormente o corpo humano, bem como o dos animais vertebrados e o de muitos outros. [Sin. (pop.): *couro*.] 2. *Fam.* A camada mais externa da pele (1); epiderme. 3. Cúrtis, tez: *Não é bonita, mas tem uma linda pele*. 4. *V. pelanca* (1). 5. Couro (2). 6. Partes coriáceas e nervosas que se encontram nas carnes comestíveis; pelanca. 7. A pele de um animal separada do corpo: *É de La Fontaine a fábula acerca do lobo vestido com a pele da ovelha*. 8. A pele de certos animais, dotada de pêlos finos, sedosos e abundantes, preparada industrialmente para ser usada na fabricação de agasalhos, ou como ornamento ou guarnição de certas peças do vestuário. 9. Odre (1). 10. Peça de vestuário, ou

manta, feita ou forrada de pele: *A atriz usava uma pele de raro valor*. 11. A casca de certos frutos e legumes: *a pele do pêsego*. 12. *Fig.* A própria pessoa; o próprio corpo: *sentir na pele* (q.v.); *defender a pele*. 13. *Bras.*, PA. O disco achatado da borracha bruta, tal como é apresentada à venda, depois de preparada nos seringais. 14. *Bras. Gir.* Pelega. ♦ *Pele anserina. Med.* 1. Pele áspera, por doença. 2. Pele arrepiada fisiologicamente, pelo medo, pelo frio, etc. **Pele e osso.** Diz-se de pessoa ou animal muito magro. **Cair na pele de.** *Bras. Pop.* Zombar ou escarnecer de; gozar. **Cortar na pele de.** Falar mal (de alguém); difamar; tosar na pele de. **Estar na pele de.** Estar na posição, situação, etc., ocupada por (alguém); estar no lugar de. **Salvar a pele.** *Bras.* Esquivar-se da responsabilidade em mau ato; livrar-se de castigo ou reprimenda. **Sentir na pele.** Ressentir-se profundamente de (alguma coisa); sofrer na própria carne. **Tirar a pele a.** Explorar, defraudar (alguém); tirar a pele de. **Tirar a pele de.** Tirar a pele a. **Tosar na pele de.** Cortar na pele de.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1ª edição, 1975, pág. 1068.

Pele (Do lat. *pelle*) *S. f.* 1. Membrana mais ou menos espessa que veste exteriormente o corpo humano, bem como o dos animais vertebrados e o de muitos outros. (Sin. (pop.) : *couro que arranho*.) 2. *Fam.* A camada mais externa da pele (1) ; epiderme que dispo. 3. *Cútis, tez: Não é bonita, mas tem uma linda pele que eu, aos poucos, arranço.* 4. *V. pelanca* (1). 5. Couro que estendo (2). 6. Partes coriáceas e nervosas que se encontram nas carnes comestíveis que eu devoro; até a pelanca. 7. A pele de um animal separada do corpo: *É de La Fontaine a fábula acerca do lobo vestido com a pele da ovelha*. 8. A pele de certas

mulheres, dotada de pêlos finos, sedosos e abundantes, preparada industrialmente para ser usada na fabricação de agasalhos, ou como ornamento ou guarnição de certas peças do vestuário. 9. Odre de onde escorre (de dentro) o seu mel (2). 10. Peça de vestuário, ou manta, feita ou forrada de pele: *A atriz usava sua pele de raro valor.* 11. A casca de certos frutos, corpos e legumes: *a pele do pêsego.* 12. *Fig.* Sua própria pessoa; seu próprio corpo: *sentir sua pele sob minha mão.* (q. v.); *defender a pele.* 13. *Bras., PA.* O disco achatado da borracha bruta, de sua barriga, tal como é apresentada à venda, depois de preparada nos seringais. 14. *Bras. Gír.* Pelega que amasso. ♦ *Pele anserina. Med.* 1. Pele áspera, por doença. 2. Pele arrepiada, pelo medo, pelo desejo, pelo frio, etc. *Pele e osso.* Diz-se de pessoa que se transforma num animal muito magro. *Cair na pele de.* Cair a pele de. *Bras. Pop.* Zombar ou escarnecer de você; gozar! *Cortar a pele de.* Falar mal (de alguém); torturar; tosar a pele de. *Estar na pele de, e enfiar.* Estar na posição, situação, etc., ocupada por (alguém); estar no lugar de. *Salvar a pele. Bras.* Esquivar-se da responsabilidade em mau ato; livrar-se de castigo ou reprimenda. coisa); sofrer na própria carne sua invasão. *Tirar a pele a.* Explorar, defraudar, violar, matar (alguém); tirar a pele de. *Tirar sua pele de você.* Gozar na pele *Sentir a pele.* Ressentir-se profundamente de (alguma de. Cortar a pele de, e esquecer.

Pele. (Do lat. *pelle.*) *S.f.* 1. Membrana mais ou menos espessa que veste exteriormente o corpo humano na hora de tortura do amor, bem como o dos animais vertebrados e o de muitos outros. (Sin. (pop.): *couro que arranho ou arrebento.*) 2. *Fam.* A camada mais externa da pele foi alcançada (1); epiderme que dispo e penduro. 3. Cútis, tez: *Não é bonita, mas tem uma linda pele que eu, aos poucos, arranço, com carinhos e unhas.* 4. *V. pelancas que como* (1). 5. Couro que estendo no chão (2). 6. Partes coriáceas e

nervosas que se encontram nas carnes comestíveis que eu devoro; até a pelanca eu mastigo. 7. A pele de um animal, do homem, separada do corpo: *É de La Fontaine a fábula acerca do lobo vestido com a pele da ovelha*. 8. A pele de certas mulheres, dotadas de pêlos finos, sedosos e abundantes, preparada industrialmente, nos matadouros, para ser usada na fabricação de agasalhos, ou como ornamento ou guarnição de certas peças do vestuário. 9. Odre de onde escorre (de dentro), entre os dentes, o seu mel (1). 10. Peça de vestuário, ou manta, feita ou forrada de pele: *A atriz usava, na cama, sua pele de raro valor*. 11. A casca de certos frutos, corpos e legumes: *a pele do pêsego de sua buça*. 12. *Fig*. Sua própria pessoa; seu próprio corpo: *sentir sua pele rasgada pela minha mão* (q.v.); *ofender a pele*. 13. *Bras.*, *PA*. O disco achatado da borracha bruta, de sua barriga, de sua bunda, tal como é apresentado à venda, depois de preparado nos seringais. 14. *Bras.* *Gir*. Pelega que amasso na mão. ♦ Pele anserina. *Med*. 1. Pele áspera, por doença, ou carência. 2. Pele arrepiada, pelo medo, pelo desejo, pelo choque elétrico, pelo frio cimento de uma cela, etc. Pele e osso. Diz-se de pessoa enjaulada que se transforma num animal muito magro. Cair na pele de. Cair na pele de, com o cassetete em punho. *Bras.* *Pop*. Zombar ou escarnecer de você algemado; gozar! Cortar a pele de. Fazer mal (a alguém); torturar; tosar a pele de. Estar na pele de, e enfiar agulhas sob as unhas. Estar na posição, situação, etc., ocupada por (alguém), e então avaliar todo esse sofrimento; estar no lugar de. Salvar, de qualquer maneira, a pele. *Bras*. Esquivar-se da responsabilidade em mau ato porque o Brasil é grande; livrar-se de castigo ou reprimenda. Sentir a pele do torturado. Ressentir-se profundamente de (alguma coisa) que, agora, só é cicatriz, lembrança envergonhada, nem isso talvez; sofrer na própria carne sua invasão blindada. Tirar a pele a. Explorar, defraudar, violar, matar (alguém) sem nenhum remorso; tirar a pele de, até o osso. Tirar sua pele de você. Gozar na pele de, impunemente. Cortar a pele de, e esquecer.

Pele. (Do lat. *pelle.*) *S.f.* 1. Membrana mais ou menos espessa que veste exteriormente o corpo humano na hora da tortura do amor (e de outras torturas), bem como o dos animais vertebrados e o de muitos outros seres sem nome ou feitio. (Sin. (pop.): *couro que arranho, rebento e castigo.*) 2. *Fam.* A camada mais externa da pele foi alcançada pela mão do carrasco (1); epiderme que dispo e penduro no pau-de-arara. 3. Cútis em carne viva, tez: *Não é bonita, mas tem uma linda pele que eu, aos poucos, arranco com carinhos, unhas e fúrias.* 4. *V.* *Pelancas que como e cuspo* (1). 5. Couro que estendo no chão, debaixo dos passos das botas (2). 6. Partes coriáceas e nervosas que se encontram nas carnes comestíveis dos outros que eu devoro; até a pelanca eu mastigo e engulo. 7. A pele de um animal, do homem, separada do corpo: *É de la Fontaine a fábula acerca do lobo uniformizado com a pele em sangue da ovelha.* 8. A pele de certas mulheres, dotada de pêlos finos, sedosos e abundantes, preparada industrialmente, nos matadouros, nas casas, nos bares, nos puteiros, para ser usada na fabricação de agaralhos, ou como ornamento na sala de visitas, nas festas oficiais, nos bailes populares, ou guarnição de certas peças do vestuário, de certos pratos na mesa. 9. Oudre de onde escorre (de dentro), entre os dentes, o seu louco mel (1). 10. Peça de vestuário, ou manta frenética, feita ou forrada com sua pele, amor: *A atriz usava, na cama, pernas abertas, sua pele de raro valor cinematográfico.* 11. A casca de certos frutos, corpos, legumes, putas: *a polpa de pele do pêsego de sua buça.* 12. *Fig.* Sua própria pessoa violentada; seu próprio corpo escancarado: *sentir sua pele rasgada pela minha mão de gancho* (q.v.); *ofender a pele, foder você.* 13. *Bras., PA.* O disco achatado da borracha bruta, de sua barriga, de sua bunda, tal como é apresentado à venda, nas praças, lupanares, supermercados, depois de preparada nos seringais. 14. *Bras. Gír.* Pelega que amasso na mão do mendigo. ♦ Pele anserina: venha de manso e afogue o ganso. *Med.* 1. Pele áspera, por doença,

carência ou mau trato. 2. Pele arrepiada, pelo medo, pelo desejo, pelo choque elétrico, pelo frio cimento de uma cela, pela tortura ou repressão, etc. Pele e osso e dentes. Diz-se de pessoa enjaulada que se transforma num animal feroz muito magro. Cair na pele de. Cair na pele de, com o cassetete em punho, e espancar até a morte. *Bras. Pop.* Zombar ou escarnecer de você algemado no pau-de-arara; gozar! Cortar a pele de. Fazer mal (a alguém); torturar até morrer; tosar a pele de um suposto inimigo. Estar na pele de, e enfiar (no outro) agulhas sob as unhas. Estar na posição (para ser enrabado por muitos), situação, etc., ocupada por (alguém), e então avaliar o porquê de todo esse sofrimento; estar no lugar de, pois as coisas mudam. Salvar, de qualquer maneira, a pele. *Bras.* Esquivar-se da responsabilidade em mau ato (através de salvaguardas), porque o Brasil é grande e se pode fugir para o estrangeiro; livrar-se de castigo e reprimenda porque o povo é meigo. Sentir a pele do torturado, do empalado. Ressentir-se profundamente de (alguma coisa) que, agora, com a possível mudança da história e do regime de encolha, só é cicatriz, lembrança envergonhada, nem isso, talvez; sofrer na própria carne sua invasão blindada, marcial. Tirar a pele (ah!). Explorar, defraudar, violar, matar (alguém) sem nenhum remorso, pois o país não tem memória nacional; tirar a pele de, até o osso, e xingar. Tirar sua pele de você, sua identidade. Gozar na pele de, impunemente, com a polícia a seu favor, para sempre. Cortar a pele de, e esquecer de tudo isso bem depressa, pois agora a história é outra, as águas passadas não movem o moinho, e o Brasil é feito por nós?

Pele. (Do lat. *pelle.*) s. f.

BANDEIRA TRIBUZI
(São Luís, MA, 1927 – 1977)

Bandeira Tribuzi (José Tribuzi Pinheiro Gomes), com Ferreira Gullar, Lago Burnett e Oswaldino Marques, integra uma geração de escritores maranhenses que despontou nos anos 50. O seu livro *Alguma existência* contribuiu muito para renovar a poesia do Maranhão. Tribuzi, que passou a infância e parte da juventude em Portugal (estudou em Aveiro, Porto e Coimbra), foi também novelista (*Da conveniência de fazer-se um deputado conveniente*, 1985, póstuma), ensaísta, economista e jornalista. Obras poéticas: *Alguma existência* (1948), *Rosa da esperança* (1950), *Safra* (1961), *Sonetos* (1962), *Pele e osso* (1970), *Breve memorial do longo tempo* (1977), *Poesias completas* (1979, póstuma), *Rosamonde (o touro da morte)* e *Tropicália; Consumo & dor* (1985, póstumas).

Poema

Um cão ladrou
na noite obscura
tremores frios
de inanição
A mulher magra
esperou cansada
que a carne exausta
fosse chamariz
Poucos sexos jovens
se investigaram
muitos não conseguiram
fugir à frustração
Alguns descansaram
outros se diluíram

o caixote de lixo
esperou esperou
Depois rompeu
a madrugada.

(Transcrito de *A poesia maranhense no século XX*,
org. Assis Brasil, p. 171)

BRAULIO TAVARES
(*Campina Grande, PB, 1950*)

A poesia de Bráulio Tavares, segundo Hildeberto Barbosa Filho, “funda raízes numa mescla criativa de fontes em que dialogam a tradição do cancionero popular, nos ritmos despachados, líricos e melódicos do repente e do cordel, a pulsação desencontrada e irreverente da dicção contracultural e os arrepios formais da erudição e das vanguardas”. Bráulio é também contista (*A espinha dorsal da memória*, 1996; *Mundo fantasma*, 1997) e romancista (*A máquina voadora*, 1997). Publicou em 1986, pela Brasiliense, o ensaio *O que é ficção científica*. Obras (poesia e letras de música): *As baladas de Trupizupe* (1980), *Cabeça elétrica, coração acústico* (1981), *Balada do andarilho Ramon e outros textos* (1980), *Sai do meio, que lá vem o filósofo* (1982), *O homem artificial* (1999).

O caso dos dez negrinhos
(ROMANCE POLICIAL BRASILEIRO)

Dez negrinhos numa cela
e um deles já não se move.
Fugiram de manhã cedo,
mas eram nove.

Nove negrinhos fugindo
e um deles, o mais afoito,
dançou: cruzou com uma bala...
Correram oito.

Oito negrinhos trabalham
de revólver e canivete;

roupa cáqui vem chegando,
fugiram sete.

Sete negrinhos passando
pela rua de vocês;
alguém chamou a polícia,
correram seis.

Seis negrinhos dão o balanço:
bolsa, anel, relógio, brinco...
Houve um erro na partilha,
sobraram cinco.

Cinco negrinhos de olho
na saída do teatro.
Um vacilou, deu bobeira...
Correram quatro.

Quatro negrinhos trombando,
todos quatro de uma vez.
Um deles a gente agarra,
mas fogem três.

Três negrinhos que batalham
feijão, farinha e arroz.
Um se deu mal: a comida
dava pra dois.

Dois negrinhos se embebedam
de brahma, cachaça e rum.
Discussão, briga, navalha...
e fica um.

E um negrinho vem surgindo
no meio da multidão.
Por trás desse derradeiro...
vem um milhão.

(Transcrito de *O homem artificial*, pp. 60 – 61)

BRUNO TOLENTINO
(Rio de Janeiro, RJ, 1940)

Bruno Tolentino viveu muitos anos na Europa, onde publicou dois livros: *Le vrai le Vain* (1971, Paris) e *About the Hunt* (1979, Oxford). Foi professor universitário na Inglaterra (Bristol e Essex). Está no Brasil desde 1993. Antônio Paulo Graça faz o seguinte comentário sobre o poeta: “Se a poesia clássica atingiu o momento mais luminoso na representação alegórica da *Commedia*, se a alegoria moderna tornou-se dissidente do símbolo pré-romântico e da própria alegoria medieval, Bruno Tolentino, parece-me, construiu em seus textos grandes massas para representar os agentes da tragédia sócio-política do Brasil. Ele não utiliza símbolos abstratos, tampouco indivíduos representativos. Toma a história como um acontecimento único, luminoso e inteligível”. Obras poéticas (em português): *As horas de Katharina* (1994), *Os deuses de hoje* (1995), *A balada do cárcere* (1996).

À terra provisória

Adeus, cimos e vales e veredas,
 e bosques e clareiras e campinas
 soltas ao vento, sacudindo as crinas
 das espigas de sol na luz de seda.

Adeus, troncos e copas e alamedas,
 esmeraldas selvagens que as neblinas
 salpicavam de prata, adeus, colinas
 que iam subindo como labaredas

de cobalto no ar... Adeus, beleza
 irrepetível, que me viu nascer
 e toca-me deixar: a natureza

também é feita de deixar de ser,
e eu levo agora a sombra e deixo a presa
à luz do provisório amanhecer.

(Transcrito de *Os deuses de hoje*, p. 69)

CARLOS NEJAR
(Porto Alegre, RS, 1939)

A poesia de Carlos Nejar reflete a relação indivíduo e sociedade. É uma poesia voltada “tanto à expressão das circunstâncias sociais desequilibradas e desumanas da América contemporânea, como à reflexão sobre o indivíduo enquanto ser em busca da liberdade, justiça e realização pessoal” (Regina Zilberman). Obras poéticas: *Sélesis* (1960), *Livro de Silbion* (1963), *Livro do tempo* (1965), *O campeador e o vento* (1966), *Ordenações e Danações* (1969), *Canga* (1971), *Casa dos arreios* (1973), *O poço do calabouço* (1974), *Somos poucos* (1976), *A árvore do mundo* (1977), *O chapéu das estações* (1978), *Os viventes* (1979), *Um país o coração* e *Obra poética I* (1980), *Cinco poemas dramáticos* e *O Menino-Rio* (1983), *As memórias do porão* (1985), *A idade da aurora* (1990, rapódia), *Amar, a mais alta constelação* (1991), *Elza dos pássaros ou a ordem dos planetas* (1993), *Aquém da infância* e *A arca da aliança* (1995), *Os dias pelos dias* (1997, reúne *Canga*, *O poço do calabouço* e *A árvore do mundo*).

Cântico

Limarás tua esperança
até que a mó se desgaste;
mesmo sem mó, limarás
contra a sorte e o desespero.

Até que tudo te seja
mais doloroso e profundo.
Limarás sem mãos ou braços,
com o coração resoluto.

Conhecerás a esperança,
após a morte de tudo.

CHACAL

(Rio de Janeiro, RJ, 1951)

Chacal (Ricardo de Carvalho Duarte), além de poeta, é cronista e roteirista. Nos anos 70, participou do movimento de poesia independente (poesia marginal). Já foi parceiro musical de Lulu Santos, Blitz, 14 Bis e Mimi Lessa. Fez Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. De 1995 a 1998, editou a revista *O carioca*. Produz, desde 1990, o Centro de Experimentação Poética – CEP 20.000 (RIOARTE). Obras: *Muito prazer, Ricardo* (1971, 100 cópias mimeografadas), *Preço da passagem* (1972, envelope com 34 folhas contendo textos, fotos e desenhos), *Quampérius* (1977), *Cara a cores* (1979, trilogia – *Olhos vermelhos*, *Nariz aniz e Boca roxa*), *Drops de abril* (1983), *Letra elétrica* (1994).

ópera de pássaros

a objetividade da fotografia é uma falácia.
erram os que acham que ela retrata o real.
o que há é que quando o fotógrafo diz:
– olha o passarinho!
uma ave de asas oblongas sai de dentro da câmera
com um embornal de pincezinhos e uma paleta de cores
sobrevoa a cabeça do fotógrafo
sobrevoa a cabeça do fotógrafo
e pousa sobre seu ombro esquerdo.
de lá, pinta a cena.
em suma, a fotografia é uma ópera de pássaros.

(Cópia dada pelo autor)

DORA FERREIRA DA SILVA

(*Conchas, SP, 1918*)

Dora Ferreira da Silva, como disse José Paulo Paes, pertence à família de poetas cuja palavra “ronda o tempo todo as fronteiras do sagrado”. Em poesia, a presença do sagrado “não deve ser entendida no sentido restrito de manifestação direta do divino, e sim no sentido mais amplo de ânsia de transcendência do Eu rumo ao Outro”. Obras poéticas: *Andanças* (1970, reúne poemas de 1948 a 1970), *Uma via de ver as coisas* (1973), *Menina seu mundo* (1976), *Jardins (esconderijos)* (1979), *Talhamar* (1982), *Retratos da origem* (1988), *Poemas da estrangeira* (1996), *Poesia reunida* (1999).

Nascimento do poema

É preciso que venha de longe
do vento mais antigo
ou da morte
é preciso que venha impreciso
inesperado como a rosa
ou como o riso
o poema incessário.

É preciso que ferido de amor
entre pombos
ou nas mansas colinas
que o ódio afaga
ele venha
sob o látigo da insônia
morto e preservado.

E então desperta
para o rito da forma
lúcida
tranqüila:
senhor do duplo reino
coroadado
de sóis e luas.

(Transcrito de *Poesia reunida*, p. 39)

EDUARDO ALVES DA COSTA
(Niterói, RJ, 1936)

Eduardo Alves da Costa, além de poeta, é contista (*Fátima e o velho*, 1960; *A sala do jogo*, 1989), romancista (*Chongas*, 1975), dramaturgo (*Os hóspedes estão amanhecendo*, 1974; *Suaves campainhas para o sono de Heitor*, 1978 – Prêmio Anchieta/SP; *Cem grama de Buda* – inédito). É também pintor há 18 anos e, até o momento, só expôs no exterior (em Paris, de janeiro a abril de 1999, na galeria de Dina Vierny, que foi modelo de Matisse e Maillol; tem ainda algumas exposições agendadas na Alemanha). Obras poéticas: *O tocador de atabaque* (1971), *Salamargo* (1982), *No caminho, com Maiakóvski* (1987), *O canibal vegetariano* (inédito).

No caminho, com Maiakóvski

Assim como a criança
humildemente afaga
a imagem do herói,
assim me aproximo de ti, Maiakóvski.
Não importa o que me possa acontecer
por andar ombro a ombro
com um poeta soviético.
Lendo teus versos,
aprendi a ter coragem.

Tu sabes,
conheces melhor do que eu
a velha história.
Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.

E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem;
pisam as flores.
matam nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.

Nos dias que correm
a ninguém é dado
repousar a cabeça
alheia ao terror.
Os humildes baixam a cerviz:
e nós, que não temos pacto algum
com os senhores do mundo,
por temor nos calamos.
No silêncio de meu quarto
a ousadia me afogueia as faces
e eu fantasio um levante;
mas amanhã,
diante do juiz,
talvez meus lábios
calem a verdade
como um foco de germes
capaz de me destruir.

Olho ao redor
e o que vejo
e acabo por repetir

são mentiras.

Mal sabe a criança dizer *mãe*
e a propaganda lhe destrói a consciência.
A mim, quase me arrastam
pela gola do paletó
à porta do templo
e me pedem que aguarde
até que a Democracia
se digne aparecer no balcão.
Mas eu sei,
porque não estou amedrontado
a ponto de cegar, que ela tem uma espada
a lhe espetar as costelas
e o riso que nos mostra
é uma tênue cortina
lançada sobre os arsenais.

Vamos ao campo
e não os vemos ao nosso lado,
no plantio.
Mas no tempo da colheita
lá estão
e acabam por nos roubar
até o último grão de trigo.
Dizem-nos que de nós emana o poder
mas sempre o temos contra nós.
Dizem-nos que é preciso
defender nossos lares,
mas se nos rebelamos contra a opressão
é sobre nós que marcham os soldados.

E por temor eu me calo.
Por temor, aceito a condição
de falso democrata

e rotulo meus gestos
com a palavra liberdade,
procurando, num sorriso,
esconder minha dor
diante de meus superiores.
Mas dentro de mim,
com a potência de um milhão de vozes,
o coração grita – MENTIRA!

(Cópia dada pelo autor – é a mesma versão que consta
em edição de 1987 do Círculo do Livro/SP)

FRANCISCO ALVIM

(Araxá, MG, 1938)

Francisco Alvim, com *Poesias reunidas – 1968/1988*, ganhou o Prêmio Jabuti. É também diplomata. Obras poéticas: *Sol de cegos* (1968), *Passatempo* (1974), *Dia sim dia não* (1978), *Lago, montanha* (1981), *Festa* (1981), *Poesias reunidas – 1968/1988* (1988), *Elefante* (2000).

Espelho

Meu deus como é triste
Olhar a noite nos olhos
O som da treva ecoa
no brejo mais fundo

Lembrar a montanha
a tarde cheia de sinos
a menina – névoa no azul
o menino

Uma luz
que afastasse este breu
para além da estrela remota

Olho e vejo um furo
no escuro – um lago?
Aviões partem
Para que deserto?

FRANCISCO CARVALHO
(*Russas, CE, 1927*)

Francisco Carvalho acredita que a poesia “se dirige às paixões mais honestas do homem”. Acredita ainda que “todas as estruturas verbais possíveis são instrumentos eficazes de captação do fenômeno poético”. Poeta versátil, aberto, está convencido de que “as formas fixas, tão malsinadas pelos vanguardistas de todas as épocas e de todos os feitios, têm porventura a mesma dinâmica e flexibilidade das formas polimétricas”. Com o livro *Quadrante solar*, Francisco Carvalho ganhou o Prêmio Bial Nestlé de Literatura Brasileira (1982). Ligado à Universidade Federal do Ceará (Secretário do Conselho Universitário), vive há muito tempo em Fortaleza. Principais obras poéticas: *Cristal da memória* (1955), *Canção atrás da esfinge* (1956), *Do girassol e da nuvem* (1960), *O tempo e os amantes* (1966), *Dimensão das coisas* (1967), *Memorial de Orfeu* (1969), *Os mortos azuis* (1971), *Pastoral dos dias maduros* (1977), *As verdes léguas* (1979), *Rosa dos eventos* (1982), *Quadrante solar* (1983), *As visões do corpo* (1984), *Flauta de bambu* (1987), *Barca dos sentidos* (1989).

Bolhas de sabão

Os homens se divertem com as palavras
como as crianças se divertem com bolhas de sabão.
Ai daquele que põe o coração nas palavras
porque depois vem a perdê-lo
como se perde a identidade da imagem num espelho
partido.
Ai daquele que depositou seu fardo de sonhos
às costas das palavras.
As palavras são como as velas de uma nau que perdesse
a rota da bússola.
Teu coração é um labirinto de palavras

mas as palavras precisam de tuas sensações para existir
e as tuas sensações não são menos abstratas
do que as sete verdades do arco-íris.

Mastigas diariamente as palavras
como se elas fossem um bálsamo para a alma.
As palavras te governam e te configuram
delimitam as fronteiras de tua solidão
os caminhos da eternidade e do adeus.
As palavras assinalam o momento de tua morte
e te ensinam a abrir a porta onde não existe porta.

(Transcrito de *Quadrante solar*, pp. 29 – 30)

GERARDO MELLO MOURÃO

(Ipueiras, CE, 1917)

Gerardo Mello Mourão, além de poeta, é jornalista, tradutor, romancista (*O valete de espadas*, 1960; *O dossiê da destruição*, 1966) e ensaísta (*Do destino do espírito*, 1941; *A invenção do saber*, 1983). Obras poéticas: *Poesia do homem só* (1938), *Cabo das tormentas* (1950), *Três pавanas* (1961), *O país dos mourões* (1963), *Peripécia de Gerardo* (1972), *Rastro de Apolo* (1977), *Os peãs* (1982). Em 1997, publicou o longo poema *Invenção do mar*.

Invenção do mar

(Canto Quinto)

III

Este país é uma empresa nossa –
e esta foi a carta constitucional do país
escrita pelo Padre Manuel da Nóbrega:

não era uma empresa do rei, de sua corte,
de seu clero, de seu Tesouro, de suas armas:
empresa nossa – de cada capitão
cada soldado, cada padre, cada bolsa
cada um de seus fundadores
e cada sonho era um feudo e cada feudo um sonho
e cada sonho um perigo e cada marinheiro
ao pisar a terra pisava seu próprio feudo
seu risco sua vida e sua morte – e era senhor
de seu risco, sua vida e sua morte em busca
de seu império:

Sebastião!
Sebastião!

Cada palmo de chão é a sesmaria de seu reino
e cada reino um engenho na lua
onde talvez morava o rei e o rei
era o puro clamor de seu próprio nome:

Sebastião!
Sebastião!

E era a empresa de cada negro no eito e nos palmares
seus olhos também no horizonte do mar e da montanha
das Angolas e das Serras Leas onde reinara
e agora aqui também à espera do Esperado:

Sebastião!
Sebastião!

E era a empresa do tamoio com seu cocar
de ouvido colado ao chão das várzeas
esperando o rumor dos passos do Encoberto
na marcha que viria pelos vales do Oeste:

Sebastião!
Sebastião!

Um dia saberemos: é por dentro de nós que ele viaja
e espantados narcisos olharemos
no cristal das lagoas e regatos
nosso próprio rosto – e o trom das cachoeiras e o clangor

das seriemas no tabuleiro repetirão ao conhecer
cada um dos moradores da aventura e da aurora nossa:

Sebastião!

Sebastião!

E somos nós
nossa própria esperança.

Sebastião sou eu.

(Transcrito de *Invenção do mar*, pp. 175 – 177)

GILBERTO MENDONÇA TELES

(Bela Vista de Goiás, GO, 1931)

Gilberto Mendonça Teles, além de poeta, é ensaísta (*Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, 1972; *Drummond – a estilística da repetição*, 1970; *Camões e a poesia brasileira*, 1973; *A retórica do silêncio*, 1979; *A crítica e o romance de 30 no Nordeste*, 1990 – entre outros) e professor titular de Literatura Brasileira da PUC do Rio de Janeiro. Em 1989, ganhou, da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra. Obras poéticas: *Alvorada* (1955), *Estrela-d'alva* (1956, Prêmio Félix de Bulhões/AGL), *Planície* (1958), *Fábula de fogo* (1961, Prêmio Leo Lynce/UBE-GO), *Pássaro de pedra*, (1962, Prêmio Álvares de Azevedo/APL), *Sintaxe invistível* (1967), *A raiz da fala* (1972, Prêmio Olavo Bilac/ABL), *Arte de armar* (1977, Prêmio Brasília de Poesia), *Poemas reunidos* (1978), *Saciologia goiana* (1982), *Hora aberta* (1986, poemas reunidos; Prêmio Cassiano Ricardo/Clube de Poesia de São Paulo), *É cone de sombras* (1994), *Nominais* (1993), *Os melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles* (1994, sel. de Luiz Busatto), *Álibis* (inédito).

O visionário

E vai a sombra da cruz
se projetou do horizonte
e veio vindo nos campos,
roçando estradas e rios,
aplainando num só corpo
as depressões e montanhas
e endireitando as veredas
e os caminhos.

Sombra imensa
que foi desfazendo as trevas,
serrando troncos cansados,

cegando os olhos das feras,
abrindo os olhos das aves
e as cobras todas queimando,
multiplicando os insetos
e os frutos multiplicando,
fazendo peixe das folhas
e nas pedras assoprando
um pensamento de amor.
Então as pedras tremeram,
se levantaram cantando
e foram seguindo o rumo
da sombra que se afastava
para o seu rumo nenhum.
Mas quando a sombra chegou
à linha-d'água da praia
e como um pássaro leve
se deslizou pelo mar,
o vento que não soprava
se pôs furioso a soprar
e as águas que eram um só corpo
tiveram de separar-se:
um grande túnel de vidro
foi devorando o silêncio
da sombra que se entregava
pousando o braço direito
nos ombros da humanidade.

(Transcrito de *Melhores poemas de
Gilberto Mendonça Teles*, p. 43)

HILDA HILST

(Jaiú, SP, 1930)

Hilda Hilst já ganhou, entre outros, o Grande Prêmio da Crítica para o Conjunto da Obra (1981 – Associação Paulista dos Críticos de Arte), o Prêmio Jabuti (1984) e o Prêmio Cassiano Ricardo (1985). Segundo Edson Costa Duarte, há em sua poesia “um fio condutor do raciocínio, que se debate consigo mesmo, balançando-se sempre naquela linha tênue e tensa do pensar-sentir”. Hilda é também ficcionista (*Fluxo-floema*, 1970; *Qadós*, 1973; *Pequenos discursos e um grande*, 1977; *Tu não te moves de ti*, 1980; *A obscena senhora D*, 1982; *Com os meus olhos de cão*, 1986; *O caderno rosa de Lori Lamby*, 1990; *Contos d'escárnio. Textos grotescos*, 1990; *Cartas de um sedutor*, 1991; *Rútilo Nada*, 1993; *Estar sendo. Ter sido*, 1996) e dramaturga (*A empresa e O rato no muro*, 1967; *O visitante, Auto da barca de Camiri e O novo Sistema*, 1968; *A morte do Patriarca, O Verdugo e As aves da noite*, 1969). Principais obras poéticas: *Presságio* (1950), *Balada de Alzira* (1951), *Balada do festival* (1955), *Poesia* (1959/1979), *Do desejo e Bufólicas* (1992), *Cantares do Sem Nome e de Partidas* (1995).

Do amor

XLIX

Costuro o infinito sobre o peito.
 E no entanto sou água fugidia e amarga.
 E sou crível e antiga como aquilo que vês:
 Pedras, frontões no Todo inamovível.
 Terrena, me adivinho montanha algumas vezes.
 Recente, inumana, inexprimível
 Costuro o infinito sobre o peito
 Como aqueles que amam.

(Transcrito de *Do amor*, p. 58)

ILDÁSIO TAVARES
(Fazenda São Carlos, BA, 1940)

Ildásio Tavares, além de poeta, é romancista (*Roda de fogo*, 1980; *A Ninfa*, 1993), cronista (*Tribuna da Bahia*) e letrista (já teve músicas gravadas por Maria Bethânia, Alcione, Cláudia, Maria Creuza, Vinícius e Toquinho, Néelson Gonçalves, entre outros). Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia. Colaborador da *Revista internacional de língua portuguesa* (Lisboa), da *Revista hifen* (Porto) e da *Tempo brasileiro* (Rio de Janeiro). Em 1993, ganhou o Prêmio Nacional de Poesia Jorge de Lima. Publicou em 1994 *A arte de traduzir* (ensaio). Retirou de *Imago*, *Ditado*, *O canto do homem cotidiano* e *Tapete do tempo* muitos dos seus *Poemas seletos* (Fundação Casa de Jorge Amado/COPENE), de 1996.

Canto do homem cotidiano

Eu canto o homem vulgar, desconhecido
Da imprensa, do sucesso, da evidência
O herói da rotina,
O rei de pijama,
O magnata
Do décimo terceiro mês,
O play-boy das mariposas
O imperador da contabilidade.

Esse que passa por mim
Que nunca vi outro assim.

Esse que toma cerveja
E cheira mal quando beija.

Esse que nunca é elegante
E fede a desodorante.

Esse que compra fiado
E paga sempre atrasado.

Esse que joga no bicho
E atira a pule no lixo.

Esse que sai no jornal
Por atropelo fatal.

Esse que vai ao cinema
Para esquecer seu problema.

Esse que tem aventuras
Dentro do beco às escuras.

Esse que ensina na escola
E sempre sofre da bola.

Esse que joga pelada
E é craque da canelada.

Esse que luta e se humilha
P'ra casar bem sua filha.

Esse que agüenta o rojão
Pro filho ter instrução.

Esse que só se aposenta
Quando tem mais de setenta.

Esse que vejo na rua
Falando da ida à lua.

Eu canto esse mesmo, exatamente
Esse que sonhou em, mas nunca vai

Ser:

Acrobata,

Magnata,

Psiquiatra,

Diplomata,

Astronauta,

Aristocrata,

(É simplesmente democrata)

Almirante,

Traficante,

Viajante,

Caçador de

Elefante

(Vive só como aspirante)

Pintor, compositor,

Senador, sabotador,

Escritor ou Diretor

(É apenas sonhador)

Pistoleiro,

Costureiro,

Terrorista,

Vigarista,

Delegado,

Deputado,

Galã na tela

Ou mesmo em telenovela,

Marechal,

Industrial,
Presidente,
Onipotente.
(Ele é simplesmente gente)
E, inconsciente marcha pela vida
buscando no seu bairro
Na cidade lá do interior,
No escritório, consultório
No ginásio,
Na repartição,
Na rua, no mercado, em toda a parte
Somente uma razão
Para poder dormir com a esperança
E de manhã, na hora do encontro
Com o espelho, ao fazer a barba,
Ver o reflexo do campeão.
Mas que, na frustração cotidiana,
Vai encontrando aos poucos sua glória.
Por isso eu canto a luta sem memória
Desse homem que perde, e não se ufana
De no rosário de derrotas várias
E de omissões e condições precárias
Poder contar com uma só vitória
Que não se exprime nas mentiras tantas
Espirradas sem medo das gargantas
Mas sim no que ele vence sem saber
E não se orgulha, campeão na história,
Da eterna luta de sobreviver.

IVAN JUNQUEIRA
(Rio de Janeiro, RJ, 1934)

Ivan Junqueira é um poeta preocupado com questões políticas e metafísicas. É também ensaísta (*À sombra de Orfeu*, 1984 – Prêmio Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras; *O encantador de serpentes*, 1987 – Prêmio Nacional de Ensaísmo do Instituto Nacional do Livro; *O signo e a sibila*, 1993) e já traduziu, entre outros, T. S. Eliot, Marguerite Yourcenar, Marcel Proust e Dylan Thomas. Editor-executivo da revista *Poesia sempre* (Fundação Biblioteca Nacional). Obras poéticas: *Os mortos* (1964), *Três meditações da corda lírica* (1977), *A rainha arcaica* (1980, Prêmio Nacional de Poesia do Instituto Nacional do Livro), *Cinco movimentos* (1982, poemas musicados por Denise Emmer – CD *Cinco movimentos & um soneto*), *O grifo* (1987, menção honrosa do Prêmio Jabuti), *A sagração dos ossos* (1994, prêmios Jabuti e Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Club do Brasil), *Poemas reunidos* (1999).

O poder

Eis o poder: seus palácios
hospedam reis e vassalos,
messalinas, pajens glabros,
eunucos, aias, lacaios,
e até artistas e ratos.

Uma só migalha basta
à sordícia que se alastra,
e pronto surge uma talha
onde o cenário é lavado
para o próximo espetáculo.

O poder é assim: devasta,
corrompe, avilta, enxovalha,

do reles pároco ao papa,
e não há um só que escape
ao seu melífluo contágio.

Se alguém o nega ou o afasta,
compram-no logo, à socapa,
a peso de ouro ou de prata.
E se acaso não o fazem,
mais simples ainda: matam-no.

Tem o poder muitas faces:
a que se crispa, indignada,
a que te olha de soslaio,
a que purga e chega às lágrimas,
a que se oculta, enigmática.

Mas são apenas disfarces,
formas várias que se esgarçam,
por entre véus e grinaldas,
porque assim vertem mais fácil
o vitríolo em tua taça.

E tu, rei de Tule, aos lábios
levas sempre, ávido, o cálice,
não por amor nem saudade
de quem se foi, entre as vagas,
de um castelo à orla do mar,

mas só porque, embriagado,
são de engodo as tuas asas
e de cobiça os teus passos,
que vão além das sandálias
e se arrastam rumo ao nada.

O poder é aquele pássaro
que te aguarda sob os galhos.
Tudo ele dá, perdulário.
De ti quer apenas a alma.
Por inteiro. Ou a retalho.

(Transcrito de *Poemas reunidos*, pp. 242 – 243)

JOÃO CABRAL DE MELO NETO
 (Recife, PE, 1920 – Rio de Janeiro, RJ, 1999)

João Cabral de Melo Neto é exato na linguagem. Poeta cerebral, participante (“o primeiro a elaborar, no interior de um poema, os contornos reais do Nordeste” – Modesto Carone), é normalmente associado à geração de 45 mais por uma questão de história literária – o início da sua produção se confunde com o momento de divulgação desse movimento. Obras poéticas: *Pedra do sono* (1942), *O engenheiro* (1945), *Psicologia da composição* (1947), *O cão sem plumas* (1950), *O rio ou a relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife* (1954), *Duas águas* (1956), *Quaderna* (1960), *Dois parlamentos* e *Serial* (1961), *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta* (1966), *A educação pela pedra* (1966), *Funeral de um lavrador* (1967), *Museu de tudo* (1975), *Auto do frade* (1984), *Crime na Calle Relator* (1987), *Museu de tudo e depois* (1988, poesia de 1967 a 1987), *Sevilha andando* (1989).

Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito que um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos
 que com muitos outros galos se cruzem
 os fios de sol de seus gritos de galo,
 para que a manhã, desde uma teia tênue,
 se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,
 se erguendo tenda, onde entrem todos,

se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(Transcrito de *A educação pela pedra e depois*, p. 15)

JOSÉ CHAGAS

(*Santana dos Garrotes, PB, 1924*)

José Chagas, que vive há muitos anos em São Luís (MA), publica poesia desde a década de 50. Assis Brasil diz o seguinte sobre ele: “Poemas longos, linguagem simples, é nos sonetos, de bela fatura, que mostra que a tradição pode reapanhar o já visto e o já dito, dando-lhe nova roupagem poética, de marca pessoal e não-epigônica, forma antiga aliada a uma sensibilidade nova”. José Chagas é também cronista (*Pedra de assunto*, 1961) e membro da Academia Maranhense de Letras. Principais obras poéticas: *Poesias reunidas* (1980, contém dez livros), *A arcada do tempo* (1982), *Cem anos de infância ou o poeta e o rio* (1985).

O pássaro sem vôo

O pássaro sem vôo, solto na sala,
ficou sendo um brinquedo de criança
Que lhe importa a manhã?

Por que saudá-la,
Se a cantiga desperta a mão que o alcança?
De que lhe vale o canto? O canto é apenas
alegria de estranhos

Não é tudo.

O canto é inútil como são as penas.
O pássaro sem vôo, cantando, é mudo.

(Transcrito de *Circuito de poesia maranhense*, p. 41)

LÉLIA COELHO FROTA

(Rio de Janeiro, RJ, 1940)

Lélia Coelho, além de poeta, é antropóloga. Já dirigiu o Instituto Nacional de Folclore e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O seu livro *Menino deitado em alfa* obteve os prêmios Jabuti (Câmara Brasileira do Livro) e Olavo Bilac (Academia Brasileira de Letras). Obras poéticas: *Quinze poemas* (1956), *Alados idílios* (1958), *Caprichoso desacerto* (1965), *Poesia lembrada* (1971), *Menino deitado em alfa* (1978), *Veneza de vista e ouvido* (1986), *Brio* (1996).

Aquerôntico

É de noite que os mortos voltam
em sua barca de papel
a roçar a porta do sono
em que inermes escurecemos
mais um dia – pulmão de chama
contraindo a luz da manhã!

É de noite pela amurada
que vêm se debruçar conosco
e indulgem – apenas sorriem
sem qualquer resguardo, sem ênfase –
em ir e vir, em ter partido.
Impressões de viagem? Alheias
Como a do perfil de uma dracma.

Remiram-nos maliciosos
pensos de ternura se quedam

em sua fosca primavera,
atrás de embaciados acenos,
pacientes, à nossa espera.

(Transcrito da *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna*,
vol. 2, org. Manuel Bandeira e Waldir Ayala, p. 210)

LEONARDO FRÓES

(Itaperuna, RJ, 1941)

Leonardo Fróes escreve um tipo de poema em prosa que Ivan Junqueira chamou de “poema em fábula”. É também jornalista (foi redator de *O Globo*, do *Jornal do Brasil* e da *Encyclopaedia Britannica*) e traduziu, entre outros, Faulkner, Shelley, Malcolm Lowry, George Eliot e D. H. Lawrence. Obras poéticas: *Língua franca* (1968), *A vida em comum* (1969), *Esqueci de avisar que estou vivo* (1973), *Anjo tigrado* (1975), *Sibilitz* (1981), *Assim/Missa* (1986), *Argumentos invistíveis* (1995, Prêmio Jabuti de Poesia /1996), *Vertigens* (1998, poesia reunida).

Introdução à arte das montanhas

Um animal passeia nas montanhas.
Arranha a cara nos espinhos do mato, perde o fôlego
mas não desiste de chegar ao ponto mais alto.
De tanto andar fazendo esforço se torna
um organismo em movimento reagindo a passadas,
e só. Não sente fome nem saudade nem sede,
confia apenas nos instintos que o destino conduz.
Puxado sempre para cima, o animal é um ímã,
numa escala de formiga, que as montanhas atraem.
Conhece alguma liberdade, quando chega ao cume.
Sente-se disperso entre as nuvens,
acha que reconheceu seus limites. Mas não sabe,
ainda, que agora tem de aprender a descer.

(Transcrito de *Vertigens*, p. 243)

MÁRIO FAUSTINO

(*Teresina, PI, 1930 – Cerro de la Cruz, PERU, 1962*)

Entre 1956 e 1959, Mário Faustino dirigiu, no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, a página “Poesia-Experiência”, que tinha como principal objetivo o conhecimento/divulgação da poesia (a contemporânea, especialmente a de caráter renovador, e a de todos os tempos). Sobre o poema que dá título a *O homem e sua hora* (1955), único livro que o poeta publicou em vida, Benedito Nunes diz: “(...) o autor expõe nesse poema, em termos culturais e históricos, o conflito ético que aflige e tumultua o destino do homem. A origem de tal conflito reside, de acordo com o poeta, no antagonismo entre as duas concepções do mundo que convergiram na formação da cultura e da espiritualidade do Ocidente: de um lado, a herança pagã, órfica, conjugando o dionisíaco e o apolíneo, e, de outro, a herança cristã, hebraica, que principia com o temor de Deus, inspira a mortificação da carne e acena com a bem-aventurança”. O volume *Poesia completa/poesia traduzida de Mário Faustino*, de 1985, tem introdução, organização e notas de Benedito Nunes.

Balada

(Em memória de um poeta suicida)

Não conseguiu firmar o nobre pacto
 Entre o cosmos sangrento e a alma pura.
 Porém, não se dobrou perante o facto
 Da vitória do caos sobre a vontade
 Augusta de ordenar a criatura
 Ao menos: luz ao sul da tempestade.
 Gladiador defunto mais intacto
 (Tanta violência, mas tanta ternura)

Jogou-se contra um mar de sofrimentos
Não para pôr-lhes fim, Hamlet, e sim
Para afirmar-se além de seus tormentos
De monstros cegos contra um só delfim,
Frágil porém vidente, morto ao som
De vagas de verdade e de loucura.
Bateu-se delicado e fino, com
Tanta violência, mas tanta ternura!

Cruel foi teu triunfo, torpe mar.
Celebrara-te tanto, te adorava
Do fundo atroz à superfície, altar
De seus deuses solares – tanto amava
Teu dorso cavalgado de tortura!
Com que fervor enfim te penetrou
No mergulho fatal com que mostrou
Tanta violência, mas tanta ternura!

Envoi

Senhor, que perdão tem o meu amigo
Por tão clara aventura, mas tão dura?
Não está mais comigo. Nem conTigo:
Tanta violência. Mas tanta ternura.

(Transcrito de *Poesia completa/poesia traduzida*
de Mário Faustino, pp. 115 – 116)

MARLY DE OLIVEIRA

(Cachoeiro do Itapemirim, ES, 1935)

No prefácio da *Antologia poética* (1997) de Marly de Oliveira, João Cabral de Melo Neto afirma: “Antes de conhecer pessoalmente Marly de Oliveira conheci sua poesia. Mesmo sendo de outra geração eu a registrei, em primeiro lugar pela materialidade da linguagem, pela capacidade de objetivação (...). Em segundo lugar, pela capacidade de construir, tanto o poema longo como o poema curto, sempre mantendo alto nível intelectual”. Marly de Oliveira ensinou literatura hispano-americana na PUC do Rio de Janeiro. Foi casada com João Cabral de Melo Neto. Obras poéticas: *Cerco da primavera* (1957), *Explicação de narciso* (1960), *A suave pantera* (1962, Prêmio Olavo Bilac/ABL), *A vida natural* (1964), *O sangue na veia* (1967), *Contato* (1975), *Invocação de Orfeu* (1979), *Aliança* (1979), *A força da paixão* (1984), *A incerteza das coisas* (1984), *Retrato* (1986), *O banquete* (1988), *O deserto jardim* (1990), *O mar de permeio* (1997), *Antologia poética* (1997).

Epigrama

Bom é ser árvore, vento,
sua grandeza inconsciente;
e não pensar, não temer,
ser, apenas: altamente.

Permanecer uno e sempre
só e alheio à própria sorte,
com o mesmo rosto tranqüilo
diante da vida ou da morte.

MOACYR FÉLIX

(Rio de Janeiro, RJ, 1926)

Moacyr Félix é um poeta participante, preocupado com a transformação social. De 1950 a 1953, fez Filosofia na Sorbonne. Foi diretor da *Revista da Civilização Brasileira* e da revista *Paz e Terra*. Três volumes da série “Violões de rua”, produzida para o CPC (UNE) em 1962 e 1963, foram organizados e prefaciados por ele. É editor-adjunto da revista *Poesia sempre* (Fundação Biblioteca Nacional). Obras poéticas: *Cubo de trevas* (1948), *Lenda e areia* (1950), *Itinerário de uma tarde* (1953), *O pão e o vinho* (1959), *Canto para as transformações do homem* (1964), *Um poeta na cidade e no tempo* (1966), *Canção do exílio aqui* (1977), *Neste lençol* (1977/1992), *Invenção de crença e descrença* (1978), *Em nome da vida* (1981), *Antologia poética* (1993), *Singular plural* (1998), *Introdução a escambros* (1999).

Canto para as transformações do homem

a Ênio Silveira,
M. Cavalcanti Proença,
Moacyr Werneck de Castro e
Miguel Arraes de Alencar

*A todos os que sonham e trabalham por um mundo melhor,
libertado dos obscurantismos e dos dogmas, do apodrecimento da
própria existência pela miséria física e da perda dos valores dos
humanismos pela miséria moral.*

INICIAÇÃO

– Meu pai, o que é a liberdade?

– É o seu rosto, meu filho,
o seu jeito de indagar

o mundo a pedir guarida
no brilho do seu olhar.
A liberdade, meu filho,
é o próprio rosto da vida
que a vida quis desvendar.
É sua irmã numa escada
iniciada há milênios
em direção ao amor,
seu corpo feito de nuvens
carne, sal, desejo, cálcio
e fundamentos de dor.
A liberdade, meu filho,
é o próprio rosto do amor.

– Meu pai, o que é a liberdade?

A mão limpa, o copo d'água
na mesa qual num altar
aberto ao homem que passa
com o vento verde do mar.
É o ato simples de amar
o amigo, o vinho, o silêncio
da mulher olhando a tarde
– laranja cortada ao meio,
tremor de barco que parte,
esto de crina sem freio.

– Meu pai, o que é a liberdade?

É um homem morto na cruz
por ele próprio plantada,
é a luz que sua morte expande
pontuda como uma espada.

É Cuauhtemoc a criar
sobre o braseiro que o mata
uma rosa de ouro e prata
para a altivez mexicana.
São quatro cavalos brancos
quatro bússolas de sangue
na praça de Vila Rica
e mais Felipe dos Santos
de pé a cuspir nos mantos
do medo que a morte indica.
É a blusa aberta do povo
bandeira branca atirada
jardim de estrelas de sangue
do céu de maio tombadas
dentro da noite goyesca.
É a guilhotina madura
cortando o espanto e o terror
sem cortar a luz e o canto
de uma lágrima de amor.
É a branca barba de Karl
a se misturar com a neve
de Londres fria e sem lã,
seu coração sobre as fábricas
qual gigantesca maçã.
É Van Gogh e sua tortura
de viver num quarto em Arles
com o sol preso em sua pintura.
É o longo verso de Whitman
fornalha descomunal
cozendo o barro da Terra
para o tempo industrial.
É Federico em Granada.
É o homem morto na cruz

por ele próprio plantada
e a luz que sua morte expande
pontuada como uma espada.

– Meu pai, o que é a liberdade?

A liberdade, meu filho,
é coisa louca que assusta:
visão terrível (que luta!)
de vida contra o destino
traçado de ponta a ponta
como já contada conta
pelo som dos altos sinos.
É o homem amigo da morte
por querer demais a vida
– a vida nunca podrida.
É o sonho findo em desgraça
desta alma que, combalida,
deixou suas penas de graça
na grade em que foi ferida...
A liberdade, meu filho,
é a realidade do fogo
do meu rosto quando eu ardo
na imensa noite a buscar
a luz que pede guarida
nas trevas do meu olhar.

ENREDO

I

Onde se destrói o mundo em que vivo
aí estou.

Onde há destruição, aí se define o meu caminho.
Onde os deuses se desmoronam é que apareço
sem rosto
atrás de suas formas feitas de noite e de medo.
Onde se morre, onde se nasce.
Onde se morre é que eu renasço.

– *Stirb und werde!*

– “Morre e transmuda-te!”

Esta não é, meu velho Goethe, a verdade das verdades, a ignorada
pelos que são apenas
“um hóspede triste sobre a escura terra”?!
A morte e o fogo e a humilhação e o ódio
em vida e verde serão transformados.

II

Depois de silenciar o vozerio das cores
nas coisas cinzas que não dizem mais
do olhar humano que as fizera humanas,
a chama desce, e em rodopios tontos
retorna ao calor íntimo da terra,
ao berço rubro, à causa que realiza
este mistério grande de existir
o peixe e a estrela, o movimento e a cor
e o som do homem a se querer de amor.
Medo e humilhação e ódio
assim alimentados serão devolvidos.

III

Medo e humilhação e ódio
devem ser devolvidos:
infenso ao homem é guardá-los em sua alma

receptáculo de coisas maiores
 (como as águas da lua a perlar a noite
 num rosto de criança que dorme
 ou numa anca macia de mulher nua).
 Por que emudeceu a voz mais alta de minha infância?
 Que ternura imunda rouba
 a fala do mar dos pés de uma criança?
 Que nos faz sobreviver, adultos
 somente em medo e humilhação e ódio?
 Querer-me novo é querer-me mais que morto
 em mim ou nesta existência que me olha.
 É querer-me outro que não este em que me instalaram.
 É não parar, não querer parar os eixos
 desta roda de luz
 – plural de eternidades
 a dissolver o bronze entre os escombros do que eu era.
 Nesta banda podre do tempo
 a água não inventa rios
 nem ouve os cantos do mar.
 Nesta escarpa onde habitam os dourados senhores do sul
 ninguém nasce, ninguém agoniza mais de uma vez.
 Aqui o sangue se enclausura
 numa ordem arrumada como a das geladeiras.
 E não sabe mais a ciência do orvalho numa alegria de flor.
 Aqui a morte interrompe apenas o esforço de durar.
 Aqui
 medo e humilhação e ódio
 não devem ser recebidos.
 Muitas vezes esta é a única forma concreta de amar
 aqui.

IV

Quando ensolarada pelas raízes do fogo, a vida

é o coração ligado ao velocíssimo novelo das galáxias
e na fúria de uma lágrima, senhores, ou no desejo
de todo amor que se descobre
fogo e movimento e transformação,
eu poderia doar-vos o acontecimento ilimitado,
o reinado da ordem e do caos anteriores a todos os deuses.

Porém a treva, a treva deste mundo em que eu escuto
estilhaçar-se a vida em seu cristal escuro,
a treva
só me permite em vossas mãos (e nas minhas)
apenas com esses parques cacos de mim próprio...

Os vossos mitos são fortes, senhores, muito fortes.

V

Nos álbuns de família quem ganha e perde
és tu, sombra de Heráclito,
a transformar em chuva o sol em nossos rios.

Nos álbuns de família com brasões, a sepultura ideal
dos que já morreram
tantas vezes
quantas as que se deixaram fotografar
singulares
sobre uma data, uma conquista ou uma verdade
que pensaram imóveis.
Se o camponês não possui máquinas
fotográficas
para re-saltar o instante de sua morte como servo,
que família imóvel é essa que se quer sagrada?
Ignora ela a vazia tristeza dos seus domingos,
quando os cupins também a devoram ao lado da Casa Grande?
Nos álbuns de família, qual a vida que está neles?

VII

Assim como defende
a perfeição da flor
acabada
e em si mesma fechada,
o poeta não defende
até hoje governo algum:

seu lado é o lado do povo
sempre e sempre roubado
por mil, por cem ou por um.

O pelego se untou
nas banhas do negociata
e engordou engordou
tanto
que a sua barriga tão grande
esmagou

a menina do povo
que vinha com a flor,
que vinha com a flor.

O poeta defende
o direito de andar

até o outro lado da vida
em que o homem é o seu avesso
o chão de seu próprio mar
e a verdade a rosa nua
solta na praia e na rua
como um convite a bailar.

O poeta defende
o direito de amar.

VIII

Do princípio e do fim das horas que o dinheiro envilece
foi então que chegaram os matadores de pássaros,
os que invadiram a minha ilimitada gaiola de ossos
e arrastaram de lá o poeta
para os depósitos de preços ou de presos.

A roda dos olhos quebrada ou o acanalhamento.
O mundo, ou o interior do exterior, tinha que ser quebrado
alguma coisa, a vida, tinha que ser quebrada
já que os homens inteiros estavam ainda no ventre
dos que reivindicavam uma história nova
nos campos e nas fábricas.
Ou no pensamento daqueles que sabiam escutar, mas
com um punhal na cintura,
o abraço das coisas e dos seres.

De re-partição em re-partição a poesia
comprimiu o poeta no coração de uma bala.

IX

Segregada pelos amiantos do medo nos comutadores
e nos lustres, a luz
despe-se de todo berro e toda flama,
enquanto no morno ritual da sala
a saltar de colarinhos e colares
a palavra do homem assassina o homem: repetição de quando
o sílex, afiado, trazia a morte para as suas carótidas.

Os antigos, porém, desconheciam os terríveis cortejos
a enterrar na tarde movida pela fala inglesa
a mudez de um Cristo sempre de madeira
e a histórica possibilidade de liberdade na existência.
E não gelavam o sangue da palavra injustiça
em fáceis copos de uísque.

Nem mediam também a construção do homem pelo número de
[suas latrinas:
sabiam eles, os antigos, pelo menos a diferença
entre o conforto das jaulas e o fogo aceso no topo das montanhas.
Mais alto do que eles, o coração do povo tem que saber isso!
Mais alto do que eles, o carvão que faz a noite
vestir a chama do silêncio em chamas

escreve

na estupidez moderna destes nossos muros
indicações escritas pelo sol nos mapas do futuro.

X

O homem, os homens
são vitórias da morte a circular as vidas
ou sombras opacas de uma Vida
em que esse anti-salto, a morte
não existe e nem nunca existiu
a não ser em seu não-ser de ser
desvão ao lado de desvão na ponte?

Se os cães falassem, ah, como ririam
(em frente ao sol)

dos nossos medrosos altares.

CONCLUSÃO

É inútil querer parar o Homem,

o que transforma a pedra em piso,
o piso em casa e a casa em fonte
de novas músicas da carne
sob as velocidades da luz e da sombra.
É inútil querer parar o Homem
a colher sempre um pouco de si próprio
no mistério da vida a cavalgar
os cavalos aéreos da semântica
sob uma indeferida eternidade.
É inútil querer parar o Homem
e o impulso que o transforma sempre
na pátria sem fim do ato livre
que arranca a vida e o tempo e as coisas
do espelho imóvel dos conceitos.
Ah, que mistério maior é este
que liga a liberdade e o homem
e une o homem a outros homens
como o curso de um rio ao mar!
(Quando a noite é una e indivisível,
nos olhos da mulher que eu amo
acende-se o deus deste segredo
– e uma sombra só nos transporta
ao fundo sem nome da vida.)

É inútil querer parar o Homem.
Do que morre fica o gesto alto
a ser o germe de outro gesto
que ainda nem vemos no tempo.
Isto as crianças nos lembram
quando rodam em nossas portas
os ossos do dia que foi nosso
e agora são os eixos do pedalar
nas bicicletas com que os deuses
as vão levando para outros dias

do acaso, do desejo e do fazer
em que não seremos mais, eternamente.

É inútil querer parar o Homem
e o seu sonho a dar longas voltas
ou a inventar estradas no cárcere,
o seu sonho mais essencial
a destruir e a enferrujar
metais de qualquer ditadura.

É inútil querer parar o Homem
e o seu sonho, o mais de flor,
de apagar dos lábios da terra
o ricto do medo que estica
no céu de aço a bomba atômica;
o seu sonho, que é o seu movimento
onde a razão dança mais bela,
de ver no armário dos museus
o manual oco e sem asas
que aprisiona o corpo e o sexo
em desrazões dadas na infância
e os livros de Deve & Haver
dos poderosos de Manhattan
comerciando Deus e o mundo.

É inútil querer parar o Homem
e o seu sonho de enterrar
sob o verde passo de uma história livre
os dogmas do stalinismo
grudado como esparadrapo
sobre a boca múltipla da vida
(e a subdesenvolvida farda
dos tiranos que bebem o uísque
pago com o sangue de sua pátria).
É inútil querer parar o Homem:
em tudo que de amor cantar

o seu sonho caminhará
a encaminhá-lo na direção dele próprio
inteirado quando historicamente liberto
do econômico em que ora o algemam.
É inútil querer parar o Homem,
o que transforma a pedra em piso,
o piso em casa e a casa em fonte
de novas músicas de carne.
A andar em formas de palavras
sob os arvoredos da vida
o sonho do Homem caminhará
do pensamento para as mãos
e das mãos para o pensamento,
noite e dia caminhará.
Até tornar as mãos em pássaros
livres, inteiramente livres, para amar
o azul ou as várias almas do céu
dentro do Homem que se movimenta
na liberdade, no amor e no desejo
em que a si próprio inventa.

(Transcrito de *Singular plural*, pp. 36 – 50)

NEIDE ARCHANJO
(São Paulo, SP, 1940)

Neide Archanjo ganhou, em 1980, o prêmio de poesia da Associação Paulista dos Críticos de Arte e foi indicada, em 1995, para o Prêmio Jabuti. Editora-adjunta da revista *Poesia sempre* (Fundação Biblioteca Nacional). Obras poéticas: *Primeiros ofícios da memória* (1964), *O poeta itinerante* (1968), *Poesia na praça* (1970), *Quixote tango e foxtrote* (1975), *Escavações* (1980), *As marinhas* (1984), *Poesia – 1964 a 1984* (1987), *Tudo é sempre agora* (1994, indicado para o Prêmio Jabuti), *Pequeno oratório do poeta para o anjo* (1997 – os poemas deste livro, recitados por Maria Bethânia, estão em CD).

Ilhas idílicas
(fragmento)

E
estando
me
faltas.

(Transcrito de *As marinhas*, p. 121)

ORIDES FONTELA

(*São João da Boa Vista, SP, 1940 – Campos do Jordão, SP, 1998*)

Segundo Marilena Chauí, a poesia de Orides Fontela “não é metafísica – como querem alguns. Não é feminismo – como imaginam outros. Não é filosofia nem tomada de partido. É palavra pensante e pensamento falante”. Orides fez Filosofia na USP. Obras poéticas: *Transposição* (1969), *Helianto* (1973), *Alba* (1983), *Rosácea* (1986), *Trevo* (poesia reunida de 1969-1988), *Teia* (1996).

Axiomas

Sempre é melhor
saber
que não saber.

Sempre é melhor
sofrer
que não sofrer.

Sempre é melhor
desfazer
que tecer.

Sem mão
não acorda
a pedra

sem língua
não ascende
o canto

sem olho
não existe
o sol.

(Transcrito de *Teia*, pp. 26 – 27)

PAULO LEMINSKI
(Curitiba, PR, 1944 – 1989)

Paulo Leminski é um dos principais nomes da poesia brasileira contemporânea. Morreu cedo, mas deixou uma obra – poesia, ficção, ensaio e tradução – de muito valor. Fred Góes e Álvaro Marins observam que “um aspecto marcante na obra poética de Paulo Leminski é o esmero com que o autor trabalha o poema enquanto mancha gráfica, a atenção que dispensa à palavra enquanto elemento significativo e à letra enquanto corpo tipográfico variante em sua carga comunicativa. Este cuidado do autor tanto pode ser atribuído à sua afinidade com a produção da poesia concreta quanto à sua vivência de publicitário”. Obras poéticas: *40 clics* (1979, com o fotógrafo Jack Pires), *Caprichos & relaxos* (1983), *Distraídos venceremos* (1987), *La vie en close* (1991). Uma grande referência na produção de Leminski é o volume *Catatau* (primeira edição de 1975), de prosa experimental.

nuvens brancas
passam
em brancas nuvens

(Transcrito de *Caprichos & relaxos*, p. 86)

ROBERTO PIVA
(São Paulo, SP, 1937)

Roberto Piva diz que a sua vida e a sua poesia têm sido “uma permanente insurrei-
ção contra todas as Ordens”. Diz também que é “uma sensibilidade antiautoritária
atuante”. E provoca: “Só acredito em poeta experimental que tenha vida experi-
mental. Não tenho nenhum patrono no ‘Posto’, nem leões-de-chácara & guarda-
costas literários nas redações de jornais & revistas. Nada mais provinciano do que
os clubinhos fechados da poesia brasileira, com seus autores-burocratas tentando
restaurar a Ordem & cagando Regras que o futurismo, dadaísmo, surrealismo &
modernismo já se encarregaram de destruir”. Obras poéticas: *Paranóia* (1963),
Piazzas (1964), *Abra os olhos & diga Ah* (1976), *Coxas* (1979), *20 poemas com bró-
coli* (1981), *Quizumba* (1983), *Antologia poética* (1985).

abandonar tudo. conhecer praias. amores novos.
poesia em cascatas floridas com aranhas
azuladas nas samambaias.
todo trabalhador é escravo. toda autoridade
é cômica. fazer da anarquia um
método & modo de vida. estradas.
bocas perfumadas. cervejas tomadas
nos acampamentos. Sonhar Alto.

(Transcrito de *Antologia poética*, p. 74)

para nunca mais
E é para sempre
este exílio.

(Transcrito de *Poesia reunida e inéditos*, p. 216)

SEBASTIÃO UCHOA LEITE

(Timbaúba, PE, 1935)

Para Sebastião Uchoa, a origem da criação poética está na “imitação”. O poeta desenvolve “formas preexistentes” ou parte “para uma ruptura”. A sua poesia tem feito “a crítica do discurso poético, a crítica do discurso político”; aborda ainda “os limites entre a ficção e o real, paralelamente acompanhados por uma espécie de metapoética progressiva que recusa o vitalismo, afirma a desimportância do discurso poético e as dificuldades desse discurso ter um sentido e um lugar dentro do discurso social em geral”. Uchoa já traduziu, entre outros, Stendhal, Lewis Carrol, Julio Cortázar, François Villon e Octavio Paz. Obras poéticas: *Dez sonetos sem matéria* (1960), *Antilogia* (1979), *Isso não é aquilo* (1982), *Obra em dobras* (1989, poesia reunida), *A uma incógnita* (1991), *A ficção vida* (1993).

Metassombro

eu não sou eu
 nem o meu reflexo
 especulo-me na meia sombra
 que é meta de claridade
 distorço-me de intermédio
 estou fora de foco
 atrás de minha voz
 perdi todo o discurso
 minha língua é ofídica
 minha figura é a elipse

(Transcrito de *Obra em dobras*, p. 132)

SÉRGIO DE CASTRO PINTO

(*João Pessoa, PB, 1947*)

Sérgio de Castro Pinto foi editor do *Correio das artes* (suplemento literário do jornal *A união*, de João Pessoa) de 1981 a 1986 e de 1992 a 1997. É professor do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba. Em seus poemas, conforme Hildeberto Barbosa Filho, “se cristalizam um vocabulário limpo, um verso elíptico e uma economia verbal que dispensa floreios líricos e excessos afetivos. Como João Cabral, o poeta intenta a desmistificação de uma simbologia estabelecida pela tradição poética de linguagem harmônica e melódica, antepondo-lhe a sua particular antiode e antilira”. A poesia de Sérgio foi objeto da tese de doutorado *Signo e imagem em Castro Pinto* (1995), de João Batista B. de Brito. Em 2000, Sérgio publicou o ensaio *Longe daqui, aqui mesmo – a poética de Mário Quintana* pela UNISINOS (São Leopoldo/RS). Obras poéticas: *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito* (1983), *O cerco da memória* (1993).

camões / lampião

- 1 – camões ao habitar-se
no olho cego
sentia-se íntimo,
mais interno
que o habitar-se
no olho aberto.

- 2 – lampião ao habitar-se
nos dois olhos
a eles dividia:
o olho aberto matava
e o outro se arrependia.

3 – camões ao habitar-se
no olho cego
polia as palavras
e usava-as absorto
como se apalpassse
e possuísse o próprio corpo.

4 – lampião ao habitar-se
no olho cego
chorava os mortos
do seu interno
mas o olho aberto
era casto
e via no matar
um gesto beato.

5 – camões ao habitar-se
no olho aberto
via-se todo ao inverso,
(pelo lado de fora),
mas rápido se devolia
e fechava o olho aberto
pra ser total a miopia.

6 – lampião ao habitar-se
no olho murcho
via o olho aberto
estrábico e rústico
e compreendia
o olho aberto
mais murcho
que o olho cego.

- 7 – camões ao habitar-se
no olho murcho
via o mundo claro
dentro do escuro
e o olho aberto
era inútil
ao habitar-se
no olho murcho.
- 8 – lampião
atrás dos óculos
sentia-se acrescido, somado
e era mais lampião
naqueles óculos de aro.
- 9 – os óculos
lhes eram binóculos
íntimos sobre a miopia
e quando os óculos tirava
lâmpião se decrescia:
o olho cego somava
e o aberto diminuía.
- 10 – camões molhava a pena
como se no tinteiro
molhasse o olho cego
e tateando, cuidadoso
saía do seu interno.
- 11 – (no tinteiro as palavras
em forma líquida
juntam-se uma a uma
à retina, à pupila.)

12 – camões
escrevia com o olho cego
por senti-lo mais seu
que o olho aberto
e por poder o olho cego
infiltrar-se, ir mais dentro
e externar o seu inverso.

(Transcrito de *A ilha na ostra*)

THIAGO DE MELLO
(Barreirinha, AM, 1926)

Poeta “denso e aluvial”, como disse Manuel Bandeira, Thiago de Mello tem uma preocupação constante com a liberdade/emancipação do homem. É membro da Academia Amazonense de Letras. Principais obras poéticas: *Coração de terra* (1947), *Silêncio e palavra* (1951), *Narciso cego* (1952), *A lenda da rosa* (1956), *Vento geral* (1960), *Madrugada camponesa* (1962), *Faz escuro mas eu canto: a canção do amor armado* (1966, antologia), *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975), *Os Estatutos do Homem* (1977), *Mormaço na floresta* (1981), *Horóscopo para os que estão vivos* (1982), *Vento geral* (1984, poesia de 1951 a 1981), *Num campo de margaridas* (1986), *De uma vez por todas* (verso e prosa) (1996), *Campo de milagres* (1998).

Os Estatutos do Homem

- Artigo I. Fica decretado que agora vale a verdade,
que agora vale a vida,
e que de mãos dadas,
trabalharemos todos pela vida verdadeira.
- Artigo II. Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.
- Artigo III. Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

- Artigo IV. Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.
- Parágrafo único: O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.
- Artigo V. Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa..
- Artigo VI. Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de
[aurora.
- Artigo VII. Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.
- Artigo VIII. Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre

não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX. Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

Artigo X. Fica permitido a qualquer pessoa,
a qualquer hora da vida,
o uso do traje branco.

Artigo XI. Fica decretado, por definição,
que o homem é um animal que ama
e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII. Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido,
inclusive brincar com os rinocerontes
e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

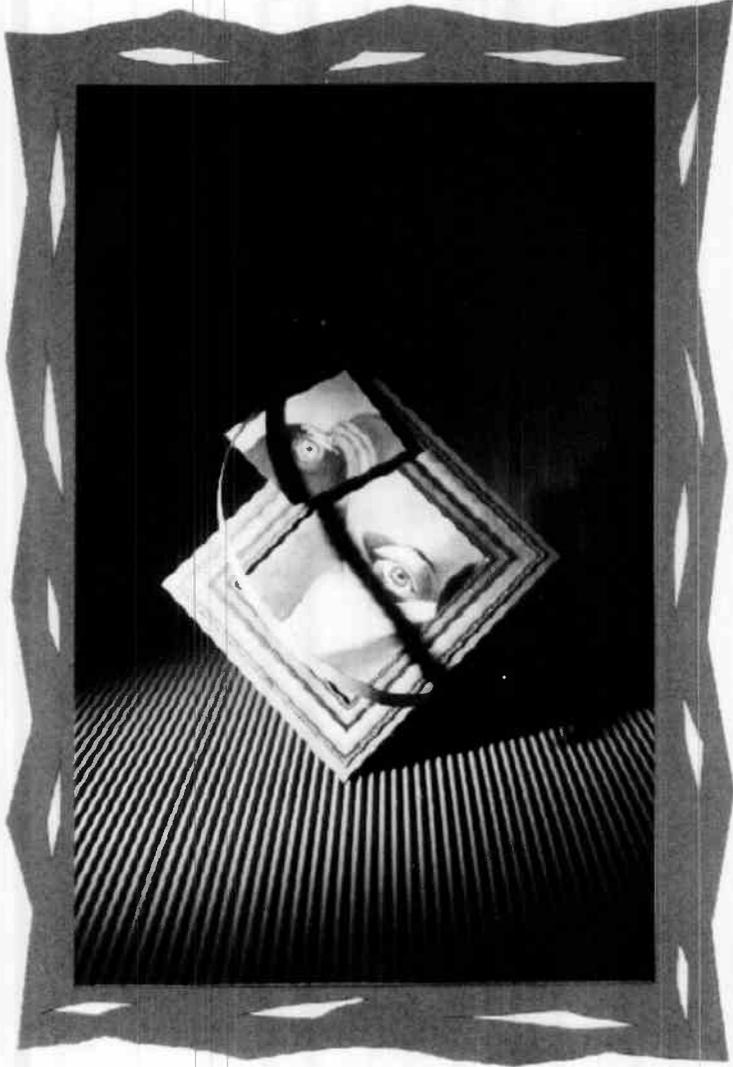
Parágrafo único: Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII. Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada
[fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo final. Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

(Transcrito de *Poetas contemporâneos*,
org. Henrique L. Alves, p. 36)





Poetas Populares

Estão aqui autores de cordel e/ou poetas que dialogam com essa literatura típica do Nordeste.

JOSÉ CAMELO DE MELO RESENDE
(*Guarabira, PB, ? – Rio Tinto, PB, 1964*)

José Camelo foi cantador e carpinteiro. Na década de 20, *O pavão misterioso*, seu folheto mais conhecido, foi reescrito por João Melquíades, fato que gerou uma polêmica acerca do verdadeiro autor da história. Já ficou comprovado, porém, que *O pavão...* é mesmo de José Camelo, autor ainda de *A afilhada do Pe. Cícero*, *Aprígio Coutinho e Neusa*, *As grandes aventuras de Armando e Rosa conhecidos por Côco Verde e Melancia*, *Entre o amor e a espada*, *História de Joãozinho e Mariquinha*, *História do bom pai e o mau filho ou Juvenal e Lília*, *Pedrinho e Julinha*, *As 7 classes ruins*, entre outros. A Editora Luzeiro, de São Paulo, reeditou em 1980 *O pavão misterioso*, na Coleção Luzeiro de Literatura de Cordel.

O pavão misterioso
(fragmento)

Creusa disse: – Estou pronta,
Já podemos ir embora!
E subiram pela corda,
Até que saíram fora.
Se aproximava a alvorada,
Pela cortina da aurora.

Com pouco, o conde acordou,
Viu a corda pendurada
Na coberta do sobrado.
Distinguiu uma zoadá
E as lâmpadas do aparelho
Mostrando luz variada.

E a gaita do pavão
Tocando com rouca voz.
O monstro de olhos de fogo
Projetando seus faróis,
O conde mandando praga,
Disse a moça: – É contra nós!

Os soldados da patrulha
Estavam de prontidão,
Disseram: – Vem ver, Fulano!
Lá vai passando o pavão!
O monstro fez uma curva
Para tomar a direção.

Então dizia um soldado:
– Orgulho é uma ilusão!
Um pai governa a filha,
Sem mandar no coração –
E agora a condessinha
Vai fugindo no pavão!

O conde olhou para a corda,
Viu o buraco no telhado.
Como tinha sido vencido
Pelo rapaz atilado,
Adoeceu só de raiva,
Morreu por não ser vingado.

Logo que Evangelista
Foi chegando na Turquia
Com a condessa da Grécia,
Fidalga da monarquia,
Em casa de João Batista
Casou-se no mesmo dia.

Em casa de João Batista
Deu-se o grande ajuntamento,
Dando viva aos noivados,
Parabéns do casamento.
À noite teve retreta,
Com visita e cumprimento.

Enquanto Evangelista
Gozava imensa alegria,
Chegava um telegrama
Da Grécia para a Turquia,
Chamando a condessa Creusa
Pelo motivo que havia.

Dizia o telegrama:
Creusa, vem com teu marido
Receber a tua herança:
O conde é falecido.
Tua mãe deseja ver
O genro reconhecido.

A condessa estava lendo,
Com o telegrama na mão.
Entregou a Evangelista
Que mostrou a seu irmão,
Dizendo: — Vamos voltar
Por uma justa razão.

De manhã, quando os noivos
Acabaram de almoçar,
E Creusa em trajes de noiva
Pronta para viajar,
De palma, véu e capela
Pois só vieram casar.

Diziam os convidados:
– A condessa é tão mocinha,
Mas, vestida como noiva,
Tornou-se mais bonitinha!
Está com um buquê de flor,
Séria como uma rainha!

Os noivos tomaram assento
No pavão de alumínio
E o monstro levantou-se,
Foi ficando pequenino –
Continuou o seu vôo
No rumo de seu destino.

Na cidade de Atenas
Estava a população
Esperando pela volta
Do aeroplano-pavão,
Ou cavalo do espaço
Que imita o avião.

Na tarde do mesmo dia
Que o pavão foi chegado,
Em casa de Edmundo
Ficou o moço hospedado,
Seu amigo de confiança
Que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creusa
Já esperava vexada.
A filha mais tarde entrou,
Muito bem acompanhada,
De braços com o seu noivo
Disse: – Mãe, estou casada!

Disse a velha: – Minha filha,
Saíste do cativoiro!
Fizeste bem em fugir
E casar no estrangeiro!
Tomem conta da herança –
Meu genro é meu herdeiro!

J ustiça, só a de Deus,
O juiz que já não era,
S enhor que, do Céu pra Terra,
E stende os poderes seus!
C omo somos pigmeus,
A Ele não enxergamos,
M as, contudo, precisamos
E naltecer Sua luz,
L embrados que, com Jesus,
O Satanás afastamos!

(Transcrito de *O pavão misterioso*, pp. 28 – 31)

JOSÉ PACHECO

(*Correntes, PE, ? – Maceió, AL, 1954*)

José Pacheco trabalhou em feiras vendendo os seus folhetos e gêneros alimentícios. A aventura, a coragem, o mistério, a crítica social, as “pelejas”, estão presentes nas suas composições (como, de resto, nas de muitos poetas populares). Já dá para notar o caráter jocoso de sua literatura em alguns dos títulos dos seus folhetos: *O aparecimento do Pe. Cícero a uma Beata Santa, Dois glosadores Barra-Mansa e Torce-Bola, A festa dos cachorros, Grande debate que teve Lampião com São Pedro, Grinaura e Sebastião, História do caçador que foi ao inferno, Intriga do cachorro e o gato, Os mamadores da Negra dum Peito Só, A mulher no lugar do homem, As palhaçadas do caboclo na hora da confissão, Peleja de João Ataíde com José Pacheco, Peleja de Vicente Sabiá com Antônio Coqueiro, O prazer do rico e o sofrimento do pobre, A princesa Rosa Munda ou a morte do Gigante, Propaganda do matuto com o balaio de maxixe, Os sofrimentos de N. S. Jesus Cristo*. A Editora Luzeiro, de São Paulo, em sua Coleção Luzeiro de Literatura de Cordel, reeditou há alguns anos *A chegada de Lampião no inferno*.

A chegada de Lampião no inferno

Um cabra de Lampião,
 Por nome Pilão-Deitado,
 Que morreu numa trincheira
 Um certo tempo passado,
 Agora pelo sertão
 Anda correndo visão,
 Fazendo mal assombrado.

E foi quem trouxe a notícia
 Que viu Lampião chegar.
 O Inferno, nesse dia,

Faltou pouco pra virar –
Incendiou-se o mercado,
Morreu tanto cão queimado,
Que faz pena até contar!

Morreu a mãe de Canguinha,
O pai de Forrobodó,
Cem netos de Parafuso,
Um cão chamado Cotó.
Escapuliu Boca-Insossa
E uma moleca moça
Quase queimava o totó.

Morreram cem negros velhos
Que não trabalhavam mais,
Um cão chamado Traz-Cá,
Vira-Volta e Capataz,
Tromba-Suja e Bigodeira,
Um cão chamado Goteira,
Cunhado de Satanás.

Vamos tratar na chegada,
Quando Lampião bateu.
Um moleque ainda moço
No portão apareceu:
– Quem é você, cavalheiro?
– Moleque, sou cangaceiro!
Lampião lhe respondeu.

– Moleque, não! Sou vigia!
E não sou seu parceiro –
E você aqui não entra,
Sem dizer quem é primeiro!

– Moleque, abra o portão!
Saiba que sou Lampião,
Assombro do mundo inteiro!

Então, esse tal vigia,
Que trabalha no portão,
Dá pisa que voa cinza,
Não procura distinção!
O negro escreveu não leu,
A macaíba comeu –
Ali não se usa perdão!

O vigia disse assim:
– Fique fora, que eu entro.
Vou conversar com o chefe,
No gabinete do centro –
Por certo ele não lhe quer,
Mas, conforme o que disser,
Eu levo o senhor pra dentro.

Lampião disse: – Vá logo,
Quem conversa perde hora –
Vá depressa e volte logo,
Eu quero pouca demora!
Se não me derem o ingresso,
Eu viro tudo às avesso,
Toco fogo e vou embora!

O vigia foi e disse
A Satanás, no salão:
– Saiba Vossa Senhoria
Que aí chegou Lampião,
Dizendo que quer entrar –

E eu vim lhe perguntar
Se dou-lhe o ingresso, ou não.

– Não senhor! Satanás disse.
Vá dizer que vá embora!
Só me chega gente ruim,
Eu ando muito caipora –
Eu já estou com vontade
De botar mais da metade
Dos que tenho aqui pôr fora!

Lampião é um bandido,
Ladrão da honestidade:
Só vem desmoralizar
A nossa propriedade –
E eu não vou procurar
Sarna para me coçar,
Sem haver necessidade!

Disse o vigia: – Patrão,
A coisa vai se arruinar!
Eu sei que ele se dana,
Quando não puder entrar!
Satanás disse: – Isto é nada!
Convide aí a negrada
E leve os que precisar!

Leve cem dúzias de negros,
Entre homem e mulher;
Vá na loja de ferragem,
Tire as armas que quiser.
É bom avisar também
Pra vir os negros que tem,
Mais compadre Lucifer!

E reuniu-se a negrada:
Primeiro chegou Fuchico,
Com um bacamarte velho,
Gritando por Cão-de-Bico
Que trouxesse o pau da prensa
E fosse chamar Tangença,
Em casa de Maçarico.

E depois chegou Cambota,
Endireitando o boné,
Formigueira e Trupezupé,
E o Crioulo-Queté.
Chegou Bagé e Pecaia,
Rabisca e Cordão-de-Saia,
E foram chamar Banzé.

Veio uma diaba moça,
Com a calçola de meia.
Puxou a vara da cerca,
Dizendo: – A coisa está feia –
Hoje o negócio se dana!
E gritou: – Eta, baiana!
Agora o tipo vadeia!

E saiu a tropa armada
Em direção do terreiro,
Com faca, pistola e facão,
Clavinote, granadeiro.
Uma negra também vinha
Com a trempe da cozinha
E o pau de bater tempero.

Quando Lampião deu fé
Da tropa negra encostada,

Disse: – Só na Abissínia!
Oh, tropa preta danada!
O chefe do batalhão
Gritou, de armas na mão:
– Toca-lhe fogo, negrada!

Nessa voz, ouviu-se os tiros,
Que só pipoca no caco.
Lampião pulava tanto,
Que parecia um macaco!
Tinha um negro nesse meio
Que, durante o tiroteio,
Brigou tomando tabaco.

Acabou-se o tiroteio
Por falta de munição,
Mas o cacete batia,
Negro enrolava no chão.
Pau e pedra que achavam,
Era o que as mãos pegavam,
Sacudiam em Lampião.

– Chega atrás um armamento!
Assim gritava o vigia.
Traz a pá de mexer doce!
Lasca os ganchos de caria!
Traz um bilro de macau!
Corre, vai buscar um pau,
Na cerca da padaria!

Lucifer com Satanás
Vieram olhar, do terraço,
Todos contra Lampião,
De cacete, faca e braço.

O comandante, no grito,
Dizia: – Briga bonito,
Negrada! Chega-lhe o aço!

Lampião pôde apanhar
Uma caveira de boi.
Sacudiu na testa dum,
Ele só fez dizer: – Oi!
Ainda correu dez braços
E caiu, segurando as calças –
Mas eu não sei por que foi!

Estava travada a luta,
Mais de uma hora fazia.
A poeira cobria tudo,
Negro embolava e gemia,
Porém Lampião ferido
Ainda não tinha sido,
Devido à grande energia.

Lampião pegou um seixo
E rebolou-o num cão,
Mas o que arrebentou?
A vidraça do oitão –
Saiu um fogo azulado,
Incendiou o mercado
E o armazém de algodão.

Satanás, com esse incêndio,
Tocou no búzio, chamando.
Correram todos os negros
Que se achavam brigando.
Lampião pegou a olhar –
Não vendo com quem brigar,
Também foi se retirando.

Houve grande prejuízo
No inferno, nesse dia:
Queimou-se todo o dinheiro
Que Satanás possuía,
Queimou-se o livro de pontos,
Perdeu-se vinte mil contos,
Somente em mercadoria.

Reclamava Lucifer:
– Horror maior não precisa!
Os anos ruins de safra,
Agora mais esta pisa –
Se não houver bom inverno,
Tão cedo aqui, no inferno,
Ninguém compra uma camisa!

Leitores, vou terminar,
Tratando de Lampião,
Muito embora que não possa
Vos dar a explicação –
No inferno não ficou,
No céu também não chegou:
Por certo está no sertão!

Quem duvidar desta história,
Pensar que não foi assim,
Quiser zombar do meu sério,
Não acreditando em mim –
Vá comprar papel moderno,
Escreva para o Inferno,
Mande saber de Caim!

MANOEL CAMILO DOS SANTOS

(*Guarabira, PB, 1905 – Campina Grande, PB, 1987*)

Thiers Martins Moreira aponta os temas que normalmente são aproveitados por um poeta popular como Manoel Camilo dos Santos: “Os acontecimentos importantes do Brasil, de países distantes ou da localidade, as estórias tradicionais, os elementos folclóricos, personagens reais ou da ficção e das lendas, todo um mundo de tema, de traços de vida, em que se possa colher um interesse sentimental ou o intrincado de uma ação, ou onde, simplesmente, se possa encontrar matéria para curiosidade do ouvinte, o trovador toma para si”. Da vasta produção de folhetos de cordel de Manoel Camilo dos Santos, destacamos: *Amada nos altos montes, A bela sertaneja, Choro dos nortistas no Rio, O forte paraibano, A moça que dançou com o Diabo cantando Cintura Fina, A rainha das fadas misteriosas, O terror do banditismo, A vida do Pe. Cícero e Viagem a “São Saruê”*.

Viagem a “SÃO SARUÊ”

Doutor mestre pensamento
Me disse um dia: – você
Camilo, vá visitar
O país “SÃO SARUÊ”
Pois é o lugar melhor
Que neste mundo se vê.

Eu que desde pequenino
Sempre ouvia falar
Nesse tal “São Saruê”
Destinei-me a viajar
Com ordem do pensamento
Fui conhecer o lugar.

Iniciei a viagem
Às duas da madrugada
Tomei o carro da brisa
Passei pela alvorada
Junto do quebrar da barra
Eu vi a aurora abismada.

Pela aragem matutina
Eu avistei bem defronte
A irmã da linda aurora
Que se banhava na fonte
Já o sol vinha espargindo
No além do horizonte.

Surgia o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço encande[s]cente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins dos horizontes
senti do dia o cansaço.

Enquanto a tarde caía
entre mistérios e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios do sol
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e tomei
o carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

Ao romper da nova aurora
senti o carro parar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revoltado banhando
as dunas da beira-mar.

Mais adiante uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra d'ouro puro
servindo de placa, eu vi
com as letras de brilhantes
chegando mais perto eu li
dizendo: "São Saruê"
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
era um povo alegre e forte
sadio e civilizado
bom tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo em “São Saruê”
tudo tem felicidade
passa bem, anda decente
não há contrariedade
sem precisar trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de rubim
as telhas, folhas de ouro
e o piso de cetim.

Lá eu vi rios de leite
barreira de carne assada
lagoa de mel de abelhas
atoleiro de coalhada
açude de vinho quinado
monte de carne guisada.

As pedras em “São Saruê”
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
já maduro e cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despocado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado.

Galinha põe todo dia
em vez de ovos é capão
o trigo em vez de semente
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vêm para as casas
são grandes gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome e nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Maniva lá não se planta
nasce e em vez de mandioca
bota cachos de beijus
e palmas de tapioca
milho, a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

As canas em “São Saruê”
em vez de bagaço é caldo
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica preparado.

Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados
os de sapatos da moda
têm cada cachos “aloprados”
os pés de meias de seda
chega vivem escangalhados.

Sítios de pés de dinheiros
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrasta pelo chão
as moitas de prata e níquel
são mesmo que algodão.

Os pés de notas de contos
carrega que encapota
pode tirar-se à vontade
quanto mais velho mais bota
além dos cachos que têm
cascas e folhas, tudo é nota.

Lá os pés de casimiras
brim borracha e tropical
raiom, brim de linho e cáqui
e de seda especial
já botam as roupas prontas
própria para o pessoal.

Lá quando nasce um menino
não dar trabalho a criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
canta, corre, salta e faz
tudo quanto se mandar.

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho à vontade
quando sai fora parece
ter 20 anos de idade.

Lá não se ver mulher feia
e toda moça é formosa
alva, rica e bem decente
fantasiada e cheirosa
igual a um lindo jardim
repleto de cravo e rosa.

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
passando bem e gozando
prazer, amor, simpatias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

Ao sair de lá me deram
uns pacotes de papéis
era dinheiro emarçado
notas de contos de réis
quinhentos, duzentos e cem
de cinquenta, vinte e dez.

Lá existe tudo quanto é de beleza
tudo quanto é bom, belo e bonito
parece um lugar santo e bendito
ou o jardim da Divina Natureza
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa

para onde Moisés e Aarão
conduzia o povo de Israel
onde dizem que corria leite e mel
e caía manjar do céu ao chão.

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, bem-querer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranqüilidade e alegria
na véspera d'eu sair naquele dia
um discurso poético lá eu fiz
me deram a mandado do juiz
um anel de brilhante e de rubim
no qual um letreiro diz assim:
– feliz é quem visita este país.

Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quiser ir para lá
posso ensinar o caminho
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

Campina Grande, 07/05/1956.

(Transcrito de *Literatura popular em verso*, pp. 555 – 558)

OTACÍLIO BATISTA

(São José do Egito, PE, 1923)

No poema “Cantadores do Nordeste”, em que Manuel Bandeira diz ter sido “juiz numa função/ De violeiros do Nordeste/ Cantando em competição”, há, nos versos finais, a seguinte alusão a Otacílio Batista: “Saí dali convencido/ Que não sou poeta não,/ Que poeta é quem inventa/ Em boa improvisação,/ Como faz Dimas Batista/ E Otacílio, seu irmão”. Otacílio publicou, entre outros, *Poemas que o povo pede*, *Poemas e canções* e *Os três irmãos cantadores*. “Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor” ficou conhecido por ter virado letra de música de Zé Ramalho (cantada por Amelinha).

*Mulher nova, bonita e carinhosa
faz o homem gemer sem sentir dor*

Numa luta de gregos e troianos
Por Helena a mulher de Menelau
Conta a história que um cavalo de pau
Terminava uma guerra de dez anos
Menelau o maior dos espartanos
Venceu Páris o grande sedutor
Humilhando a família de Heitor
Em defesa da honra caprichosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

Alexandre figura desumana
Fundador da famosa Alexandria
Conquistava na Grécia e destruía
Quase toda a população tebana
A beleza atrativa de Roxana

Dominava o maior conquistador
E depois de vencê-la, o vencedor
Entregou-se à pagã mais que formosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

A mulher tem na face dois brilhantes
Condutores fiéis do seu destino
Quem não ama o sorriso feminino
Desconhece a poesia de Cervantes
A bravura dos grandes navegantes
Enfrentando a procela em seu furor
Se não fosse a mulher mimosa flor
A história seria mentirosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigo nem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão
Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do Condor
Dominava uma fera perigosa
Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

PATATIVA DO ASSARÉ

(Assaré, CE, 1909)

Patativa do Assaré é um grande nome da nossa literatura popular. Poeta social, já teve textos estudados em várias universidades (como é o caso da Sorbonne, na disciplina Literatura Popular Universal). Sua poesia “reflete todo o mundo visionário e fantasmagórico do caboclo. Pode-se identificar perfeitamente uma cosmovisão ou ideologia cabocla, desapontada com a modernização, sedenta de justiça, marcada pela saudade, impregnada de misticismo, serviçal, disponível, leal” (Plácido Cidade Nuvens). O volume *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*, editado em 1978 pela Vozes, reúne o principal da sua produção poética.

Cante lá, que eu canto cá

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
Aprendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.

Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaçou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feção
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é munto ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.

Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiaí,
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.

Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a semente
Que nasce intriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima compreta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,
Que quem tem pôca leitura,
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.

Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra,
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruta de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já ta ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro manso,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôorso um isquêro
Do mais bonito metá.

Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.

Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

(Transcrito de *Cante lá que eu canto cá*, pp. 25 – 29)

ZÉ DA LUZ

(Itabaiana, PB, 1904 – Rio de Janeiro, RJ, 1965)

Zé da Luz (Severino de Andrade Silva), como observou Manuel Bandeira, “pertence àquela categoria de poetas intermediários entre a poesia culta da cidade e a poesia dos improvisadores sertanejos”. José Lins do Rego disse que ler Zé da Luz é como “escutar o falar arrastado do povo, nos erres comidos, nos eles sem força”. Sobre a deformação da linguagem operada pelo poeta, Altimar Pimentel faz o seguinte comentário: “Questiona-se a validade da linguagem propositalmente deformada para melhor retratar a gente analfabeta de que o poeta se faz intérprete. Mas, de modo inverso, questiona-se também o estilo de José de Alencar, com Iracema, Pery ou Ubirajara de frases poéticas, sentimentos nobres, linguagem rebuscada”. Poeta social, Zé da Luz publicou *Brasil caboclo* e *O sertão em carne e osso* (em edição de 1979, a Editora Acauã, de João Pessoa, reuniu essas duas obras).

Brasí Cabôco

O qui é Brasí Cabôco?

É um Brasí deferente
Do Brasí das capitá.
É um Brasí brasilêro,
Sem mistura de istrangêro,
Um Brasí nacioná!

É o Brasí qui não veste
Liforme de gazimira,
Camisa de peito duro,
Cum butuadura de ouro...
Brasí Cabôco só veste,

Camisa grossa de lista,
Carça de brim da “Polista”
Gibão e chapéu de couro!

Brasí Cabôco não come
Assentado nos banquete,
Misturado cum os hôme
De casáca e anelão...
Brasí Cabôco só come
O bode sêco, o feijão,
E as vêz uma paneláda,
Um pirão de carne verde,
Nos dias das inleição,
Quando vai servi de iscáda
Prôs hôme de pusição!

Brasí Cabôco não sabe
Falá ingrês nem francês,
Munto meno o português
Qui os outro fala imprestádo...
Brasí Cabôco não iscreve;
Munto má assína o nome
Prá votá, prumóde os hôme
Sê Gunverno e Diputádo!

Mas porém, Brasí Cabôco,
É um Brasí brasilêro,
Sem mistura de istrangêro
Um Brasí nacioná!

É o Brasí sertanêjo
Dos côco, das imboláda,
Dos samba, dos rialêjo,
Zabumba e caracaxá!

É o Brasí das vaquêjáda,
Do abôio dos vaquêro,
Do arranco das boiáda
Nos fechado ou tabulêro!

É o Brasí das cabôca
Qui tem os óio feiticêro,
Qui tem a bôca incarnada,
Como fruta de cardêro
Quando ela náce alêjáda!

É o Brasí das promessa
Nas noite de São João!
Dos Carro-de-bôï cantando
Pela bôca dos cocão!

É o Brasí das cabôca
Qui cum sabença gunverna,
Vinte e cinco pá-de-birro
Cum a munfada entre as perna!

Brasí das briga de Galo!
Do jôgo do “Sôco-tôco”!
É o Brasí dos cabôco
Amansadô de cavalo!

É o Brasí dos cantadô,
Dêsses cabôco afamado,
Qui nos verso impruvisado,
Sirrindo cantáro o amô;
Cantando choráro as mágua:
– Brasí de Pelino Guéde,
De Ináço da Catinguêra,
De Ugulino do Texêra,
E Rumano da Mãe-d’água!

É o Brasí das cabôca,
Qui de noite se dibruça,
Machucando os peito virge
No batente das jinéla...
Vendo, os cabôco pachóla,
Qui geme, chora e salúça
Nas corda de uma vióla,
Ruendo paxão, prú éla!

É êsse o Brasí Cabôco.
Um Brasí bem brasilêro,
Sem mistura de istrangêro
Um Brasí nacioná!

Brasí, qui foi, eu tou certo,
Argum dia discuberto,
Prú Pêdo Arves Cabrá!!!

(Transcrito de *Brasil caboclo; O sertão em carne e osso*, pp. 17 – 20)

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Henrique L. (org.). *Poetas contemporâneos*. São Paulo: Roswitha Kempf, 1985.
- ALVIM, Francisco. *Elefante*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. “Ascânio Lopes”. In: *Poesia e prosa* (organizada pelo autor; introdução de Afrânio Coutinho, Emanuel de Moraes e outros). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 1336 – 1338.
- ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. 2ª ed., com fixação de textos e notas de Haroldo de Campos. São Paulo: Globo/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- ANJOS, Augusto. *Eu* (texto conforme a 1ª edição, de 1912, com revisão e atualização ortográfica de Irani da Silva Medeiros e apresentação de Chico Viana – “A estética dissonante de Augusto dos Anjos”). João Pessoa: Ed. da UFPB, 1999.
- ARCHANJO, Neide. *As marinhas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
- ARRIGUCCI JR., Davi. “O humilde cotidiano de Manuel Bandeira”. In: *Os pobres na literatura brasileira* (org. Roberto Schwarz). São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 106-122.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa* (vol.3). Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes; Crato: Fundação Pe. Ibiapina/Instituto Cultural do Cariri, 1978.
- ÁVILA, Affonso. *Discurso da difamação do poeta* (antologia com comentários e sugestões para um estudo da poesia de A. Ávila de Affonso Romano de Sant’Anna). São Paulo: Summus, 1978.
- AZEVÉDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- BANDEIRA, Manuel (org.). *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna* (vol. 1). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

- _____. *Antologia dos poetas brasileiros: fase parnasiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- _____. *Antologia dos poetas brasileiros: fase simbolista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- _____. *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa* (organização do autor; introdução geral de Afrânio Coutinho e outros; notas preliminares de Franklin de Oliveira e outros). 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1974.
- _____. *Apresentação da poesia brasileira* (seguida de uma antologia de poetas brasileiros; prefácio de Otto Maria Carpeaux). Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- BANDEIRA, Manuel; AYALA, Walmir (org.). *Antologia dos poetas brasileiros: fase moderna* (vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBOSA FILHO, Hildeberto. “Braulio Tavares” (nota de apresentação do poeta). In: *Coletânea de autores paraibanos* (coord. Sérgio de Castro Pinto). João Pessoa: Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, s/d, p. 55 – 56.
- _____. “O domicílio poético de Sérgio de Castro Pinto”. In: *A convivência crítica*. João Pessoa: Gov. do Estado, 1985, p. 96 – 104.
- BATISTA, Otacílio. *Poemas escolhidos*. João Pessoa: Boa Impressão Gráfica e Editora, 1993.
- BILAC, Olavo. *Poesias*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.
- _____. *Obra reunida* (organização e introdução de Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- BOMFIM, Paulo. *50 anos de poesia*. São Paulo: Green Forest do Brasil, 1998.
- BOPP, Raul. *Poesia completa* (organização, preparação do texto e comentários Augusto Massi). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: EDUSP, 1998.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- _____. *O pré-modernismo*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d. (Coleção A Literatura Brasileira, v. 5).
- BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mario; FACIOLI, Valentim (org.). *Machado de Assis* (antologia e estudos com participação especial de Antonio Callado e outros). São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Escritores Brasileiros/antologia & estudos, v. 1).
- BRASIL, Assis (org.). *A poesia fluminense no século XX*: antologia. Rio de Janeiro: Imago/Fundação Biblioteca Nacional; Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998. (Coleção Poesia Brasileira).
- _____. *A poesia maranhense no século XX*: antologia. Rio de Janeiro: Imago; São Luís: SIOGE, 1994. (Coleção Poesia Brasileira).

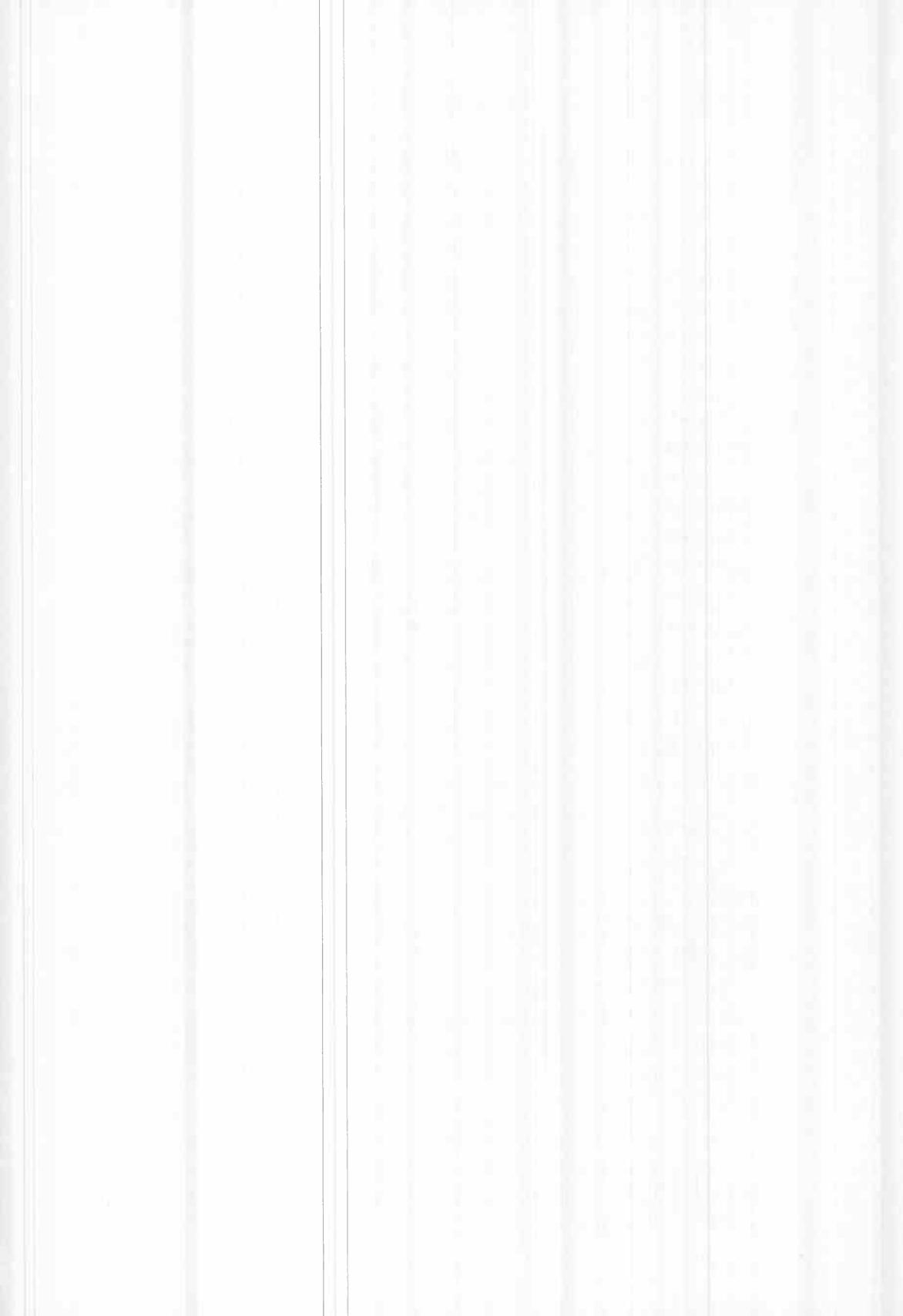
- BRASIL, Assis. *Dicionário prático de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979.
- BUENO, Alexei. “As muitas vozes do tempo”. In: MASSI, Augusto (org.). *Artes e ofícios da poesia*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991, p. 42 – 50.
- CAMPOS REIS, Zenir. “Para cantar de preferência o Horrível!”. In: *Os pobres na literatura brasileira* (org. Roberto Schwarz). São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 63 – 67.
- CAMPOS, Augusto de. *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo: Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: Modernismo*. 5ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- _____. *Presença da literatura brasileira: Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo*. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.
- CARDOZO, Joaquim. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1971. (Coleção Poesia Hoje, v. 20).
- CARONE, Modesto. “Severinos e comendadores”. In: *Os pobres na literatura brasileira* (org. Roberto Schwarz). São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 165 – 169.
- CARVALHO, Francisco. *Quadrante solar*. São Paulo: L R Editores, 1983.
- CARVALHO, Ronald de. *Toda a América*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1926.
- CARVALHO, Vicente de. *Poemas e canções*. 4ª ed. aumentada. São Paulo: Casa Editora “O LIVRO”, 1919.
- CASTRO PINTO, Sérgio de. *A ilha na ostra*. João Pessoa: Edições Sanhauá, 1970.
- CIDADE NUVENTS, Plácido. “Patativa do Assaré, poeta social”. In: ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*. Petrópolis: Vozes; Crato: Fundação Pe. Ibiapina/Instituto Cultural do Cariri, 1978, p. 9 – 10.
- CIRCUITO DE POESIA MARANHENSE (antologia). São Luís: CEUMA, 1995.
- COSTA DUARTE, Edson. “A poesia amorosa de Hilda Hilst”. In: HILST, Hilda. *Do amor*. São Paulo: Massao Ohno, 1999, p. 89 – 95.
- COSTA, Sosígenes. *Obra poética*. 2ª ed. revista e ampliada por José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1978.
- COUTINHO, Afrânio; GALANTE DE SOUSA, J. (org.). *Enciclopédia de literatura brasileira* (volumes 1 e 2). Rio de Janeiro: FAE, 1989.
- COUTINHO, Edilberto. *O livro de Carlos*: Carlos Pena Filho, poesia e vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- CHAMIE, Mário. *Caravana contrária*: poemas. São Paulo: Geração Editorial, 1998.
- D’OLIVEIRA, Felipe. *Lanterna verde*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1926.
- DA COSTA E SILVA, Alberto. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

- DA COSTA E SILVA, Antonio Francisco. *Poesias completas* (com estudos sobre o poeta de Oswaldino Marques e José Guilherme Merquior). 4ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- DIAS-PINO, Wladimir. “As palavras”. In: *Sarã*. Cuiabá: [sem editor], 1952, n° 7, p. 6.
- ESPINHEIRA FILHO, Ruy. “Além da felicidade formal”. In: MASSI, Augusto (org.). *Artes e ofícios da poesia*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991, p. 292 – 301.
- _____. *Poesia reunida e inéditos: 1966 – 1998*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FARIA, Álvaro Alves de; MOISÉS, Carlos Felipe (org.). *Antologia poética da geração 60*. São Paulo: Nankin Editorial, 2000.
- FAUSTINO, Mário. *Poesia completa/poesia traduzida* (introdução, organização e notas de Benedito Nunes). São Paulo: Max Limonad, 1985.
- FÉLIX, Moacyr (org.). *41 poetas do Rio*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1998.
- FÉLIX, Moacyr. *Singular plural*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FERREIRA DA SILVA, Dora. *Poesia reunida* (apresentação de Gerardo Mello Mourão). Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- FERREIRA, Ascenso. *Poemas de Ascenso Ferreira* (textos introdutórios de Manuel Bandeira e Sérgio Milliet). 5ª ed. Recife: Nordestal, 1995.
- FONTELA, Orides. *Teia: poemas* (prefácio de Marilena Chauí). São Paulo: Geração Editorial, 1996.
- FREITAS FILHO, Armando. *À mão livre – 1975-1979*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. (Coleção Poiesis).
- FRÓES, Leonardo. *Vertigens: obra reunida – 1968-1998* (edição fixada e revista pelo autor, com textos introdutórios de José Thomaz Brum, Ciro Barroso e Ivan Junqueira). Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GIRÃO BARROSO, Antônio. *Poesias incompletas*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1994.
- GÓES, Fred; MARINS, Álvaro. “Labirinto sem limites”. In: LEMINSKI, Paulo. *Melhores poemas*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1997, p. 7 – 25. (Coleção Os Melhores Poemas, v. 33).
- GONÇALVES, Magali Trindade; AQUINO, Zélia Thomaz de; SILVA, Zina Bellodi. *Antologia de antologias: 101 poetas brasileiros “revisitados”* (prefácio de Alfredo Bosi). São Paulo: Musa, 1995. (Coleção Ler Os Clássicos, v. 4).
- GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesias* (vol. 1). 2ª ed. aumentada e revista por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.
- GULLAR, Ferreira. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Fontana; São Paulo: Summus, s/d.
- HILST, Hilda. *Do amor*. São Paulo: Massao Ohno, 1999.
- HOLANDA, Lourival. “Uma poesia de asas e garras”. In: SUASSUNA, Ariano. *Poemas* (seleção, organização e notas de Carlos Newton Júnior). Recife: Ed. da UFPE, 1999.

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Esses poetas: uma antologia dos anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- _____. *26 poetas hoje*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- JUNQUEIRA, Ivan. “Dante Milano: poeta do pensamento”. In: MILANO, Dante. *Poesias*. Petrópolis: Firmo, 1994, p. 1-25. (Coleção “Pedra Mágica”, v. 1).
- JUNQUEIRA, Ivan. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LEMINSKI, Paulo. *Caprichos & relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Cantadas Literárias, v. 13).
- LEONI, Raul de. *Luz mediterrânea*. 4ª ed. com prefácio de Rodrigo Melo Franco de Andrade. São Paulo: Martins, 1946.
- LIMA, Jorge de. *Poesias completas* (vol. III). Rio de Janeiro: J. Aguilar; Brasília: INL, 1974.
- LISBOA, Henriqueta. *Lírica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- LITERATURA POPULAR EM VERSO (antologia com prefácio de Thiers Martins Moreira; seleção, introdução e comentários de Manoel Cavalcanti Proença). Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1964, tomo I.
- LOANDA, Fernando Ferreira. *Kuala Lumpur*. São Paulo: Massao, 1991.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- LUZ, Zé da. *Brasil caboclo; O sertão em carne e osso* (prefácio de José Lins do Rego; apreciação crítica de Manuel Bandeira). João Pessoa: Acauã, 1979.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado, 1985. (Coleção Escritores dos Países de Língua Portuguesa, v. 4).
- MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas* (estudo crítico: Darcy Damasceno; seleção e nota editorial: Paulo Mendes Campos; notícia biográfica e bibliografia: Darcy Damasceno). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra: 1962-1965*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.
- _____. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MELO RESENDE, José Camelo de. *O pavão misterioso* (texto revisto e classificado por Hélio Cavenaghi). São Paulo: Luzeiro, 1980. (Coleção Luzeiro/Literatura de Cordel).
- MENDES CAMPOS, Paulo. *Melhores poemas* (seleção de Guilhermino César). São Paulo: Global, 1990. (Coleção Os Melhores Poemas, v. 22).
- MENDES, Murilo. *Antologia poética* (seleção de João Cabral de Melo Neto; introdução de José Guilherme Merquior). Rio de Janeiro: Fontana; Brasília: INL, 1976.
- _____. *Poesia completa e prosa* (organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

- MERQUIOR, José Guilherme. “Indicações para o estudo da obra de Da Costa e Silva”. In: DA COSTA E SILVA, Antonio Francisco. *Poesias completas*. 4ª ed. revista e anotada por Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 37 – 45.
- _____. “O desenho poético de Armando”. In: FREITAS FILHO, Armando. *À mão livre – 1975-1979*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 9 –12. (Coleção Poiesis).
- MILANO, Dante. *Poesias* (apresentação de Ivan Junqueira). Petrópolis: Fumo, 1994. (Coleção “Pedra Mágica”, v. 1).
- MILLIET, Sérgio. “Carece ler Dantas Mota”. In: MOTA, Dantas. *Elegias do País das Gerais: poesia completa* (introdução de Carlos Drummond de Andrade). Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1988, p. 333-334. (Coleção Resgate/INL, v. 6).
- MORAES, Vinícius de. *Antologia poética*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- MOTA, Dantas. *Elegias do País das Gerais: poesia completa* (introdução de Carlos Drummond de Andrade). Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1988. (Coleção Resgate/INL, v. 6).
- MOTA, Mauro. *Antologia em verso e prosa* (organizada por Ivan Cavalcanti Proença). Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1982.
- MOURÃO, Gerardo Mello. *Invenção do mar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- NEJAR, Carlos. *Melhores poemas* (seleção de Léo Gilson Ribeiro). São Paulo: Global, 1997. (Coleção Os Melhores Poemas, v. 10).
- NUNES, Benedito. “A poesia de Mário Faustino”. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia completa poesia traduzida*. São Paulo: Max Limonad, 1985, p. 19 – 46.
- OLIVEIRA, Marly de. *Antologia poética* (organização e prefácio de João Cabral de Melo Neto). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- OSAKABE, Haquira. “A ronda do Anticristo”. In: *Os pobres na literatura brasileira* (org. Roberto Schwarz). São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 227 – 231.
- PAES, José Paulo. “A presença do sagrado, numa obra sensível e plena”. In: FERREIRA DA SILVA, Dora. *Poesia reunida* (apresentação de Gerardo Mello Mourão). Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 410 – 413.
- PAES, José Paulo; MOISÉS, Massaud (org.). *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- PICCHIA, Menotti del. *Poesias – 1907-1946*. São Paulo: Martins/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado, 1978.
- PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- PIVA, Roberto. *Antologia poética*. Porto Alegre: L & PM, 1985. (Coleção Olho da Rua).

- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- QUINTANA, Mário. *Melhores poemas* (seleção de Fausto Cunha). 11ª ed. São Paulo: Global, 1997. (Coleção Os Melhores Poemas, v. 4).
- REVISTA CLÁ. Fortaleza: Edições Clá/Universidade Federal do Ceará, 1981, nº 27.
- REVISTA VERDE (segunda fase). Cataguases: [sem editor], maio de 1929, nº 1.
- RICARDO, Cassiano. *Poesias completas* (prefácio de Tristão de Athayde). Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- ROCHA, José Pacheco da. *A chegada de Lampião no inferno* (texto revisto e classificado por Hélio Cavenaghi). São Paulo: Luzeiro, s/d. (Coleção Luzeiro/Literatura de Cordel).
- SÁ, Álvaro de. *12 x 9*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1967.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Intervalo amoroso e outros poemas escolhidos*. Porto Alegre: L & PM, 1999. (Coleção L & PM Pocket, v. 153).
- SANTANA, Valdomiro. *Literatura baiana: 1920-1980*. Rio de Janeiro: Philobibliun; Brasília: INL, 1986.
- SCHMIDT, Augusto Frederico. *Poesia completa* (introdução de Gilberto Mendonça Teles). Rio de Janeiro: Topbooks/Faculdade da Cidade, 1995.
- SILVA BRITO, Mário da. *História do modernismo brasileiro: 1/antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Vera Cruz, v. 63).
- SILVA RAMOS, Péricles Eugênio da (org.). *Poesia moderna*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.
- SIMON, Iumna Maria. "Na praça de convites". In: *Os pobres na literatura brasileira* (org. Roberto Schwarz). São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 140 – 148.
- SUASSUNA, Ariano. *Poemas* (seleção, organização e notas de Carlos Newton Júnior). Recife: Ed. da UFPE, 1999.
- TAVARES, Braulio. *O homem artificial: poemas*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- TAVARES, Ildásio. *Poemas seletos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/COPENE, 1996.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Melhores poemas* (seleção de Luiz Busatto). 2ª ed. São Paulo: Global, 1994. (Coleção Os Melhores Poemas, v. 27).
- TELLES ALVES, Afonso (org.). *Antologia de poetas brasileiros*. São Paulo: Logos, 1961.
- TOLENTINO, Bruno. *Os deuses de hoje* (introdução de Antônio Paulo Graça). Rio de Janeiro: Record, 1995.
- UCHOA LEITE, Sebastião. "Gênese de um processo poético". In: MASSI, Augusto (org.). *Artes e ofícios da poesia*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991, p. 308 – 312.
- _____. *Obra em dobras: 1960-1988*. São Paulo: Duas Cidades, 1988. (Coleção Claro Enigma).
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. (Série Revisão, v. 2).



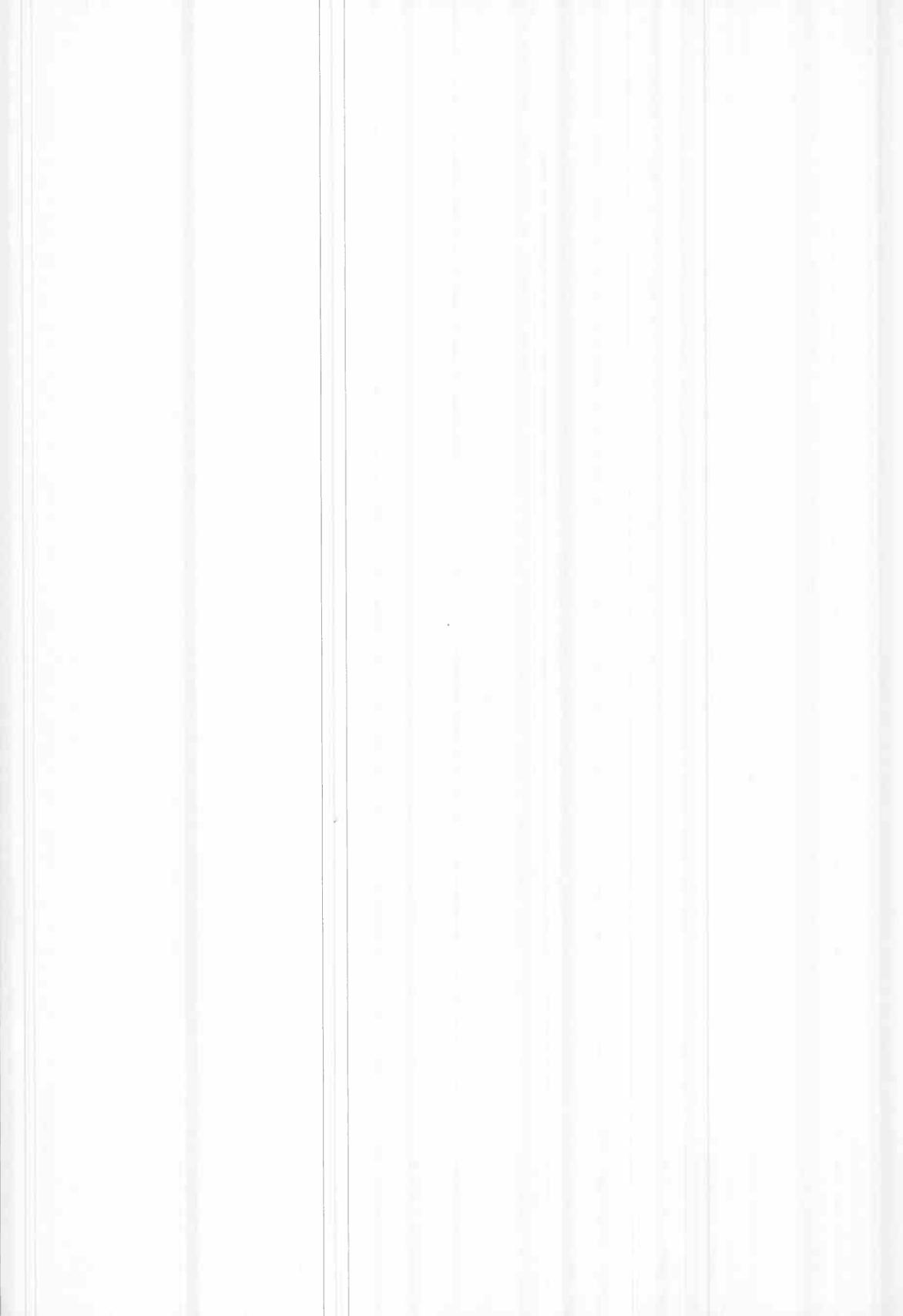
SOBRE O ORGANIZADOR E OS PESQUISADORES

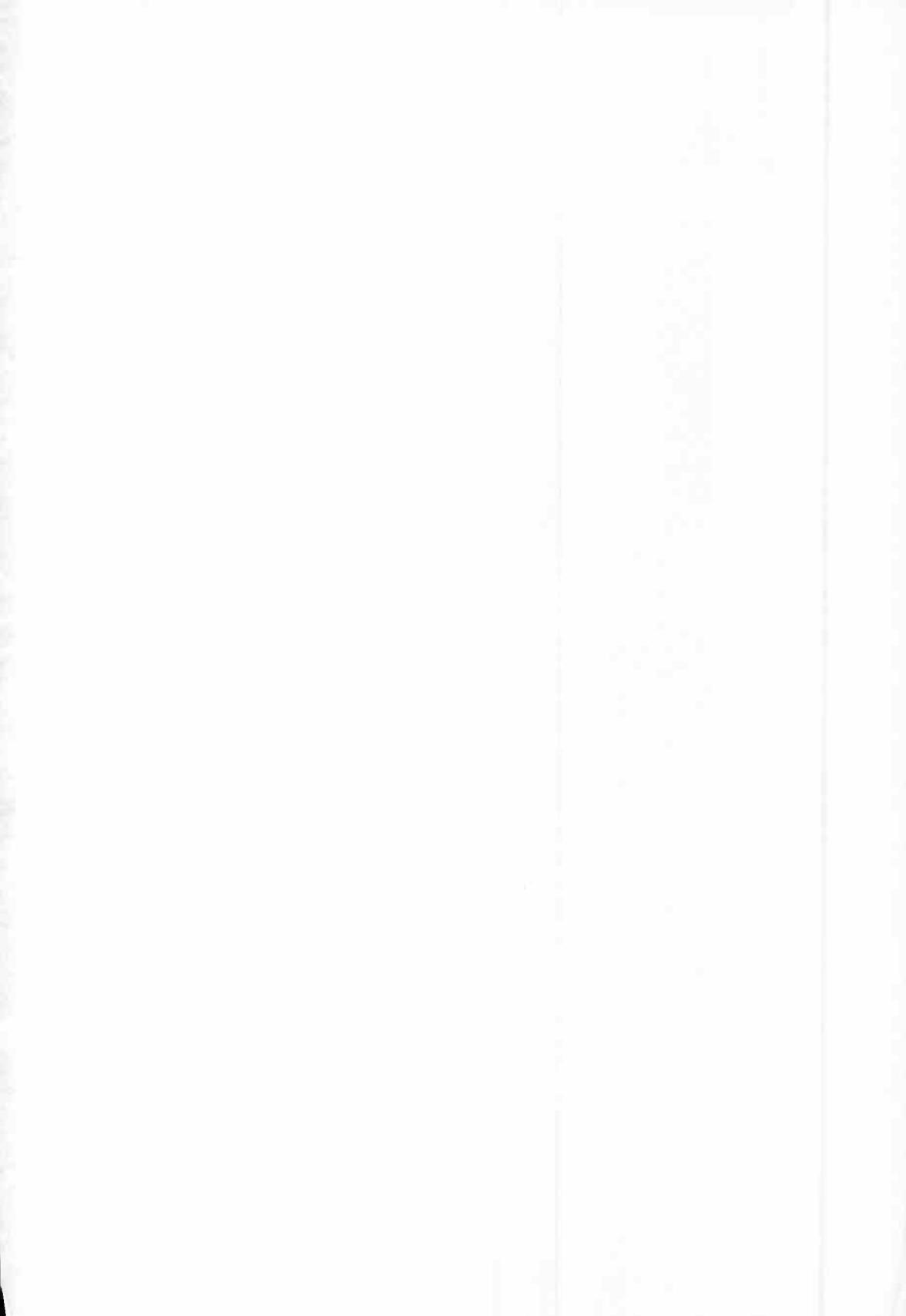
JOSÉ NÊUMANNE PINTO ocupou vários cargos importantes na imprensa brasileira (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, SBT). Foi secretário de redação, chefe de redação, editor de política, comentarista político, repórter especial. Atualmente, é editorialista do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, comentarista da Rádio Jovem Pan e colunista do site *Cineclick*, especializado em cinema. Nêumanne transita entre o jornalismo e a literatura. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *Mengele, a natureza do mal* (1985), *Erundina, a mulher que veio com a chuva* (1989), *A República da Lama – uma tragédia brasileira* (1992), *Barcelona, Borborema* (1992, poesia) e *Solos do Silêncio* (1996, poesia reunida). Entre outros prêmios, recebeu o Esso de Jornalismo Econômico, que dividiu com Maria Inês Caravaggi (1975).

RINALDO DE FERNANDES é doutorando em Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas/SP, com pesquisa sobre o romance histórico hispano-americano (enfoque especial sobre *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa). Mestre em Literatura Brasileira, defendeu em 1995 dissertação sobre a poesia de Chico Buarque. Tem trabalhos publicados em revistas científicas e suplementos literários. Professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Paraíba, Rinaldo de Fernandes tem interesse tanto pela pesquisa acadêmica quanto pela criação literária. É contista – *O Caçador* (1996) e *O perfume de Roberta* (no prelo).

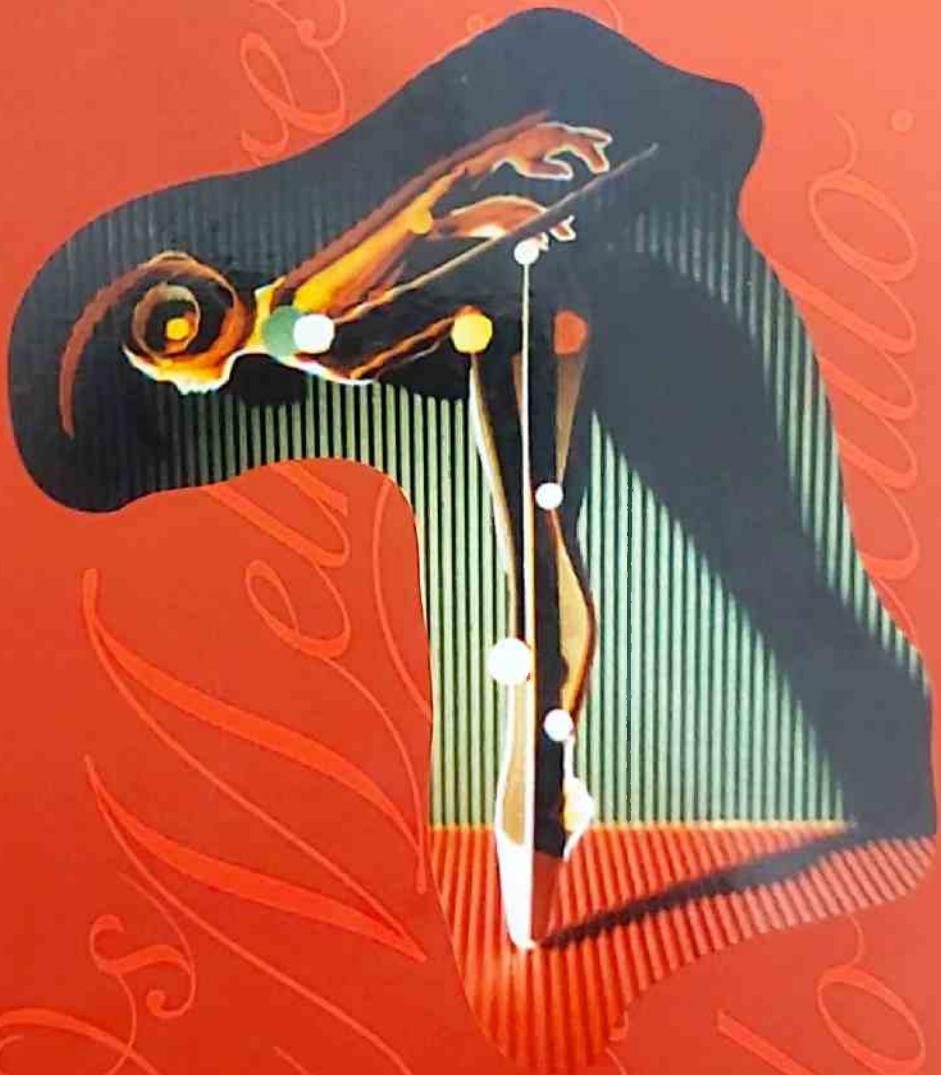
SANDRA MOURA é doutoranda em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com trabalho sobre jornalismo

investigativo (focaliza o processo de investigação de Caco Barcellos em *Rota 66*). Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, com dissertação sobre as relações entre jornalismo e literatura, vistas a partir das reportagens de Marcos Faerman no *Jornal da Tarde*. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, atuou em redações de jornais e assessorias de imprensa. É professora do Curso de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, onde foi Chefe de Departamento de 1996 a 1998.





As Mulheres Leituras
Com a Poetisa do



ISBN 857509003-8



9788575090039